

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

AS ETNIAS PRESENTES NA FORMAÇÃO DA VILA NOVA
NO 7º DISTRITO DE PELOTAS-RS
Pelotas, RS.

Eliana Menezes de Souza

Pelotas, 2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



**AS ETNIAS PRESENTES NA FORMAÇÃO DA VILA NOVA NO 7º DISTRITO DE
PELOTAS – RS**

ELIANA MENEZES DE SOUZA

Pelotas
2018

ELIANA MENEZES DE SOUZA

**AS ETNIAS PRESENTES NA FORMAÇÃO DA VILA NOVA NO 7º DISTRITO DE
PELOTAS – RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial e final para obtenção do título de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da professora Dr^a Dalila Müller.

Orientadora: Professora Dr^a Dalila Müller.

Pelotas
2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S719e Souza, Eliana Menezes de

As etnias presentes na formação da Vila Nova no 7º Distrito de Pelotas – RS / Eliana Menezes de Souza ; Dalila Müller, orientadora. — Pelotas, 2018.

114 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Vila Nova. 2. Etnia. 3. Memória. I. Müller, Dalila, orient. II. Título.

CDD: 306

Eliana Menezes de Souza

**AS ETNIAS PRESENTES NA FORMAÇÃO DA VILA NOVA NO 7º DISTRITO DE
PELOTAS – RS**

Dissertação apresentada como requisito parcial e final para obtenção do título de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 26/06/2018.

Banca examinadora:

Prof. Profª Drª: Dalila Müller (Orientadora)

Prof. Profª Drª: Lorena Almeida Gill (PPGH – UFPel)

Prof. Profª Drª: Carla Rodrigues Gastaud (PPGMP – UFPel)

Profª Drª: Louise Prado Alfonso (PPGAnt – UFPel)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por mais esta conquista e por se fazer sempre presente na minha vida.

Agradeço à minha orientadora, Prof. Dr^a. Dalila Müller, que acreditou no meu trabalho, sempre estimulando e me dando apoio durante os dois anos de curso. Muito obrigada pela paciência e pelos ensinamentos nessa caminhada.

Agradeço ao Prof. Dr. Fábio Vergara por todo o incentivo, confiança e amizade. E à Prof. Dr^a Lorena Gil, sempre disposta a contribuir com seus ensinamentos em prol da pesquisa.

Agradeço a todos os demais professores do Programa da Pós-graduação em História, foi muito importante cada aula, cada aprendizado nessa trajetória.

Agradeço a professora Dr^a Louise Alfonso, por ter sido a primeira pessoa a ter me incentivado a cursar o mestrado.

Não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que posso considerar como amigas e que me apoiaram e me incentivaram ao longo do curso. Patrícia Cruz, minha amiga de todas as horas, seu apoio foi fundamental, dizer obrigada, às vezes, não é suficiente para agradecer a tão amável e gentil pessoa que, nos momentos mais difíceis, me estendeu a mão, ofereceu amparo, disse o que eu realmente precisava ouvir. Muito obrigada por acreditar em mim, quando eu mesma deixava de acreditar. Meu amigo Leandro Ramos Betemps muito obrigada, pelo apoio e pelo incentivo de sempre. Prof. Gilberto Ebersol, sempre a postos, amigo querido, muito obrigada por tudo. Minha amiga Cristiane Ávila, obrigada por estar sempre disposta a ajudar nos momentos difíceis.

Quero agradecer à comunidade da Vila Nova por ser sempre tão receptiva e estar sempre disposta a contribuir com esta pesquisa. Agradeço toda a equipe de trabalho do Museu da Colônia Francesa pelo acolhimento durante todos esses anos em que participei desse grupo.

Sou eternamente grata ao meu pai José dos Santos Souza (*in memoriam*), pois sei que, de onde estiver, estará sempre torcendo por mim.

Agradeço à minha mãe Diva Menezes de Souza, ao meu filho Quiésler Souza de Souza e ao meu neto Rodrigo Silva de Souza, pois juntos seguramos todas as barras e conseguimos vencer todos os obstáculos impostos pela vida.

VALE

Descrever a nossa vila
Pela geografia...
Pode-se dizer
Que é um vale
Cercado de morros
Por todos os lados.

Se forasteiro for
Saia de perto
Em dias de temporal,
Pois lhe parecerá
Que raios assustadores
Caem todos por ali.

Mas não fuja de vez,
Retorne para aprender
Que de graça
Não se vive em paraíso.
Volte e se permita
Conhecer esse vale.

Não é de pronto
Que se gosta do lugar.
O apelo vem vindo
E cresce com a maturidade

Quando se encontram
A paz de dentro e a de fora.

Ao entardecer, com as sombras,
Tomando conta de cada conto,
Vem o momento de nostalgia,
Em que beleza e saudade
Tocam aos que olham
Pro morro do cemitério.

Os últimos raios de sol
Por entre o Cerro da Vigia
Refletem-se nos vidros e pedras
Dos túmulos lá do alto
Da Colônia Francesa
Onde estão os que se foram.

A dureza e a beleza
Daquela visão, entristecem...
Mas dão certeza aos moradores
Que seu lugar é ali, perto
De onde estão os seus mortos.

Que há o dever de viver
Também por eles.

Clésis Crochemore – Era uma vez lá fora

RESUMO

Souza, Eliana Menezes de. **As etnias presentes na formação da Vila Nova no 7º Distrito de Pelotas – RS**. 2018. 114f. Dissertação de Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

O presente trabalho tem como objetivo analisar como se deu o processo de formação da Vila Nova, que data o período de 1930 até 1960. Especificamente, busca-se identificar as etnias presentes no processo de formação da Vila Nova e sua contribuição para a expansão da localidade, bem como investigar as atividades econômicas, religiosas, educacionais e socioculturais da Vila Nova no início da sua formação. Para alcançar os objetivos, fez-se uso da metodologia de história oral, com a realização de entrevistas que posteriormente, foram transcritas e analisadas servindo, em conjunto com as consultas documentais, de suporte para o entendimento das questões étnicas que permearam a formação daquele espaço. As informações apontam discursos semelhantes nas narrativas sobre questões relacionadas à etnicidade e ligadas ao passado. As primeiras famílias que se estabeleceram na Vila Nova foram a família de Edmundo Bachini, descendente de italianos, na década de 1930; a família Crochemore, descendente de franceses que chegaram em 1933; e a família Carnal, descendente de alemães. No entanto, antes da chegada dessas famílias ao local, afrodescendentes ocupavam aquele espaço. Com o tempo, eles foram “empurrados” para outras localidades, trabalhando na Vila Nova de empregados e empregadas de famílias, nas residências e nas lavouras, ou em fábricas. Essas informações demonstram a diversidade étnica na localidade.

Palavras-chave: Vila Nova; Etnia; Memória.

RESUMÉE

Souza, Eliana Menezes de. Les groupes ethniques présents dans la formation de Vila Nova dans le 7ème arrondissement de Pelotas - RS. 2018. 114f. Mémoire de maîtrise en histoire dans le programme d'études supérieures en histoire, Institut des sciences humaines, Université fédérale de Pelotas, Pelotas, 2018.

Cette étude vise à analyser comment était le processus de formation de Vila Nova dans la période allant de 1930 à 1960. Plus précisément, il cherche à identifier les groupes ethniques présents dans la formation de Vila Nova et sa contribution à l'expansion de la localité; identifier les activités économiques, religieuses, éducatives et socioculturelles de Vila Nova au début de sa formation. Pour atteindre les objectifs a été fait usage de la méthodologie de l'histoire orale, des entrevues, ainsi que la transcription et l'analyse de ceux qui, ainsi que les consultations documentaires ont servi à appuyer la compréhension des questions ethniques impliqués dans la formation de cet espace. L'information souligne des discours similaires dans des récits sur des questions liées à l'ethnicité liée au passé. Les premières familles qui se sont installés à Vila Nova étaient Edmundo Bachini, d'origine italienne, dans les années 1930, la famille Crochemore, descendant français qui est arrivé en 1933, la famille Carnal, d'origine allemande. Mais avant que ces familles installent dans origine africaine locale qu'ils occupaient cet espace, mais ont été « poussés » vers d'autres lieux, travaillant à Vila Nova de salariés et les familles occupant un emploi, dans les maisons et dans les fermes ou dans les usines. Cette information démontre la diversité ethnique dans la localité.

Mots-clés: Vila Nova; Ethnicité; Mémoire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Região de Pelotas de 1967.....	14
Figura 2 - Mapa dos distritos de Pelotas.....	37
Figura 3 - Mapa com as respectivas divisas do 7º distrito de pelotas.....	38
Figura 4: Obelisco da colonização francesa.....	46
Figura 5 - Mapa indicando as presenças étnicas nos distritos de Pelotas.....	50
Figura 6 - Mapa do 5º setor censitário do 7º Distrito de Pelotas.....	51
Figura 7 - Mapa do 4º setor censitário do 7º Distrito de Pelotas.....	52
Figura 8 - Mapa do 7º Distrito de Pelotas.....	53
Figura 9 - Casa de Edmundo Bachini – primeira casa construída na Vila Nova.....	57
Figura 10 - Vestígios de uma senzala.....	59
Figura 11 - Sino encontrado nas ruínas da senzala.....	60
Figura 12 - Avó de Sônia.....	60
Figura 13 - Laidi, sua mãe e suas avós.....	61
Figura 14 - Estrada Geral.....	62
Figura 15 - Demarcação do Primeiro Núcleo da Vila Nova.....	69
Figura 16 - Bisavós de Sônia Gouveia Crochemore.....	71
Figura 17 - Casa comercial Crochemore.....	72
Figura 18 - Grupo Escolar Santo Antônio do Quilombo Vila Nova 7º Distrito de Pelotas, 1942.....	73
Figura 19 - Primeiras Professoras do Grupo Escolar.....	75
Figura 20 - Horta.....	76
Figura 21 - Meninas e as flores.....	76
Figura 22 - Time de futebol da escola.....	76
Figura 23 - Registro de doação do terreno onde foi construída a Escola Livro de registros de posses da Prefeitura Municipal de Pelotas, 1947.....	78
Figura 24 - Inauguração da Escola (1949).....	78
Figura 25 - Construção do Salão da Comunidade São Pedro.....	82
Figura 26 - Lápide do cemitério.....	83
Figura 27 - Mulheres na Fábrica da Família Crochemore (S/d).....	87
Figura 28 - Ficha de catalogação da fábrica.....	88
Figura 29 - Ficha de catalogação da fábrica.....	88

Figura 30 - Nelson Crochemore, s/d.	89
Figura 31 - Ficha de catalogação da fábrica.	90
Figura 32: Trabalhadores Rurais.....	92
Figura 33 - Diário de Lino Ribes.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	18
CAPÍTULO II A OCUPAÇÃO DA ZONA RURAL DE PELOTAS	26
2.1 A formação das Colônias.....	27
2.2 O Sétimo Distrito de Pelotas – Quilombo	34
CAPITULO III O CASO DA VILA NOVA	533
3.1 A formação da Vila Nova	544
3.2 Atividades Educacionais.....	733
3.3 Atividades Religiosas.....	82
3.4 Atividades econômicas (agricultura, comércio, indústria).....	844
3.5 Atividades socioculturais (bailes, futebol, festas).....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS	104

INTRODUÇÃO

Em 2015, apresentei ao Curso de Museologia na Universidade Federal de Pelotas o trabalho intitulado **Inclusão e exclusão comunitária no Museu da Colônia Francesa: um estudo de caso**.

Esse trabalho teve como finalidade analisar o Museu da Colônia Francesa, localizado na Vila Nova, em relação à sua comunidade. Para tanto, tomei como base a hipótese de que existiam interpretações subjetivas, por parte de vários grupos étnicos dentro da comunidade, em relação ao Museu. Nesse sentido, e tendo como foco principal os moradores do sétimo distrito de Pelotas, Quilombo, busquei identificar as razões que levaram esses grupos a se sentirem excluídos da instituição.

Após a análise, compreendi que o principal problema que leva a comunidade a se sentir excluída do museu é o nome da instituição. Essa questão remete à criação do museu, já que este nasceu do interesse de um pequeno grupo de descendentes franceses que mora na comunidade. Eles queriam preservar a história da colonização francesa na localidade e atrair turistas para contribuir com o desenvolvimento da região. Dessa forma, o Museu não contempla, ou contempla de maneira secundária, os descendentes de outras etnias que residem na Vila Nova, alguns desde o período de sua formação.

Constatei, por meio das entrevistas realizadas para a minha monografia com os moradores da comunidade, que há conflitos entre eles, principalmente entre descendentes franceses e descendentes de outras etnias, o que levou ao afastamento destes últimos das atividades do Museu, por considerarem que a instituição pertence ao grupo de descendentes franceses e não a comunidade como um todo. A comunidade quer um Museu que represente a diversidade étnica que existe na Vila Nova, que valorize a história de todos os moradores e não de um pequeno grupo.

Nessa perspectiva, os moradores da comunidade sugeriram, durante as entrevistas, algumas alternativas para uma possível integração dentro da instituição, sendo a principal delas a troca do nome do museu, pois as diferentes etnias não se veem representadas pela atual nomenclatura "Museu da Colônia Francesa". Todos os entrevistados foram unânimes quando falaram que essa é a principal barreira

existente para integração total da comunidade. Assim, eles sugerem nomes mais abrangentes, como: Museu da Colônia Santo Antônio, Museu da Colônia Vila Nova, Museu da Colônia do 7º Distrito Quilombo. Nomes mais abrangentes e que não remetam apenas aos descendentes franceses.

De certa forma, foi possível perceber, através dessas informações, que todos os entrevistados reconhecem a importância do trabalho que vem sendo feito na instituição, aprovam um museu na localidade, valorizam a colonização francesa na região. Contudo, eles querem o reconhecimento dos outros grupos que, igualmente, contribuíram para a formação desse distrito.

Com a conclusão do trabalho e do Curso de Museologia, fui incentivada pela banca a continuar a pesquisa. Isso me fez pensar na relevância das informações da pesquisa anterior e decidir investigar como se deu a formação da Vila Nova, nos seus primeiros anos, localizada na Serra dos Tapes, 7º Distrito de Pelotas, Quilombo, a 40 km da cidade de Pelotas.

As respostas ao questionamento anterior suscitaram a hipótese de que a formação da Vila Nova foi ocasionada a partir de diferentes etnias, as quais se relacionaram entre si nos casamentos, nas festas e bailes, na igreja, no futebol.

Desse modo, o objetivo deste trabalho é analisar como ocorreu o processo de formação da Vila Nova, no período de 1930 até 1960. Especificamente, busca-se identificar as etnias presentes no processo de formação da Vila Nova e sua contribuição para a localidade e, também, investigar as atividades econômicas, religiosas, educacionais e socioculturais da Vila Nova no início de seu desenvolvimento.

O recorte temporal deste estudo foi definido entre a década de 1930, após alguns dados da pesquisa apontarem que a formação da Vila Nova se deu no início dessa década, até 1960. Também é importante salientar que essa localidade possui uma grande diversidade étnica, sendo possível encontrar afrodescendentes, descendentes de franceses, descendentes de italianos, descendentes de alemães, entre outros, o que será discutido no decorrer deste trabalho.

O conceito de etnia deriva do grego *ethnos*, cujo significado é povo. A etnia representa a consciência de um grupo de pessoas que se diferencia dos outros por aspectos culturais, históricos, linguísticos, raciais, artísticos e religiosos, “tem um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como constituinte de

uma categoria distinguível de outras categorias da mesma ordem” (BARTH, 1969, p. 10-11).

Apesar de a noção de etnia, às vezes, estar associada ao conceito de raça, essas duas palavras não são sinônimas, a etnia inclui fatores culturais, como as tradições, a língua e as crenças religiosas, ou seja, a diferença entre o "eu" e o "outro". A raça, por sua vez, tem pelo menos dois sentidos analíticos: um reivindicado pela biologia genética e outro pela sociologia (GUIMARAES, 2003, p. 95).

A identidade étnica é construída e transformada, como qualquer outra identidade coletiva, na interação de grupos sociais através de processos de exclusão e inclusão que estabelecem limites entre tais grupos, definindo aqueles que o integram ou não (BURKE, 2002).

Para desenvolver essa pesquisa privilegiei a memória através de narrativas dos moradores e ex-moradores da Vila Nova e de imagens fotográficas fornecidas por eles. Além dessas fontes, utilizei arquivos da Igreja São Pedro, da escola Nestor Elizeu Crochemore, da fábrica de Conservas Crochemore, do Museu da Colônia Francesa e de particulares (Diário de Lino Ribes), do Museu do Saneamento de Pelotas, da Biblioteca Pública de Pelotas (jornais), do Arquivo Público de Porto Alegre (inventários), do cartório de registros de imóveis, entre outros. Assim, foi possível conhecer aspectos da gênese e da formação dessa localidade no período de 1930 a 1960.

Os trabalhos sobre a zona rural de Pelotas são pouco discutidos por historiadores. Especificamente, sobre a Vila Nova são muito escassos esses estudos, o que torna importante a realização desta pesquisa.

No ano de 1990, Marinês Grandó apresenta sua tese sobre a crise da agricultura na Colônia Francesa no Rio Grande do Sul, com o objetivo de interpretar a natureza da mesma. Ela traz uma informação a respeito da Vila Nova que contribui para a esta pesquisa, sobre os fundadores da Colônia Francesa de Santo Antônio, onde cita a quantidade de terras que cada um possuía ao se instalar naquela região. Dois sobrenomes aparecerem como proprietários de terras que se situava na Colônia Santo Antônio, onde se formou a Vila Nova: “Escallier, Pedro e Maria Bernard (casal) – 40 hectares de terras, que foram herdadas por Alfonso Crochemore e Julieta” (GRANDO, 1990, p. 204).

Segundo Leandro Betemps (2006), essas terras estão localizadas onde se formou parte da Vila Nova. Sobre Alfonso Elizeu Crochemore, o autor aponta que:

[...] depois de casar Alfonso e Julieta vieram morar na Vila Nova, em terras que herdou de seu padrinho Pedro Escallier Filho, ali fazia o vinho e fabricava tijolos na olaria. Afonso era proprietário de 40 hectares na colônia em 1933. (BETEMPS, 2006, p. 125).

Alfonso Elizeu Crochemore nasceu em 1898. em Santo Antônio, era casado com Julieta Geiger. Eram pais de Nestor Elizeu Crochemore, nascido em 1920. Segundo as narrativas, Nestor foi um homem de grande importância para a Colônia Francesa e para a Vila Nova, sendo considerado um dos primeiros moradores da localidade, juntamente com Edmundo Bachini, entre outros.

Em 2002, Leila Maria Wulff Fetter apresenta sua dissertação sobre a colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX. Nela observei os mapas que foram reunidos: nos mapas de 1911 e de 1928 não aparece a Vila Nova. No mapa de 1967 (Figura 1), a Vila Nova aparece como a localidade onde está situada a Escola Antônio José Domingues, que atualmente abriga o Museu da Colônia Francesa. A partir dessas informações, pode-se supor que a Vila Nova se forma após o ano de 1928 ou que a região passa a se denominar Vila Nova após essa data. Segundo as narrativas, um dos fatores que influenciou o nome da localidade foi o armazém de Edmundo Bachini, denominado de Vila Nova por ser o primeiro comércio a se estabelecer ali. Junto ao comércio havia um salão de bailes e, nos fundos da propriedade, um campo do time de futebol com a mesma denominação.



Figura 1 - Mapa da Região de Pelotas de 1967.

Fonte: Fetter (2002).

Segundo Betemps (2006, p. 66), “o surgimento de um povoado com um aglomerado maior de casas em 1940, próximo a Colônia Santo Antônio dá origem a Vila Nova”. Em 2009, Leandro Betemps defende sua dissertação que versa sobre a Colônia Francesa de Pelotas, localizada no 7º distrito de Pelotas, fundada em 25 de setembro de 1880. A única referência que ele faz à Vila Nova é a seguinte:

Foi por iniciativa de Daniel Capdeboscq que a intenção de construir uma Capela começou por volta de 1940. Mas com sua morte em 1947, ninguém se prontificou a construir a Capela. Foi Nestor Crochemore quem resolve propor que a Capela seja construída na colônia Manuel Dias, vizinha a de Santo Antônio, a fim de criar o povoado de Vila Nova. Naquela localidade já havia um agrupamento maior de casas. A Capela deveria se chamar São Pedro, por invocação ao Santo protetor de Pedro Escallier Filho, antigo proprietário do terreno onde foi construída a capela e também padrinho de Afonso Crochemore que foi quem herdou o terreno. Assim teve início a Igreja de São Pedro da Vila Nova. Em 13/05/1956 o reverendo Jacó Lorenzetti rezou a primeira Missa no local (BETEMPS, 2009, p. 75).

Pela afirmação de Betemps (2009), percebe-se que a Capela seria construída na Colônia Francesa na década de 1940, porém, isso não se concretiza. A igreja foi construída na década de 1950, em um terreno doado por Nestor Crochemore, “a fim de criar um povoado de Vila Nova”, onde “já havia um agrupamento maior de casas”, ou seja, no final dos anos de 1940, a região já possuía moradores.

Karem Mello da Silva conta em sua dissertação que buscou um diálogo com os moradores do 7º distrito de Pelotas. Na entrevista com o Sr. Nelson Crochemore, a autora relata: “[...] Sr. Nelson Crochemore, 76 anos na época, agricultor, proprietário da agroindústria de mesmo nome, nasceu e se criou na Vila Nova, a

mesma recebeu essa denominação em função do Clube de Futebol de Edmundo Bachini” (SILVA, 2009, p. 149). Nesse relato, percebe-se que é atribuído a um fato específico, a criação de um time de futebol, o nome da localidade, porém, não demonstra sua formação étnica.

Alcir Bach (2009) em sua dissertação que versa sobre o Patrimônio Industrial Rural faz referência à Vila Nova quando fala sobre o registro das fábricas no 7º distrito. Segundo ele, a primeira fábrica registrada e localizada na Vila Nova foi em 1952, de propriedade de Nélon Crochemore, descendente francês, e recebeu o nome fantasia de “Indústrias Reunidas Crochemore”. Essa fábrica encerrou as atividades em 1971.

Outra fábrica citada por Bach é pertencente a Nilo Crochemore, irmão de Nélon Crochemore, situada na Vila Nova, que começou as atividades também em 1952 e encerrou em 1964. Em seguida, o autor fala da fábrica de Conservas Sulmar de Nestor Elizeu Crochemore, filho de Alfonso Crochemore, que começou as atividades em 1954 e encerrou em 1976.

Bach fala também sobre a Fábrica de José Luiz Rodrigheiro, descendente de italiano, situada também na Vila Nova, que começou suas atividades em 1962 e encerrou em 1971. A Fábrica de Otávio Beskow, descendente de alemães, também localizada na Vila Nova, começou as atividades em 1968 e encerrou em 1972 (BACH, 2009). Atualmente, existe uma única fábrica na Vila Nova, dividida em duas sedes: a Indústria de Doces Caseiros Crochemore e a fábrica de Conservas Crochemore. Como não é objetivo do autor, ele não discute a formação dessa localidade, mas demonstra que as fábricas que existiram na Vila Nova eram de franceses (Crochemore), de italianos (Rodrigheiro) e de alemães (Beskow).

No ano de 2013, Tatiana Caetano Rocha fez um estudo de público no Museu da Colônia francesa, em que o foco foi a relação dos visitantes do entorno da instituição. No entanto, as informações trazidas por ela abordam a relação dos moradores da Vila Nova com o Museu da Colônia Francesa. Desse modo, a análise desse trabalho me ajudou a pensar e a entender um pouco mais sobre tais relações. No ano seguinte, a historiadora Cristiane de Ávila apresentou sua dissertação com o objetivo de investigar, junto aos moradores do Distrito de Quilombo do Município de Pelotas (RS) e da Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão, que se localiza no próprio Distrito, as memórias da experiência da escravidão e da experiência Quilombola. No que se refere à Vila Nova, Cristiane afirma: “os franceses iniciaram a

colonização no local que denominamos hoje Colônia Francesa e seus descendentes aos poucos foram ocupando a região da Vila Nova, onde em sua maioria se encontram hoje” (ÁVILA, 2014, p. 38).

Em julho de 2014, Sheila Fleming apresentou, em sua monografia de conclusão de curso, um estudo sobre o Museu da Colônia Francesa com o objetivo de entender a relação entre o museu e a comunidade da Vila Nova. A leitura do trabalho me fez refletir como se deu a formação inicial dessa localidade.

Em 2015, foram apresentadas duas monografias sobre o Museu da Colônia Francesa: a primeira foi apresentada por Marlene Matos da Fonseca e consistia em um estudo de caso acerca das ações educativas desenvolvidas no Museu. As informações foram importantes para entender como se dá a participação da escola junto ao Museu na Vila Nova. A segunda foi apresentada por mim e se tratava de uma abordagem a respeito da inclusão e da exclusão comunitária no Museu da Colônia Francesa, sendo este o estudo que despertou o interesse em pesquisar mais aprofundadamente a formação da Vila Nova, bem como as etnias presentes nessa localidade.

Esta pesquisa contribuirá, portanto, com reflexões sobre o Sétimo Distrito de Pelotas, em específico, sobre a Vila Nova, uma vez que, do conjunto de trabalhos acadêmicos/científicos analisados sobre a referida localidade, pouco foi encontrado levando-se em conta o vasto campo de possibilidades que nele se expressa, como demonstrado anteriormente.

Assim, a dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta as considerações teóricas e metodológicas, a fim de discutir os conceitos de memória, oralidade, construção de identidade e etnia para, então, analisar a formação da localidade denominada Vila Nova no 7º Distrito de Pelotas, Quilombo.

O segundo capítulo, visa identificar a ocupação da zona rural de Pelotas, com o objetivo de demonstrar que a colonização dessa região ocorreu a partir de iniciativas públicas e privadas, com a participação de imigrantes de diferentes etnias, o que contribuiu para a diversidade étnica na região. Para tanto, faço uma abordagem sobre o conceito de território como delimitação de espaço geográfico, bem como sobre a formação distrital da cidade de Pelotas, em específico a formação do 7º distrito e os diferentes grupos étnicos que a permearam.

O terceiro e último capítulo aborda a formação da Vila Nova no 7º distrito de Pelotas, intitulado **O caso da Vila Nova**. Em princípio, faz-se um histórico de sua

localização, apontando os grupos étnicos que contribuíram para sua formação e suas particularidades em relação à educação, religião, trabalho, lazer e cultura. O fio condutor deste trabalho é a história oral, a partir de entrevistas que foram gravadas, transcritas e analisadas, e os dados usados como fonte desta pesquisa.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

Levando em conta que a principal fonte de informação deste estudo são as narrativas de moradores e ex-moradores da Vila Nova, faz-se necessário discutir alguns pontos relevantes a ele.

Os conceitos e significados de *memória* são vários, pois a palavra não se reduz ao ato de recordar. De acordo com Todorov (1999, p. 26-7), “revelam os fundamentos da existência, fazendo com que a experiência existencial, através da narrativa, integre-se ao cotidiano fornecendo-lhe significado e evitando, dessa forma, que a humanidade perca raízes, lastros e identidades” .

Assim, a memória contribui para a construção da identidade porque nos possibilita registrar e elaborar os conceitos de si e de nós em oposição ao conceito de outro(s). Conhecer a experiência de cada grupo pode proporcionar o acesso a um passado em comum, construído pelas histórias dos antepassados que presenciaram e participaram de mudanças. Refaz-se, desse modo, o fio da memória, registrando e fortalecendo o sentido de identidade. Para Maria Teresa Brittes Moraes Lemos e Nilson Alves Moraes (2000, p. 9), “a memória é feita de fragmentos, elaborada pelo jogo das lembranças e do esquecimento, modo pelo qual o indivíduo mobiliza seu passado e atribui a este um sentido, fazendo relação com sua identidade”.

Segundo Ivan Izquierdo (1988, p. 89-90),

a memória é o nosso senso histórico, senso de identidade pessoal, busca-se através dela a conservação do passado através de representações que possam ser evocadas [...]. A memória nos traz lembranças e recordações de experiências individuais e coletivas que estão armazenadas no cérebro. [...] a memória é adquirida através de experiências, aprendizado, de algo que percebemos ou sentimos e isto está ligado ao nosso sistema nervoso, como o ato de andar, pensar, amar, etc. .

Isso consiste na capacidade de lembrar, de reconhecer rostos, lugares, línguas e outros elementos que são ligados por diferentes sistemas sensoriais que atribuímos à memória, como o cheiro de um perfume ou o sabor de um alimento que nos remete a emoções à medida que nossa imaginação vem à tona. Ainda de acordo com o autor mencionado anteriormente, a memória se classifica de acordo

com o tempo transcorrido entre a sua aquisição e a sua evocação da seguinte maneira: memória imediata, que corresponde ao agora (minutos, segundos); memória recentemente (horas ou poucos dias); e memória remota (semanas, meses e anos) (IZQUIERDO, 1988). A formação da memória após uma experiência vivida depende da seleção, da consolidação, da incorporação de mais informação e da formação de registros. Cada um desses fatores contribui para o acréscimo de informação à memória.

Ao relacionar memória e história, Pierre Nora afirma que “[...] as duas estão longe de ser sinônimos, uma se opõe a outra” (NORA, 1993, p. 9). Para o autor, a memória é a vida e está sempre evoluindo, a história é a representação do passado, uma análise do discurso crítico: “Tudo que é chamado de memória pode virar história, essa passagem obriga cada grupo a redefinir sua identidade para a história” (NORA, 1993, p. 17). Essa relação mostra que falar de memória é falar de história, e uma não existiria sem a outra, ambas são narrativas, discursos que atribuem significados à realidade do mundo.

Diante do exposto, escrever a história da formação da Vila Nova, a partir da memória dos moradores e ex-moradores, significa contribuir para a reconstrução da história social dessa localidade.

Para Maurice Halbwachs (2006, p. 16),

[...] a memória sai da perspectiva individual e passa a interagir com o meio onde o sujeito está colocado, assim sendo para evocar o passado é preciso recorrer a memória coletiva, pois a memória individual é uma construção social, mesmo sozinho o indivíduo recorda através de quadros construídos coletivamente.

Joel Candau afirma que a “memória é, acima de tudo, um processo pelo qual o sujeito reconstrói continuamente seu passado e atribui a ele um sentido de pertencimento na sua trajetória social.” (CANDAU, 2011, p. 9).

Partindo dessas características da memória, percebe-se que ela se refere ao passado, mas que se atualiza e obtém um significado presente em forma de um discurso construtivo do que se passou. Quando se fala em memória se fala também em identidade. Segundo Candau (2011, p. 19-21),

a memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana, portanto anterior em relação à identidade, que nada mais é do que uma representação, ou um estado adquirido, mas se entrecruzam

mutuamente e não há busca identitária sem memória e a busca da memória é sempre acompanhada pelo sentimento de identidade [...]. As noções de "identidade" e "memória" são ambíguas, pois ambas estão subsumidas no termo representações, um conceito operatório no campo das Ciências Humanas e Sociais, referindo-se a um estado em relação à primeira e a uma faculdade em relação à segunda.

Na Vila Nova, creio que isso não é diferente, parte dos grupos residentes ali, que foram identificados através das narrativas, buscam a preservação da memória com uma possível intenção de uma autoafirmação identitária.

Partindo desse pressuposto Hobsbawm (2010, p. 17) afirma que “provavelmente todas as sociedades que interessam ao historiador tenham um passado, pois mesmo as colônias mais inovadoras são povoadas por pessoas oriundas de alguma sociedade que já conta com uma longa história”. Conforme explica o autor, para algumas comunidades, o passado é o padrão do presente, isso é uma forma de reconhecimento e autoafirmação de identidade.

Pensar sobre identidades é também pensar sobre diferenças. Quando se fala na formação de uma comunidade, surgem a memória, a identidade e os valores atribuídos àquele espaço territorial através do discurso das pessoas na forma de representação.

Na pesquisa aqui apresentada, além da questão local, é salientada a questão da etnia, tendo em vista que parte dos moradores da Vila Nova são descendentes de etnias europeias que colonizaram a zona rural de Pelotas.

Regina Weber, embasada em Max Weber, diz que:

[...] chamaremos grupos ‘étnicos’ aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no habitus externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva (WEBER, 2003, p. 1).

O conceito de etnia está inserido em diferentes contextos históricos e até mesmo políticos, o termo “etnia” pode servir como mecanismo de legitimidade, no sentido de reforçar ou afirmar uma identidade de um determinado grupo, movimento ou até mesmo comunidade (WEBER, 2003). No contexto em questão, cabe dizer que, ao que se refere à identidade étnica, temos alguns grupos de moradores da Vila Nova que se reconhecem dessa forma.

Conceitualmente, o termo *etnia* tem sido usado como sinônimo de comunidade étnica. E a noção de colônia vai além da definição habitual: ela ultrapassa premissas oficiais para servir como referência para a comunidade étnica, já a origem está relacionada à afirmação da origem nacional, do vínculo com uma pátria ancestral (SEYFERTH, 2000).

No caso da Vila Nova, a representação das diferenças divide as características dos grupos pela etnia, mas, ao mesmo tempo, encontram-se símbolos identitários que os unem pela convivência diária, ou seja, pelas relações que se dão na construção do território.

Seguindo essa linha de raciocínio, a identidade é o que sou, e a diferença o que o outro é, mas essas diferenças agrupadas simbolicamente identificam o que nós somos: sou descendente de franceses e vocês de italianos/moradores da Vila Nova; sou descendente de alemães e vocês afrodescendentes/somos trabalhadores rurais. Identidade é algo temporário e relativo, define padrões e evidencia diferenças, mas é o que reúne indivíduos diante de embates socioculturais. É a identidade, o sentimento de pertencimento, que diferencia descendentes de franceses, italianos, alemães e afrodescendentes.

Essas questões criam novos laços identitários, sob os quais os grupos se unem para alcançarem o reconhecimento da localidade onde vivem. Assim, cada grupo tem sua memória e juntos buscam o reconhecimento para salvaguardá-las. Dessa forma, com esta pesquisa, será possível identificar como cada grupo étnico se estabeleceu na Vila Nova durante a sua formação, bem como as relações entre eles.

Para esta pesquisa, adotou-se como metodologia a história oral a fim de levantar informações através das narrativas e da evocação de memórias, fazendo uso do diálogo com os moradores e ex-moradores da localidade. Entende-se que, por meio da narrativa, o entrevistado transmite a outrem um acontecimento. De acordo com Alberti (2005, p. 171), o entrevistado, ao contar suas experiências, transforma o que foi vivenciado em linguagem, "selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido".

Nessa perspectiva, a história oral, como metodologia, foi escolhida de forma a ampliar o conhecimento e a abordagem das lembranças e testemunhos das pessoas que contribuíram para o surgimento da Vila Nova e a evidenciar o que essas

peças pensam individualmente e coletivamente sobre a sua localidade. Como afirma Oliveira (2005, p. 94),

a História oral recupera aspectos individuais de cada sujeito, mas ao mesmo tempo ativa uma memória coletiva, pois, à medida que cada indivíduo conta sua história, esta se mostra em volta em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado.

As narrativas fazem uso da memória, da palavra e da escrita para contar uma história, mas o silêncio também tem significado entre palavras e relatos. Um suspiro, um momento de reflexão do entrevistado pode querer nos dizer algo a respeito dos fatos que ainda não tinham sido ditos ou registrados por outra fonte de documentação. Esse é o diferencial do registro feito pela História Oral.

A História Oral é uma metodologia usada em estudos referentes à vida de pessoas, grupos e comunidades, por isso foi o método de análise escolhido para esta pesquisa. Sendo assim, a proposta é trazer novos relatos a respeito de fatos não registrados por outras formas de documentação. Desse modo, sua utilização possibilita a valorização sociocultural da Vila Nova ao guardar, conservar, documentar, divulgar fatos relevantes de interesse da comunidade local.

Esse método foi utilizado como um instrumento vinculado à junção dos saberes adquiridos nas vivências das práticas sociais na comunidade, que, agregado às fotografias e às imagens, contará a história dessa comunidade rural.

Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira (2006) falam que a história oral é usada como uma técnica de pesquisa importante para a preservação das entrevistas e de suas transcrições. As autoras afirmam que a história oral elaborou técnicas específicas de pesquisa e criou seus próprios conceitos como disciplina, esclarecendo trajetórias individuais e gerando fontes de documentação de pesquisa (AMADO; FERREIRA, 2006).

Para Lozano (2006, p. 16), “[...] o que despertou o interesse da história pela oralidade foi justamente o fato dela permitir o estudo e o desenvolvimento de novos conhecimentos embasando assim análises históricas usando a criação de fontes inéditas”. Dessa forma, o uso da história oral permite entender o ponto de vista do protagonista no local onde vive, pois, “revela sua visão dos acontecimentos e de sua própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo, etc.” (ALBERTI, 2005, p. 185).

A seleção dos entrevistados, por sua vez, vai ao encontro da problemática do estudo em questão, ou seja, leva em consideração a representação étnica e o conhecimento sobre a localidade da Vila Nova.

Nesse sentido, trabalha-se com história oral temática, que, segundo Meihy e Holanda (2007), é uma metodologia de entrevista, que tem por objetivo promover um diálogo em torno do tema de pesquisa (quem presenciou um acontecimento ou dele tenha alguma versão). Segundo Meihy (1996), a história oral temática difere da história oral de vida (retrato que o narrador faz de si mesmo) e da tradição oral (transmissão do passado).

Para compor o corpus documental desta pesquisa, foram realizadas catorze entrevistas (roteiro anexo), com moradores e antigos moradores da Vila Nova, no período de 2016, 2017 e 2018. O tempo de duração ficou em torno de quarenta a sessenta minutos cada uma delas.

Em um primeiro momento, visto que já havia feito pesquisas anteriores na Vila Nova para minha monografia, selecionei os entrevistados de acordo com a representatividade dentro da comunidade: padre Capone, o representante da comunidade religiosa; Angelita Gruppelli Crochemore, representante industrial, descendente de italianos e casada com descendente francês, que é dona da fábrica de conservas; José Antonio Radmann, dono do mercado, descendente de alemães. Buscou-se também priorizar representantes de cada etnia que contribuiu para a formação da localidade: Leci Carnal, “descendente de alemães”, filha de Valter Carnal; familiares de Afonso Elizeu Crochemore, “descendentes de franceses”, entre eles, Nelson, Elaine, Clésis e Lúcia; Laidi Bachini, Edmundo Bachini e Paulo Gruppelli (antigo subprefeito da localidade), “descendentes de italianos”. Ainda, foi entrevistada uma representante do time de futebol, Camila Rosso Schiller, secretária do clube, uma vez que, em algumas situações, é atribuído ao time o nome de Vila Nova; e a senhora Sonia Maria da Silva Crochemore, de 56 anos, que é descendente de índios e de negros por parte de mãe.

A escolha dos membros dessas famílias justifica-se por terem residido na Vila Nova, assim sendo, puderam contribuir através das narrativas, trazendo informações importantes para a realização da pesquisa. Ademais, os entrevistados salientaram que no período de formação da Vila Nova havia famílias descendentes de portugueses, brasileiros e afrodescendentes na localidade, mas, com o passar dos

anos, essas famílias foram deixando o local, por razões não apontadas por estes depoentes.

A realização das entrevistas tem as seguintes etapas: seleção dos entrevistados; criação do roteiro; realização da entrevista; transcrição e análise dos dados. O primeiro contato foi feito pessoalmente ou por telefone, sempre procurando estabelecer uma relação de confiança e credibilidade. O local escolhido para as entrevistas ficou a cargo dos entrevistados, sendo que a maioria deles optou por realizá-las em suas residências. A autorização para a utilização de suas moradias foi dada no próprio áudio, feito com gravador. Depois da entrevista realizada, foi feita a transcrição e a análise dos dados. Neste caso trabalho com história oral temática, sobre o assunto específico da pesquisa. Constatou-se que a maioria das informações é relevante, pois os depoentes fazem uso da evocação da memória com muita precisão sobre os fatos relatados nas entrevistas.

Além das entrevistas, foram utilizadas outras fontes primárias. Pois, segundo Alberti (2005, p. 189), o trabalho simultâneo com outras fontes "permite perceber 'dissonâncias' que podem indicar caminhos profícuos de análise das entrevistas de História oral".

Alguns dos depoentes complementaram suas narrativas mostrando fotos de seus álbuns familiares, o que me fez analisá-las e utilizá-las na pesquisa, junto com algumas fotos que havia selecionado do acervo fotográfico do Museu da Colônia Francesa. A análise dessas fotos foi realizada levando em conta o período estudado e o conteúdo informacional das temáticas.

Assim, as imagens fotográficas foram utilizadas para o entendimento da história dessa comunidade como instrumento de memória documental. As fontes fotográficas relacionadas com outras fontes foram importantes como testemunho de representação daquilo que existiu em um determinado tempo naquele espaço.

Para Marcondes (2002, p. 121), a fotografia é um instrumento de memória, ela conserva dados e fatos históricos, as informações trazidas por elas são muitas vezes a única forma de preservar fragmentos do passado. Nessa perspectiva, a fotografia é usada como objeto e centro de estudo, como instrumento de testemunho do passado, num dado momento, transformando-se em uma imagem com capacidade narrativa.

Nesta pesquisa, os álbuns de família permitiram a análise e a reconstrução da memória dos moradores da Vila Nova. Sob o olhar de Mauad (1996), a fotografia é

uma forma de comunicação não verbal e sim em códigos convencionais, expondo suas mensagens sobre o passado através da materialidade da sua imagem.

Panofsky (1991), no seu método iconológico, propõe o estudo da historicidade da imagem e as possibilidades de utilizá-las na composição de conhecimento sobre o passado através das possíveis reflexões da história. O cruzamento das informações fotográficas paralelas às narrativas coletadas contribui para a ativação da memória, referindo-se ao passado das pessoas que se atualizaram delas no presente. Assim, através das fotografias conheceu-se um pouco da trajetória de cada indivíduo, de cada grupo social dentro da comunidade, e de como eles se veem representados ali.

Além das fotografias de álbuns particulares, foram utilizadas imagens do Museu da Colônia Francesa que retratavam o cotidiano dos depoentes de modo a facilitar o entendimento das narrativas sobre alguns eixos temáticos desta pesquisa, como a ocupação do espaço da localidade da Vila Nova, a educação, a religiosidade e o lazer. Os arquivos da igreja São Pedro (livro tombo e histórico de fundação) também foram utilizados como fonte para esta pesquisa. Eles trazem informações sobre as primeiras famílias que se estabeleceram na Vila Nova e de como se deu a construção da igreja.

Utilizou-se também como fonte o arquivo virtual da Escola Municipal de Ensino Fundamental Nestor Eliseu Crochemore, no qual consta o histórico da escola que está localizada na Vila Nova. Também há como fonte documentos particulares, como o Diário de Lino Ribes, pertencente à senhora Ivone, o qual foi consultado durante a entrevista feita com ela. Seu Lino costumava escrever sobre as suas atividades cotidianas, ele era morador da Colônia Francesa, próximo de onde se formou a Vila Nova.

Foram consultados os inventários de Pedro Escallier no Arquivo Público de Porto Alegre, onde consta a doação das suas terras para seu afilhado Alfonso Elizeu Crochemore, local em que se constituiu a Vila Nova. Por fim, pesquisou-se, no cartório de registros de imóveis de Pelotas, a escritura das terras que pertenceram a Edmundo Bachini, que aparece como um dos formadores da Vila Nova.

CAPÍTULO II

A OCUPAÇÃO DA ZONA RURAL DE PELOTAS

Ao realizar um estudo sobre território, a partir de Haesbaert (1995 e 1997) e Limonard (1999), Haesbaert une as concepções em três vertentes básicas: política cultural e econômica. Quanto à cultural, é mencionado que “prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto como produto da apropriação, valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2006, p. 40).

Para Haesbaert (2007), território é relacional, pois se constrói no intermédio das relações sociais dentro do espaço vivido. Ele afirma que “o território, de qualquer forma, define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) em que está mergulhado, relações estas que são sempre, também, relações de poder [...]” (HAESBAERT, 2007, p. 54). Assim, a comunidade sempre englobará relações de poder nas práticas cotidianas e, muitas vezes, isso gera certo desconforto na dinâmica local, criando disputas simbólicas identitárias socioculturais.

Para abordar sobre a ocupação da Zona Rural de Pelotas”, é importante conceituar o termo *rural* que, segundo Vieira (1999), é derivado do latim *rus, ruris*, que significa campo rude, rústico, grosseiro. Camponês, em latim *rusticum*, equivale a uma pequena propriedade no campo. Essa abordagem corrobora com a pesquisa visto que o objetivo desta é apontar quando se deu a formação de uma comunidade rural de Pelotas.

Dos anos de 1900 até meados de 1950, o termo *rural*, como problema empírico, é analisado pelos estudos voltados para a comunidade, através dos enfoques dicotômicos (BLUME, 2004). É oportuno observar que

o “rural” não se constitui como uma essência, imutável, que poderia ser encontrada em cada sociedade. Ao contrário, essa é uma categoria histórica, que se transforma. Cabe, portanto, ao pesquisador, “compreender as formas desse rural nas diversas sociedades passadas e presentes” (REMY 1993 apud WANDERLEY, 2000, p.99).

Percebe-se, então, que o termo rural se altera de acordo com as transformações que ocorrem na sociedade, e essas definições ajudam a identificar o contexto da Vila Nova.

No entanto, este capítulo abordará também a formação da Zona Rural do Município de Pelotas e o processo de colonização da região, visto que é importante entender como se deu a ocupação territorial, para entendermos também o processo de formação da Vila Nova, bem como a diversidade étnica que existe na localidade.

2.1 A formação das Colônias

Segundo Alberto Coelho da Cunha¹ (1928), a formação distrital da cidade de Pelotas se deu com o primeiro lote Urbano dividido em zonas e foi demarcado, em sessão da Comarca do Município, em nove de janeiro de 1835, sendo as seguintes zonas: Cidade-Norte, Leste, Oeste, Sul. Não estando prescrito o que inclui cada Zona.

Na Constituição de 1891, criou-se a designação de prédios suburbanos para diferenciá-los do rural, mas só em 1893 ocorreu o lançamento dos distritos. O ordenamento territorial de Pelotas se constituiu da seguinte forma: Primeiro Distrito a Cidade de Pelotas; Segundo Distrito o Povoado do Areal; Quarto Distrito Capão do Leão, Serro da Buena, Rincão da Hidráulica, Cascata de Hermenegilda num raio de três quilômetros ao redor desses pontos (não aparece o terceiro distrito nesse documento) (CUNHA, s/d). A divisão não alcançou o terceiro distrito nesse lançamento, apesar de haver, desde muito tempo, o Passo do Retiro sobre a costa do Arroio Pelotas, uma pequena região com numerosas chácaras e vivendas de veraneio.

¹ “Alberto Coelho da Cunha nasceu no dia 13 de setembro de 1853, filho de Felisberto Ignácio da Cunha e Maria Antônia Coelho. Recebeu uma formação privilegiada, tendo oportunidade de estudar fora da província, fato que enriqueceu seu senso crítico e social. Alberto escreveu durante toda a sua vida e não se deteve às crônicas. Também elaborou relatórios e produziu contos, dos quais se utilizam muitos historiadores da cidade de Pelotas. Foi a partir de seu envolvimento político com os republicanos que Alberto teve seus primeiros impulsos como escritor. No seu retorno a Pelotas, no ano de 1869, após residir no Rio de Janeiro, em plena efervescência de ideias abolicionistas e antimonarquistas, que ele começou a divulgar seus escritos literários, descrevendo a vida na charqueada, denunciando, em seus contos, por exemplo, o trabalho escravo. Apesar de sua família ser estancieira, Alberto, durante a produção das ‘Antigualhas de Pelotas’, era servidor público e desempenhava uma profissão tipicamente urbana, sendo ele Diretor da Secretaria do Tesouro do município de Pelotas. Além do destaque deste aspecto urbano da vida do autor, o seu trabalho também proporcionou ao nosso cronista o acesso fácil a informações sobre a história da cidade, com as quais pode contar para a produção das suas crônicas” (SOUZA, 2015, p. 35).

Segundo Alberto Coelho da Cunha, o primeiro distrito, que compreende a área urbana, engloba as ruas Santa Cruz, Barroso, Gonçalves Chaves, Andrade Neves, Manduca Rodrigues, Passo dos Negros, Domingues de Almeida, Corredor da Luz, Nogueira, Tablada, Três Vendas, Barbuda, Matadouro Velho, Corredor das Tropas, Santa Barbara, Fragata, Guabiroba, Villa do Prado e Salso, com um total de 346 casas construídas.

O segundo distrito denominado como Povoado do Areal engloba as ruas Domingos de Almeida, Areal, Trahiras, Boa Vista, Passo Fundo, seguimento das Três Vendas, seguimento da Barbuda, Terras Altas, Monte Bonito, Retiro, Costa do retiro, seguimento do Passo dos Negros, Costa do Pelotas, Cypriano Barcellos, totalizando 593 casas construídas.

O quarto distrito, denominado como Capão do Leão, engloba as ruas de Theodosio, Capela da Buena (que mais tarde passou a ser o terceiro distrito), Passo das Pedras, seguimento da Hidráulica, Cascata e Várzea Fragata, com um total de 249 casas.

Portanto, segundo esse documento de 1893, quando se deu o lançamento dos distritos, havia na cidade 346 casas e na zona rural 842 casas, somando um total de 1.188 casas até 1903. Já no ano de 1910 esse número passou para 1.222, incluindo zona urbana e rural (CUNHA, 1928)².

Em 1897, a cidade ocupava uma área de 30.000 metros quadrados, contendo 5.103 prédios, dos quais 170 eram sobrados e os demais térreos. Das 53 ruas existentes, 28 eram caçadas de pedra com leito de areia, possuindo em média 15 metros de largura e 85 metros de frente³.

Tendo por objetivo apresentar como se dá a dinâmica da colonização em Pelotas, algumas informações sobre as colônias fundadas nesse município são relevantes, com destaque à participação de diferentes etnias na constituição da zona rural de Pelotas. A formação na Zona Rural de Pelotas avança com o processo de colonização que começou 1848, com as diretrizes da província e da iniciativa privada na criação da Associação Auxiliadora da Colonização do Município de Pelotas (BETEMPS, VIEIRA, 2008, p. 15).

² Museu da Biblioteca Publica, vol. 618.

³ Estatística do Município de Pelotas organizada pela Intendência em 1897. Museu da Biblioteca Pública, vol. 632.

Segundo Anjos (2000), a Associação Auxiliadora da Colonização de Estrangeiros, teve como principal objetivo auxiliar na imigração de agricultores estrangeiros para Pelotas. O surgimento dessa associação, entidade particular, tinha a finalidade de “proteger a emigração estrangeira de agricultores para a província” (PELOTAS, 1849-55).

Segundo Grando (1984), a iniciativa partiu da administração municipal de Pelotas:

[...] interessada em introduzir a agricultura na economia do Município, que se encontrava centrada na pecuária e na indústria de charque; tais atividades localizavam-se nas campinas, as quais, ocupando a maior parte do município, se estendiam no sentido do Leste para o Sul de seu território. Para isso, o Governo Provincial autorizou, em 1848, a criação de uma colônia agrícola — denominada São Francisco de Paula — que, todavia, nunca foi criada por tê-la o presidente da Província, um ano após julgado inoportuno. Isso não impediu que, na mesma época, a colonização lá se desenvolvesse levada por empresários locais com poucas exceções, se tornaram os responsáveis pela introdução dos colonos ocupantes de toda a zona da mata da serra de Tapes (localizadas no município de Pelotas, no sentido Norte a Oeste), e das terras inadequadas à pecuária. (GRANDO, 1984, p. 48).

Esse processo possibilitou à província gaúcha o começo da colonização, que teve o apoio da lei que regulamentou a venda e a aquisição de terras aos colonos, extinguindo o acesso a elas por doação. Sobre isso, Grando (1984, p. 48) acrescenta:

Em 1849, formou-se a Associação Auxiliadora da Colonização para a criação da colônia D. Pedro II em terras de um de seus acionistas (Antônio Rafael dos Anjos), localizadas na estrada que da sede de Pelotas ia para o distrito de Capão do Leão. Compunha-se de 48 lotes que foram entregues a um número aproximado de 300 colonos irlandeses, chegados de Liverpool. Pouco depois, essa sociedade forneceu terras a ingleses para que se estabelecessem com recursos próprios. Nesse aspecto, a sociedade foi inovadora, pois, até então, toda a colonização do Rio Grande do Sul vinha sendo feita unicamente com imigrantes alemães.

Então, a Lei das Terras foi sancionada por D Pedro II em setembro de 1850, a chamada Lei 601, e apresentou novos critérios com relação aos direitos e aos deveres dos proprietários de terra, estabelecendo a compra como a única forma de obtenção de terras públicas. Dessa maneira, inviabilizou os sistemas de posse ou doação para transformar lotes de terra em propriedade privada. Em 1854, o Rio Grande do Sul estabelece, por lei, as diretrizes de colonização na província. Foi a partir dessa abertura de fracionamento de terras e do desgaste do sistema de mão

de obra escrava que operava na cidade que ocorreu o processo de colonização na Zona Rural de Pelotas, sendo a primeira de caráter particular, como a Colônia D. Pedro II (PEÑAFIEL, 2006).

Segundo Grandó (1990, p. 70), em 1859,

o relatório do Presidente da Província informava que era “pouco lisonjeiro” o estado da Colônia D. Pedro II. A população achava-se reduzida a 16 famílias (96 pessoas), tendo muitos imigrados para Montevidéu e Buenos Aires e alguns, para as cidades mais próximas (Pelotas e Jaguarão).

As colônias Novas Cambridge e Monte Bonito são fundadas em 1850, respectivamente, por irlandeses e alemães prussianos. Sobre a formação da Colônia de Monte Bonito, Peñafiel (2006, p. 49) afirma que,

nesse mesmo período, Thomaz José dos Campos pediu licença ao Governo Provincial (referindo-se à província de São Pedro do Rio Grande) para contratar famílias de imigrantes irlandeses e obter financiamento para poder subsidiá-los nos primeiros anos nas terras da colônia Monte Bonito. Assim, entre o período compreendido entre 1850 e 1858, 14 empreendimentos privados foram realizados, resultando em 16 novos núcleos coloniais agrícolas.

A estrutura política e econômica possibilitava o surgimento das colônias e a chegada dos imigrantes, influenciando não só na formação de indústrias como na agricultura de forma diferenciada na zona rural. A colonização da região da Serra dos Tapes aconteceu de duas maneiras, a primeira por imigração espontânea e a segunda por imigração organizada (por particulares ou pelo governo). Nos dois casos temos a participação de agentes que recrutavam imigrantes a serviço das sociedades promotoras da imigração, e também do governo (GARCIA, 2015).

O marco da colonização alemã foi em São Lourenço em 1858, implantado por Jacob Rheingantz, quando criou a Colônia Rheingantz, responsável por impulsionar o movimento de ocupação da Serra dos Tapes por colonos alemães e pomeranos. Essa colônia se situava, administrativamente, em Pelotas, gerando desdobramentos (BETEMPS, 2010).

A iniciativa do empresário Rheingantz, que assumiu o compromisso de colonizar as terras recebendo subsídios para isso, foi bem-sucedida: o núcleo possuía 73 lotes entregues a famílias alemãs (PEÑAFIEL, 2006).

No final dos anos de 1860, os charqueadores deram início à criação da Colônia Santa Silvana e Santa Clara (ULLRICH, 1984). Fundada por Joaquim de Sá

Araujo em 1869, a Colônia Santa Clara possuía, em 1900, 22 lotes de terra com 16 famílias e 120 pessoas. Já a Colônia Santa Silvana, fundada por Custódio Gonçalves Belchior, possuía, em 1900, 35 lotes com 32 famílias e 210 pessoas (ANJOS, 2000).

Em 1880, foi criada a Colônia Santo Antônio, por João Antônio Pinheiro, um comerciante atacadista da Zona Urbana de Pelotas que comprara terras na Serra dos Tapes. Com o propósito de comercializar o local, em lotes, tem-se o início da colonização de imigrantes franceses na região da Serra dos Tapes.

Segundo Grando (1990), esses imigrantes franceses vieram para o Brasil em 1879, para a Colônia de São Feliciano. Por razões diversas, não se adaptaram à localidade e procuraram novas terras, mudando-se para a Colônia Santo Antônio em Pelotas. Os primeiros imigrantes que chegaram vieram a cavalo em oito de setembro de 1980. Foram eles: Gustave Ribes, Jean Martim, Marius Martim, Jean Capdeboscq, Oscar Wahast e Domenico Pastorello (BETEMPS, 2009). Eles desmataram boa parte das terras para fazer as lavouras, os vinhedos e os pomares. Nos dois primeiros anos, chegaram 50 famílias francesas na Colônia Santo Antônio.

Sobre essa colônia, Salamoni (1992, p. 38) explica que

a importância histórica dessa colônia – Santo Antônio – é patente, haja vista que ela representa a origem da produção familiar de frutas e sua ação artesanal abriu caminho para a formação das primeiras indústrias rurais, no município de Pelotas.

Em 1881, que o Governo Imperial criou algumas colônias, entre elas a Colônia Maciel, que em 1883 recebeu imigrantes italianos. A Colônia Maciel está localizada no sétimo distrito de Pelotas a, aproximadamente, quarenta quilômetros do centro urbano, com acesso pela BR 392 em direção ao município de Canguçu.

As terras destinadas à Colônia Maciel foram divididas em três núcleos: o primeiro deles era composto por 50 lotes rústicos e por 31 lotes urbanos, contendo um lote destinado para fazer uma escola e um lote para fazer um cemitério. Um deles, posteriormente, foi utilizado para a construção da igreja da Colônia. Os outros dois núcleos eram compostos de sete e oito lotes rústicos. Em 1888, chegaram em Pelotas mais 72 imigrantes italianos, os quais também foram instalados em lotes na Colônia Maciel. No ano de 1889, o primeiro núcleo já estava sendo ocupado por 50 famílias (PEIXOTO, 2003).

Com imigrantes alemães, foi criada a Colônia Municipal, que nasceu de interesses governamentais, sendo administrada pela Câmara Municipal de 1880 a 1886. Segundo Betemps (2008), a intensificação dessa Colônia se deu em meados de 1882, quando foi aprovado o imposto pela Assembleia Legislativa provincial para melhoramento dos municípios onde houvesse núcleos coloniais, autorizando a Câmara de Pelotas à emissão de apólices para compra de terras, devidamente avaliadas e adquiridas. Em terras na Serra dos Tapes foi instalada a denominada Colônia Municipal, sendo a maioria colonos de origem germânica, procedentes da Alemanha, da Áustria e da Prússia.

Em 1890, o alemão Carl Otto Ullrich anunciava que essa colônia era ocupada por “480 moradores alemães e 14 famílias italianas; 80 lares, uma casa comercial alemã e uma italiana, um moinho alemão, uma carpintaria, uma ferraria, uma escola da comunidade alemã, estradas medianas” (apud BETEMPS, VIEIRA, 2008) e que esses moradores também se dedicavam à produção agrícola.

Ainda no início dos anos 1880, foi criada a colônia Santa Coleta por Capitão Ribeiro, também constituída por imigrantes alemães. A colônia tinha em torno de 40 lotes coloniais com o mesmo número de lares e cerca de 200 moradores (ULLRICH, 1984).

A Colônia de São Simão, fundada em 1883/1887 por Simão da Rocha, possuía 20 lotes coloniais e 92 moradores. Esses lotes foram ocupados por brasileiros e italianos, existiam 10 lares, um moinho, uma olaria e uma destilaria de aguardente (com plantação de açúcar). As estradas eram péssimas e não existia nenhuma escola. Os colonos trabalhavam na produção agrícola, com vinho, aguardente, milho e feijão; se situava a sete ou oito léguas de Pelotas e havia um arroio maior a atravessar (ULLRICH, 1984).

Entre 1885/90 e 1893, respectivamente, criaram-se as colônias Zacharias Delgado com sete lotes, 14 famílias e 66 pessoas, entre alemães, brasileiros, austríacos, franceses e italianos; São João Batista, com 45 lotes, 22 famílias e 154 pessoas; e Santa Aura, fundada por iniciativa particular de Manoel Batista Teixeira, com 53 lotes, 11 famílias e 64 pessoas de origem alemã (SALAMONI, 1992).

Em 1868, foi fundada a Colônia Arroio do Padre, por Augusto Gerber e Guilherme Baner, que possuía, em 1900, 74 lotes com 67 famílias alemãs e um total de 385 pessoas (ANJOS, 2000). No ano de 1868, foram fundadas as colônias Cerrito, por Jacob Rheingantz, e Bismark, por Guilherme Bauer. Em 1900, elas

possuíam, respectivamente, 60 lotes, com 47 famílias e 370 pessoas e 33 lotes, com oito famílias e 60 pessoas (ANJOS, 2000). Em 1875, foi criada a Colônia de São Domingos, formada por herdeiros de C. Antiqueira. Essa colônia possuía, em 1900, 11 lotes, com cinco famílias e 26 pessoas, entre alemães e italianos (ANJOS, 2000).

No ano de 1882, três novas colônias são fundadas na zona rural de Pelotas. A Colônia Santa Helena, pelo Barão Von Schlegel, composta por 24 lotes, 22 famílias de imigrantes alemães e 161 pessoas (ULLRICH, 1984); a Colônia Santa Colleta, por Antônio Francisco Ribeiro, possuindo, em 1900, 30 lotes, 24 famílias alemãs e 200 pessoas (ANJOS, 2000); e a Colônia Santa Helena, por Sigmar Von Schiegel, que em 1900 possuía 24 lotes com 22 famílias alemãs e 161 pessoas (ANJOS, 2000).

Fundada em 1885, por Domingos Francisco dos Anjos, a Colônia Domingos Fragata possuía, em 1900, oito lotes com seis famílias brasileiras, canarianas e portuguesas e 34 pessoas (ANJOS, 2000). Fundada a Colônia Triunfo, por João Batista Schol, composta em sua maioria por descendentes germânicos, possuía 56 lotes, com 50 famílias e 245 pessoas (ANJOS, 2000).

Em 1893, a Colônia São Manoel (Fazenda Três Barras) é criada por Pedro Toledo, composta, em maior proporção, por imigrantes alemães e pomeranos, tendo apenas uma família de brasileiros e uma família de imigrantes italianos (ULLRICH, 1984). Ainda, em 1893, João Schild funda a Colônia de Santa Maria, formada pela maioria de imigrantes alemães (ULLRICH, 1984).

Até 1909 a colonização influenciou a organização da estrutura fundiária em pequenas propriedades por imigrantes europeus e grandes proprietários luso-brasileiros. Essa diferença étnica na ocupação do território influencia, ainda na atualidade, uma diferenciação na organização espacial das duas porções de relevo do município de Pelotas. Lima (2006, p. 16) explica que,

em termos históricos de ocupação do solo, cabem as seguintes observações: as terras baixas foram ocupadas primeiramente pelos portugueses, que se dedicaram à atividade pecuária, para a produção de charque e as terras dobradas, da chamada Serra dos Tapes, foram ocupadas a partir de 1858, pelos imigrantes alemães/pomeranos, que favoreceu a diversificação da produção.

A partir das informações trazidas neste capítulo salienta-se que a ocupação das terras da Serra dos Tapes não se deu somente por imigrantes alemães e

pomeranos, mas também por imigrantes italianos, franceses, indígenas e afrodescendentes.

A criação das colônias demarcou o processo imigratório, ao mesmo tempo em que ampliou a economia agrícola e industrial, tanto para o governo como para o setor privado. Observa-se que a colonização na Zona Rural de Pelotas nesse período foi intensa e se constituiu através de uma diversidade étnica que contribuiu na formação dessas localidades.

Leila Fetter (2002) pesquisou sobre os promotores de colônias e o número de núcleos agrícolas em Pelotas no ano de 2002, indicando o período de 1880/1890 como a data em que mais núcleos foram criados. Em relação aos promotores de colônias, a pesquisa aponta vinte e dois charqueadores, vinte e um proprietários rurais e dezesseis imigrantes que compraram terras para colonizar (FETTER, 2002). A autora não cita o nome desses colonizadores e nem que colônias foram essas.

O processo de colonização foi de grande importância para a formação distrital, algumas dessas ex-colônias se emanciparam e hoje são municípios, como Morro Redondo e Arroio do Padre.

2.2 O Sétimo Distrito de Pelotas – Quilombo

A partir do exposto sobre a ocupação da Zona Rural de Pelotas, busca-se apontar como se deu a formação do Sétimo Distrito de Pelotas, onde está localizada a Vila Nova.

Pelos Atos Municipais nº 391, de 27 de outubro de 1906, e nº 345, de 15 de agosto de 1905, é criado o distrito de Santa Silvana e anexado ao município de Pelotas. Pelos Atos Municipais n.º 345, 15 de agosto de 1905, e nº 1.196, de 31 de julho de 1924, é criado o distrito de Quilombo e anexado ao município de Pelotas (PELOTAS, 2013).

Analisando o documento acima citado, o distrito do Quilombo foi criado entre os anos de 1905 e 1924. Os documentos são complexos, visto que a organização distrital sofreu inúmeras alterações ao longo do tempo, ora figura de um jeito, ora de outro.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o município aparece constituído de oito distritos: Pelotas, Areal, Buena, Capão do Leão, Quilombo, Retiro,

Santa Eulália e Santa Silvana. Nos quadros de apuração do recenseamento geral de primeiro de setembro 1920, aparece constituído de seis distritos: Pelotas, Arroio do Padre, Buena, Monte Bonito, Quilombo e Retiro.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o município é composto por sete distritos: Pelotas, Areal, Capão do Leão, Quilombo, Retiro, Santa Eulália e Santa Silvana. Não figurando o distrito de Monte Bonito. Isso significa que, no período de formação da Vila Nova, início da década de 1930, o Quilombo já configurava como distrito de Pelotas.

Em divisões territoriais datadas de 31 de dezembro de 1936 e 31 de dezembro de 1937, o município aparece constituído de sete distritos: Pelotas, Areal, Capão do Leão, Colônia Santa Silvana, Passo de Pelotas, Quilombo e Retiro. No dia 31 de março de 1938, o Governo Estadual expediu o Decreto n.º 7.199, que fixou nova Organização Judiciária do Estado, em observância ao Decreto-Lei Federal n.º 311, de 02 de março de 1938. Por conta deste decreto, em 31 de março de 1938, foram extintos os distritos de Santa Eulália, Quilombo, Retiro e Santa Silvana, figurando como simples zona do distrito-sede do município de Pelotas. Sob o mesmo Decreto Estadual acima citado, o distrito de Retiro tomou a denominação de Cerrito Alegre.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939/1943, o município é constituído de três distritos: Pelotas, Capão do Leão e Areal. Pelo Decreto-lei Estadual n.º 720, de 29 de dezembro de 1944, o distrito de Areal tomou o nome de Dunas, mantendo essa divisão em 1950 (divisão territorial de 01/07/1950) e em 1955 (divisão territorial de 1/07/1955).

Pela Lei Municipal n.º 857, de 04 de maio de 1959, o Município divide-se em oito distritos, de primeiro a oitavo e na seguinte ordem: Pelotas, Dunas, Cerrito Alegre, Capão do Leão, Santa Eulália, Santa Silvana, Quilombo e Morro Redondo. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963.

Pela Emenda Municipal n.º 6, de 01 de dezembro de 1965, os distritos de Dunas e Santa Eulália tomaram a denominação, respectivamente, de Laranjal e Cascata. Pela Lei Municipal n.º 1.505, de 17 de dezembro de 1965, foram criados os distritos de Arroio do Padre e Monte Bonito anexados ao município de Pelotas, ficando da seguinte forma: primeiro distrito Pelotas, segundo distrito Laranjal, terceiro distrito Cerrito Alegre, quarto distrito Capão do Leão, quinto distrito Cascata,

sexto distrito Santa Silvana, sétimo distrito Quilombo, oitavo distrito Morro Redondo, nono distrito Monte Bonito, décimo distrito Arroio do Padre.

Em divisão territorial que data janeiro de 1979, o município de Pelotas é constituído de 10 Distritos: Pelotas, Arroio do Padre, Capão do Leão, Cascata (ex-Santa Eulália), Cerrito Alegre, Laranjal (ex-Dunas), Monte Bonito, Morro Redondo, Quilombo e Santa Silvana.

A Lei Estadual n.º 7.647, de 03 de maio de 1982, desmembra do município de Pelotas o Distrito de Capão do Leão, pois este é elevado à categoria de município.

Pela Lei Municipal n.º 2.931, de 24 de outubro de 1985, foram criados os distritos de Colônia Z/3 (ex-localidade de Arroio Sujo) e Vila Lange, este formado com terras desmembradas do distrito de Santa Silvana e anexado ao município de Pelotas.

A Lei Estadual n.º 8.633, de 12 de maio de 1988, alterada em seus limites pela Lei Estadual n.º 9.025, de 08 de fevereiro de 1990, desmembra do município de Pelotas o distrito de Morro Redondo, o qual foi elevado à categoria de município. Pela Lei Municipal n.º 3.183, de 30 de dezembro de 1988, é criado o distrito de Rincão da Cruz e anexado ao município de Pelotas.

Em divisão territorial datada de 1988, o município é constituído de dez distritos: Pelotas, Arroio do Padre, Cascata, Cerrito Alegre, Colônia Z/3, Laranjal, Monte Bonito, Quilombo, Rincão da Cruz e Santa Silvana. A Lei Estadual n.º 10.738, de 16 de abril de 1996, desmembra do município de Pelotas o distrito de Arroio do Padre, elevando-o à categoria de município e deixando Pelotas com nove distritos.

Em divisão territorial datada de 2001, o município é constituído de oito distritos, porque Laranjal deixa de ser distrito: Pelotas, Cascata, Cerrito Alegre, Colônia Z/3, Monte Bonito, Quilombo, Rincão da Cruz e Santa Silvana. Em divisão territorial datada em 2008, sob a Lei n.º 5.502, de 11 de setembro do ano citado, o município é constituído de nove distritos, sendo o primeiro entendido como área Urbana; o segundo, Colônia Z3; o terceiro, Cerrito Alegre; o quarto, Triunfo; o quinto, Cascata; o sexto, Santa Silvana; o sétimo, Quilombo; o oitavo, Rincão da Cruz e o nono, Monte Bonito.

Segundo Flávio Sacco dos Anjos e Nádia Velleda Caldas (2004), o município de Pelotas atualmente é constituído por nove distritos, o primeiro, representando a Zona Urbana, está localizado em área de planície, assim como a Colônia de

Pescadores Z3 (2º). Os demais distritos, Cerrito Alegre (3º), Triunfo (4º), Cascata (5º), Santa Silvana (6º), Quilombo (7º), Rincão da Cruz (8º) e Monte Bonito (9º), estão localizados na região da encosta. Esses distritos também fazem parte da Serra dos Tapes e constituem a Zona Rural do Município de Pelotas-RS, como podemos visualizar na Figura 2.

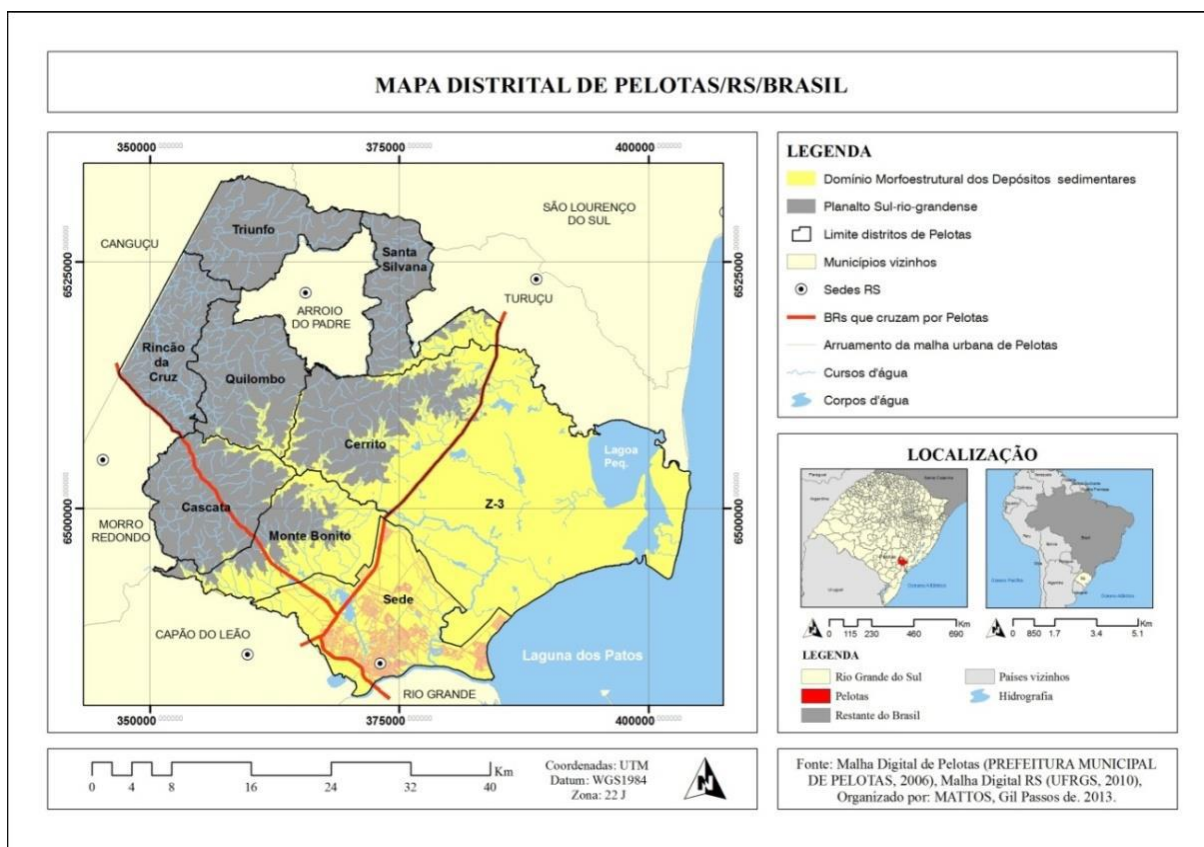


Figura 2 - Mapa dos distritos de Pelotas.

Fonte: Malha Digital de Pelotas (PREFEITURA MUNICIPAL DE PELOTAS, 2006), Malha Digital RS (UFRGS, 2010). Organizado por MATTOS, Gil Passos de (2013). IN: ÁVILA, 2014.⁴

O sétimo distrito, Quilombo, pela Emenda à Lei Orgânica, de n.º 6 de 1965, teve as seguintes divisas: ao Norte começa na travessia da linha divisória com o Município de Canguçu, no Arroio Pelotas, na Colônia Santa Helena, e segue por essa linha até seu cruzamento com a estrada da Chácara, na Colônia Triunfo. A divisa Leste começa no cruzamento da linha divisória com Canguçu e a estrada da Chácara, na Colônia Triunfo, segue por essa estrada na direção sul até seu entroncamento na estrada da Colônia Triunfo; atravessando essa estrada, segue pelas pontas do Arroio Quilombo, águas abaixo, até encontrar a linha reta com a

⁴ Na parte em amarelo do mapa estão localizados o 1º e 2º distrito, ou seja, a sede representando a zona urbana e a Z/3, colônia de Pescadores. Em cinza, temos então a zona rural e seus distritos, onde está localizado o 7º Distrito denominado Quilombo.

orientação norte-sul que termina na encruzilhada da estrada do Algodão, com a estrada Dona Julia (casa comercial de Otto Peter). A divisa segue em direção Sul, pela estrada da Colônia Oliveira, passando pela casa comercial de Roberto Kerstner, até um ponto situado a um quilometro da mesma; então, por uma linha seca em direção norte-sul até as nascentes do Arroio Andrade, vai por esse arroio até a travessia da estrada, próximo ao Moinho do Ambrosio Ribes. A divisa sul tem o limite oeste do distrito do Cerrito Alegre. A divisa oeste começa na confluência dos arroios Andrade e Pelotas, segue por este último até a travessia da linha divisória com o município de Canguçu no Arroio Pelotas, na Colônia Santa Helena, conforme a Figura 3.

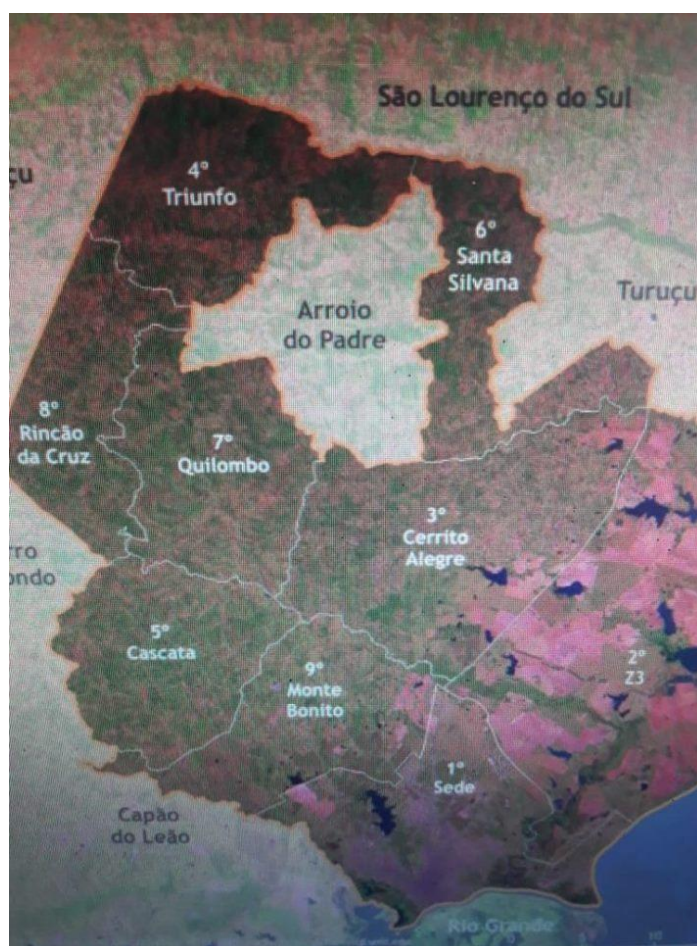


Figura 3 - Mapa com as respectivas divisas do 7º distrito de pelotas.

Fonte: Secretaria de Urbanismo de Pelotas. RS

Na sequência, aponto alguns dos principais elementos étnicos que contribuíram para a formação da Vila Nova, onde é possível encontrar descendentes de franceses, italianos, alemães, indígenas, afro-brasileiros, entre outros.

A respeito dos descendentes de indígenas, estudos científicos dizem que existiram indígenas na localidade, tanto é que a denominação Serra dos Tapes advém dessa etnia. No entorno da Laguna dos Patos, desde a metade do século passado, têm-se descobertos sítios arqueológicos relativos a aldeias e acampamentos atribuídos, pelos arqueólogos, aos grupos Guarani, que os teriam ocupado até a chegada dos colonizadores europeus no século XVI (MILHEIRA, 2008).

Entretanto, muitos migraram ou se casaram com pessoas de outras etnias, como, por exemplo, com os aquilombados ou libertos no período pós-abolição. Conforme Ávila (2014), o casal que dera origem à Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão tinha como patriarca o índio Vieira e a sua esposa negra ex-escravizada que recebera a liberdade.

Muitos indígenas foram expulsos dessas terras no 7º Distrito de Pelotas, como salienta Radmann (2018) em seu depoimento: "quando foi feita a demarcação de terras, os descendentes de índios e negros eram empurrados para as encostas". O direito à terra era de quem tinha dinheiro, ou seja, como demonstrado anteriormente, com a Lei de Terras de 1850, a forma de obtenção de terras passou a ser a partir de compra. Segundo Rafael Milheira (2014), foram encontrados diversos sítios arqueológicos na região da Serra dos Tapes, como, por exemplo, uma urna funerária encontrada em 1980 pelo Sr. Ribes, enquanto lavrava. O arado caiu no buraco onde estava enterrada a urna, a qual foi retirada pelo agricultor. Isso comprova que os índios estavam presentes na Colônia Francesa de Santo Antônio. Conforme explica Milheira (2008a, p. 18),

a arqueologia Guarani na região da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste é objeto de pesquisa desde os anos 40, sob vários olhares e perspectivas teóricas diferenciadas (Métraux 1948; Pernigotti e Almeida 1961; Naue, Schmitz e Basile-Becker 1968; Naue et al. 1971; Brochado 1974; Schmitz 1976; Carle 2002; Ribeiro et al. 2004; Rogge 2004; Pestana 2007). Diversos pesquisadores realizaram seus estudos ao longo dos terrenos charcosos, em meio às planícies das lagoas e sobre os campos abertos da paisagem lacustre. Por outro lado, também foram percorridos os vales, arroios, córregos e morros do Escudo Rio-grandense, também conhecido como Serra do Sudeste ou mesmo Serra dos Tapes.

Sob essa perspectiva, a arqueologia vem ajudando a desvendar essas histórias, identificando fragmentos com grande potencial para estudos sobre o

primeiro período de assentamento histórico, há mais de cem anos, dos índios Guaranis naquela região.

Quando os índios Guarani chegaram à região de Pelotas, já haveriam grupos pampeanos vinculados à tradição arqueológica Vieira, considerados como ancestrais dos Charruas e Minuanos históricos (TEIXEIRA, 2014, p. 80). Dos sítios Guarani na região de Pelotas estudados por Milheira (2008b), seis estão localizados no Litoral da Laguna dos Patos e quatro na Serra do Sudeste. As datações dos sítios Totó e Camping, ambos no litoral, indicam que foram ocupados há cerca 530 (A.P.) e 380 (A.P), respectivamente. O sítio Ribes, na Serra do Sudeste, foi datado em 510 (A.P.) (TEIXEIRA, 2014, p. 80).

Milheira (2014) descreve, ainda, sobre uma segunda urna funerária, encontrada no mesmo sítio, porém sem vestígios de esqueleto humano. Também foram identificados objetos, tipo cerâmica, vasilhas e potes, o que nos mostra que houve algum tipo de atividade simbólica. Esse sítio arqueológico está localizado entre o Arroio do Andrade e o vale do arroio do Corrientes no 7º distrito de Pelotas.

Sobre a produção e a obtenção de recursos dos grupos Guarani, Schmitz (2006) afirma que eram baseadas na agricultura, que fornecia os carboidratos, e na caça e na pesca, que forneciam as proteínas. A agricultura tinha como principal objetivo a produção de feijão, milho, mandioca, algodão e tabaco (ROGGE, 2004; SCHMITZ, 2006).

Expulsos dos rios, das terras transformadas em lavouras e em pastagens privadas, das matas abatidas, os Guarani recriaram seu sistema de vida ao longo dos séculos XIX e XX, exacerbando a mobilidade terrestre, a autonomia e a divisão dos grupos domésticos em busca dos núcleos residuais de mata, exercitando um trânsito de famílias quase sempre reprimido pela aplicação regional da administração indigenista brasileira no sul, diretrizes políticas impulsionadas desde o Segundo Império até a penúltima década do século XX segundo o objetivo de concentrar e fixar os grupos indígenas em porções de terra diminutas, a fim de liberar áreas cada vez maiores para a implantação de lotes destinados a imigrantes europeus (SOUZA, 2008).

Sobre a presença dos afrodescendentes, de acordo com Ávila (2014), o Quilombo era um distrito que inicialmente abrigava indígenas. No entanto, no século XIX, os negros escravizados fugiam de seus Senhores e se refugiavam lá,

constituindo assim uma formação quilombola. O referido Quilombo era organizado de forma itinerante e chefiado por Manuel Padeiro⁵.

A mesma autora também discorre sobre a obra de Mário Maestri, traçando um panorama de como viviam os quilombados:

Esse local abrigava escravos fugidos das charqueadas, na época da Revolução Farroupilha. Esses fugitivos tinham poucas roupas para suportar o frio e a sua alimentação consistia em aproveitar as partes do boi que eram considerados "não-aproveitáveis", das quais era feito um fervido que era comido em gamelas ou coités de madeira e barro. Eles utilizavam as mãos ou colheres de pau e comiam em pé ou de cócoras. (ÁVILA, 2014, p. 116).

Atualmente, segundo a autora, existem três comunidades negras rurais (denominação atual para os antigos quilombos) no Município de Pelotas. Uma delas é a do Alto do Caixão. Essa comunidade há pouco tempo foi reconhecida como remanescente dos quilombolas. Nesse processo, pensa-se no início da valorização da história, da preservação do modo de vida, dos rituais, das manifestações religiosas, dos modos de fazer, como artesanato de palha, conhecimentos de ervas de chá e agricultura familiar no meio de um terreno irregular e cheio de pedras, pois as terras planas e produtivas ficavam com os colonos.

Não há, no Alto do Caixão, monumentos de pedra e cal como podemos ver na Colônia Francesa, como, por exemplo, o obelisco, pois, segundo Ávila (2014), não havia interesse em preservar a memória de ex-escravizados. Assim, houve um

⁵ Manuel Padeiro foi escravo de Boaventura Rodrigues Barcelos (1776-1855), poderoso fazendeiro. Note-se, pelo nome, que ele se identificava mais com seu ofício (há registros que anotam "Manuel Pedreiro") do que com o sobrenome do patrão (em toda a América e o Caribe, os submetidos adotaram "filiação" portuguesa, espanhola, inglesa ou francesa). Em todo caso, tal nome não podia soar mais português, tanto pelo prenome como pelo ofício. Acredita-se que o líder africano tenha nascido na Costa do Ouro, de onde provinham muitos escravos. Transformou-se num Zumbi dos Pampas, formando grupos de resistência contra a escravidão, a 30 km do centro econômico de Pelotas. Os capitães-do-mato desistiam da caçada humana por "fujões" quando estes adentravam a chamada Serra dos Tapes, terreno montanhoso compartilhado com os índios. Formou-se uma série de quilombos desde 1834, e o maior deles ficou conhecido pelo nome de seu líder, Manuel Padeiro, "considerado pelos seus o enviado de Oxalá" (HENNING, LINHARES, GOMES e LEAL, 2010, p.). Em Farroupilha, iniciada em 1835, os senhores desviaram recursos para lutar entre eles, e muitos escravos fugiram. Pelotas era uma espécie de barril de pólvora prestes a explodir. A tensão relacionada com a rebeldia dos escravos se mantinha graças à comunicação solidária entre senzalas e quilombos (AL-ALAM, 2007). O trabalho citado acima (de Henning, Linhares, Gomes e Leal) conta que o término da Revolução Farroupilha, em 1845, possibilitou ao governo enviar militares ao quilombo de Manuel Padeiro, onde se estimava de 600 a 800 habitantes ("Memórias da Escravidão", Zênia de León, 1991). Em 1848, o Segundo Regimento de Cavalaria de São Leopoldo, composto de alemães voluntários, mais a guarda nacional e uma milícia local destruíram o quilombo, dizimando a população. A morte de Manuel Padeiro teria ocorrido naqueles dias. Hoje restam grupos quilombolas na região, estudados por pesquisadores, principalmente da UFPel.

silenciamento ou apagamento da memória coletiva dos ex-escravos. É com vistas nisso que a autora faz uma etnografia da memória a partir dos relatos de alguns moradores da Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão e destaca o Patrimônio Natural como referência para rememorar suas lembranças.

A memória é preservada por eles de outras maneiras. Essa ideia de patrimônio vinculada ao conceito de pedra e cal é proveniente de outra perspectiva de mundo, uma ideia de tempo linear, com o passado, presente e futuro, com algo que precisa ser deixado enquanto marco para gerar lembranças e preservar narrativas.

Padre Capone relata que os negros fugiam de seus senhores e vinham para o Quilombo, porém, os brancos não permitiam que os negros frequentassem os mesmos bailes, festas e celebrações religiosas que eles. Mas quando o padre passou a celebrar as missas, no início da década de 1940, essa situação se modificou:

[...] A gente quando estive lá no começo, a gente fez questão da presença dos negros, era uma questão de cultura. Mas os negros também não se aproximavam muito dos franceses por causa da língua. Mas os franceses precisavam de gente pra trabalhar na poda, no vinho, nas parreiras, então eles escolhiam os negros. E os negros trabalhavam, houve então uma assimilação entre os negros e os brancos, começavam a se entender (CAPONE, Luiz, 2016).

Com vistas no depoimento do padre Capone, cabe discutir a concepção de assimilação calcada em aspectos de natureza racial e cultural. Sob o entendimento de Ellis Jr. (1934, p. 34),

a assimilação, pois, é a redução a outra civilização de um grupo humano mais ou menos numeroso de indivíduos, o qual abandona todos os laços culturais anteriores, adquirindo novos que lhes são transmitidos pelo grupo humano em contato com o qual ele é posto [...].

Tal qual afirmado por Ellis Jr., o conceito de assimilação é concebido como fenômeno biológico-racial (além de cultural), ou seja, uma expressão de racismo. Seyferth (1996, p. 48-49), por sua vez, relata que

os cientistas brasileiros encontraram meios para contornar a visão negativa seguida pelo racismo para a mistura de raças, ora classificadas como inferiores, ora como atrasadas: inventaram a tese do branqueamento e os mestiços “superiores”! [...] Nos termos da sua versão “científica”, [...] o branqueamento da raça era visualizado como um processo Assimilação

Ressignificada: Novas Interpretações de um Velho Conceito seletivo de miscigenação que, dentro de um certo tempo (três gerações), produziria uma população de fenótipo branco [...]. Sendo assim, os imigrantes tinham um papel adicional a exercer: contribuir para o branqueamento e, ao mesmo tempo, submergir na cultura brasileira.

No entanto, a assimilação não tem relação com fatores biológicos, mas como expressão exclusiva de mudança cultural, ela é um

conjunto das mudanças de ordem psíquica a que estão sujeitas as pessoas que se transferem de uma determinada sociedade para outra, culturalmente diversa. Praticamente essas mudanças consistem na obliteração, substituição e modificação de hábitos (modos de sentir, pensar e agir) anteriormente adquiridos. Os novos hábitos exteriorizam-se em forma de atitudes total ou parcialmente diferentes de atitudes anteriores. É óbvio que as atitudes novas surgem condicionadas a elementos culturais novos ou diferentes. Grau e ritmo de assimilação são determinados sobretudo pelas diferenças ou semelhanças culturais, pela frequência e espécie de contatos que se estabelecem entre pessoas culturalmente diversas. Outro fator importante representam as condições sociais em que ocorrem os contatos. Geralmente, a assimilação é acompanhada de conflitos mentais cuja intensidade varia em razão dos antagonismos que se observam entre os padrões de comportamento da sociedade antiga e da nova. Enquanto duram esses conflitos, a pessoa é marginal. A assimilação não exige a substituição de todos os hábitos anteriormente adquiridos. As necessidades básicas dos homens são as mesmas e as culturas criadas para sua satisfação apresentam semelhanças fundamentais. Daí se pode inferir que, em qualquer hipótese, uma parte das experiências anteriores pode ser utilizada para fazer os reajustamentos que a nova situação exige. A assimilação compreende exclusivamente hábitos, quer dizer, traços que a pessoa humana adquire em interação com seus semelhantes. Por isso, a assimilação nada tem que ver com fatores biológicos como nascimento, ascendência ou "sangue" do indivíduo. Importante é apenas o meio social em que a pessoa é educada (WILLEMS, 1950, p. 8).

Analisando o depoimento do Padre, percebe-se que o preconceito era visível por parte dos descendentes franceses, pois o negro não podia participar da vida social em conjunto com eles, porém os servia como mão de obra. Quando o padre afirma que eles começaram a se entender, ele se refere à língua falada pelos descendentes de franceses, pois os negros não a entendiam. No entanto, os franceses já falavam português, facilitando a relação entre eles como patrões e empregados.

Segundo Cristiane de Ávila (2014, p. 21),

[...] a concorrência com outras etnias, que chegavam ao território da Serra dos Tapes através do incentivo à política de imigração, contribuiu para que os moradores das comunidades negras rurais da região do sétimo distrito atingissem um estado de dependência econômica em relação aos outros colonos, com condições materiais precárias e necessidades básicas não

atendidas pela falta de terras agricultáveis rentáveis e pela descontinuidade de renda, uma vez que a única alternativa de muitos é ser diarista na época de safra, bem como uma infraestrutura que deixa muito a desejar.

Observamos, então, na narrativa do Padre, que os negros já habitavam aquela localidade quando os franceses chegaram, o que é comprovado na pesquisa de Ávila. Entretanto, o Padre aponta vários fatores que ocasionaram o distanciamento entre eles, como a língua, pois os franceses falavam outro idioma. Mas a fala do Padre Capone vai ao encontro com o pensamento de Ávila (2014) quando esta afirma que os franceses começaram a utilizar a mão de obra negra para a safra. Nessa situação, percebe-se que os afrodescendentes, mesmo chegados na região antes que os franceses, acabavam se sujeitando aos empregos oferecidos pelos últimos, mas não participavam da vida social e cultural.

Diferentemente dos negros que trabalhavam como empregados, as outras etnias que foram formando colônias dos primeiros imigrantes europeus, apesar das dificuldades encontradas, puderam se organizar, tinham terra para plantar, eram agricultores autônomos. Dessa forma, tentaram preservar algumas de suas tradições, erigindo monumentos denominados “pedra e cal”, segundo os estudiosos do patrimônio cultural⁶.

Na Vila Nova, a diversidade étnica é muito visível, há moradores descendentes de praticamente todas as etnias citadas e isso cria um campo de disputa na construção da identidade da cultura local. Em alguns momentos, a identidade dos moradores da Vila Nova é marcada pelas diferenças étnicas e, em outros, procura afirmação no contexto pela necessidade de convivência do grupo, buscando assim uma reafirmação da identidade simbólica social e cultural.

Os primeiros franceses chegaram à região no início da década de 1880, conforme ressaltado no capítulo anterior. Segundo Leandro Betemps (2009, p. 72),

[...] em 1879, eles vieram de São Feliciano para Pelotas, para trabalhar. Algumas famílias que chegaram: Arbes, Argout, Beauvalet, Bertholon, Bichet, Capdeboscq, Carret, Cahrrois, Chollet, Choreux, Claverie, Colomby, Comte, Cousen, Crochemore, Ebersol, Escallier, Fouchy, Fournier, Frechou, Gaume, Gerard, Giroux, Guiot, Jacquot, Jouglard, Lahude, Laurant, Leroy, Lesauvage, L'homme, Lonchamp, Luvier, Magallon, Martin, Ney, Palavet, Petit, Raffy, Ribes, Steinle, Tourin, Vacher, Vannuer, Wahast.

⁶ Para melhores esclarecimentos sobre o Patrimônio Cultural, consultar o site do Instituto Histórico Artístico Nacional (IPHAN) e FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs.). FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

Marinês Grando (1990) relata que quando os franceses chegaram em 1880 tiveram a ajuda do comerciante João Antônio Pinheiro, que loteou suas terras na Serra dos Tapes e vendeu a eles, com a condição de pagamento somente após a primeira colheita. Assim, os primeiros colonos organizaram suas lavouras, vinhedos e pomares. Então, foi fundada a Colônia Francesa de Santo Antônio. Nessa época, os colonos plantavam batata inglesa, milho e feijão para o consumo próprio e, também, vendiam na cidade lenha e cascas de algumas árvores que eram usadas para tingir couro nos curtumes.

Os franceses produziam, igualmente, fumo, cana-de-açúcar, uva e alfafa. A produção foi bem-sucedida e trouxe desenvolvimento para a colônia. Eles também contavam com o moinho de Luis Ribes, uma fábrica de celulose, uma fábrica de tamancos e uma escola para os meninos. E as meninas ficavam em casa, ajudando as mães na produção de doces artesanais utilizados para o consumo próprio. Em entrevista, Radmann diz que a colônia Francesa é valorizada pelos descendentes franceses que ainda vivem ali. Com o passar dos anos, muitos abandonaram a colônia, foram viver na cidade e em outros estados. Entretanto, a localidade, segundo Betemps (2015, p. 173), “[...] é um marco da migração francesa no Rio Grande do Sul, é reconhecida no Brasil e fora dele, como a única colônia agrícola existente no Estado”.

O padre Capone relata o que levou os franceses a se instalarem no Sétimo Distrito de Pelotas:

E aí, eles chegaram ali e viram que era um centro (econômico) perto de Pelotas, centro perto de Rio Grande e perto de Pelotas, então se firmaram ali por causa disso. Comercialização! E eles comercializavam muita parreira, uva, vinho também. Tem várias pessoas que trabalharam muitos anos com parreiras de uva ali. Eles tinham parreira, maçã, fabricavam também uva, exportavam até uva, vinho aliás, exportavam vinho e também trigo. (CAPONE, Luiz, 2016).

Nas palavras do padre fica claro que os franceses tinham grande interesse pela região pela localização privilegiada para a área comercial e industrial. Os descendentes franceses obtiveram maior destaque no sétimo distrito por conta das indústrias de conservas, visto que não eram maioria em relação às outras etnias que estavam presentes ali. Os descendentes de italianos se dedicavam à área comercial, os descendentes de alemães à agricultura e os negros trabalhavam de empregados, tanto na agricultura como nas fábricas.

Padre Capone deixa claro também que os franceses não vieram para a Vila Nova, e sim um pouco mais acima, para a colônia vizinha, Santo Antônio:

E a sede deles não fica ali. Fica uns 10,12 Km. Sabe aonde que fica a sede deles! E quando eles olharam de cima, aquilo era uma planície enorme. Gostaram disso ali, mas eles começaram lá, a sede deles lá inclusive tem já um monumento lá. E lá foi celebrado uns anos atrás, uns 10 anos atrás foi celebrada os 100 anos de migração francesa, uma solenidade muito grande lá (CAPONE, Luiz, 2016).

Capone refere-se ao obelisco que foi construído em 1830, na Colônia Francesa de Santo Antônio, para comemorar os 50 anos da chegada dos franceses à localidade.

Os franceses fizeram uma grande festa na inauguração, cada um ajudou de alguma forma, uns deram dinheiro, outros vinhos, outros ajudaram com trabalho e, assim, comemoram a data que pra eles era especial. A Figura 4 mostra o monumento existente na Colônia Francesa de Santo Antônio:



Figura 4: Obelisco da colonização francesa.

Fonte: Betemps (2000).

Grando (1990) aponta que entre 1881 e 1886, juntaram-se aos franceses os colonos alemães e italianos e novos lotes foram anexados ao núcleo inicial.

Segundo Ullrich (1994), a colônia estava localizada entre os Arroios Quilombo, Andrade (ou Andradas) e Pelotas, até a encosta dos Três Cerros. O autor coloca que o local era de mata virgem. Quando os franceses chegaram, foram abrindo a mata e fazendo suas plantações (ULLRICH, 1994). A colônia foi dividida em três seções: duas para franceses e uma para alemães. Com o passar dos anos essas divisões foram desaparecendo, porque outros colonos foram comprando as terras.

Na parte francesa havia duas picadas: a do Andrade (ou Andradas) e a Francesa. Em 1897, a picada do Andrade continha 19 lares, com 100 moradores, entre eles: Ferrari, Cazari, Charnaud, Magallon, Conte, Ney, Gerard, Tourin, Colomby, Bichet, Lahut, Postigos, Beauvalet, Betemps, Bertholon, Raffi e Lourart (BETEMPS, 2006). Ao norte dessa picada, localizava-se a fábrica de papel, dos italianos Bonnora e Piccardo, inaugurada em 1892, porém, não durou muito tempo por conta de desentendimento entre os donos (BACH, 2009).

No ano de 1898, toda a Colônia Francesa já estava ocupada. Na parte dos alemães, havia um moinho, uma casa comercial, uma fábrica de carroças, um curtume, uma fábrica de selas e arreios e uma escola da comunidade alemã. Na parte francesa, havia um moinho, uma fábrica de celulose, uma fábrica de tamancos e uma escola pública para meninos. Havia 77 domicílios com 460 habitantes, sendo 191 alemães, 185 franceses e 81 de outras nacionalidades (ULLIRICH, 1984). Assim, na Colônia Francesa de Santo Antônio, havia mais alemães do que franceses em 1898. Sobre isso, Grando (1990, p. 106) afirma que,

de acordo com o recenseamento realizado em 1920 pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, havia 106 lotes registrados na Colônia Santo Antônio, sendo 40 pertencentes a franceses, 33 a alemães e 33 a agricultores italianos e luso-brasileiro

De acordo com o dizer da autora, havia uma concentração maior de terras por famílias francesas. Uma só família era proprietária de seis lotes, outras de três ou quatro lotes. Isso significa que os franceses foram comprando terras dos outros colonos e expandindo suas propriedades até mesmo para fora da colônia, em terras vizinhas.

No que tange à imigração alemã, segundo Betemps (2009), é possível referenciar as seguintes famílias: Hannemann, Konrad, Mielke, Reinhardt, Mohnsan,

Milach, Schiller, Schubert, Klug, Berg, Felbilac, Ulrich, Ehlert, Ketz, Erbitch, Gueiritch, Tessmann, Bernt e Lange. Além dessas famílias, o mesmo autor cita uma família de moradores das Ilhas Canárias: os Postigos.

Conforme Anjos (2000, p. 83), “[...] é possível reconhecer que no final do século XIX o grupo étnico alemão, relacionado a outros, estava presente em maior número na zona rural de Pelotas”, o que também foi demonstrado no capítulo anterior. Uma característica deste grupo étnico foi o desenvolvimento da agricultura como principal atividade econômica:

Os alemães, ao contrário dos franceses, tinham uma grande preocupação com a preservação do solo, eles usavam recomendações técnicas, adotando medidas de controle da erosão, através de plantações em curva de nível e terraço, empregando fertilizantes de acordo com a Assistência Técnica e Extensão Rural/EMATER (GRANDO, 1990, p.42).

Ainda segundo Grando, os colonos alemães construíram em Santo Antônio uma escola particular, a residência do professor que viesse morar na colônia e um cemitério. Havia ali um pastor de nacionalidade alemã. A comunidade pagava o salário do professor que lecionasse na escola, que também tinha direito a um terreno para cultivo (GRANDO, 1990).

O empresário que fosse oficialmente o dono das terras era considerado o fundador de cada Colônia e doava um terreno para fazer a escola, a casa de moradia do professor, com lavouras e cemitério. E, assim, mantinham o poder do comércio na colônia mesmo residindo na cidade.

Segundo Peixoto (2003, p. 5), “a presença dos italianos em Pelotas se deu antes mesmo da política de imigração organizada pelo Governo em 1875, data oficial da chegada dos imigrantes italianos ao Rio Grande do Sul, desses a maioria ficou na zona Urbana”.

Sobre esse mesmo elemento étnico, de acordo com Betemps (2009, p. 72), “[...] é possível identificar as primeiras famílias italianas como sendo: Duranda, Ferrari, Peverada, Cazari, Romano, Bachini, Larroque, Rosso e Betemps, Fuzeri e Pastorello”.

Grando (1990) relata que a indústria rural de compotas de pêssego tem sua origem na Colônia Santo Antônio:

[...] Fundada pelo imigrante Domingos Pastorello, em 1880, inicialmente beneficiava somente uva para o preparo do vinho. Por volta de 1900, o

proprietário com o auxílio de um filho ampliou as atividades da fábrica, instalada junto à residência, implantando a fabricação de conservas de pêssego (GRANDO, 1990, p. 107).

A Quinta Pastorello, de Emílio Ribes, e a Quinta Capdeboscq, de Daniel Capdeboscq (filhos de famílias francesas imigradas para a região), eram as duas maiores fábricas da Colônia Santo Antônio, constantes do relatório do Intendente Municipal Doutor Pedro Luiz Osório, apresentado ao Conselho Municipal em 1924 (RELATÓRIO MUNICIPAL, 1924, p. 30). É importante frisar que estas fábricas se localizavam na Colônia Francesa de Santo Antônio, próximo de onde se formou, na década de 1930, a Vila Nova.

Os motivos que levaram essas famílias a se estabelecerem na Serra dos Tapes foi a qualidade do solo. Para produzirem, eles, primeiramente, exploraram a madeira e formaram as lavouras, dando espaço aos núcleos coloniais, e acabaram substituindo a mão de obra escrava no meio rural. Os italianos exerciam também o domínio do comércio na colônia (GRANDO, 1990).

A mostra étnica da Serra dos Tapes podemos observar no mapa da Figura 5), com a distribuição dos grupos étnicos (pomerano, francês, italiano, alemão, luso-brasileiro, africano e sírio-libanês). O mapa aponta, ainda, a condição desta ocupação na sua relação com as demais etnias (ocupação predominante, média e pequena).

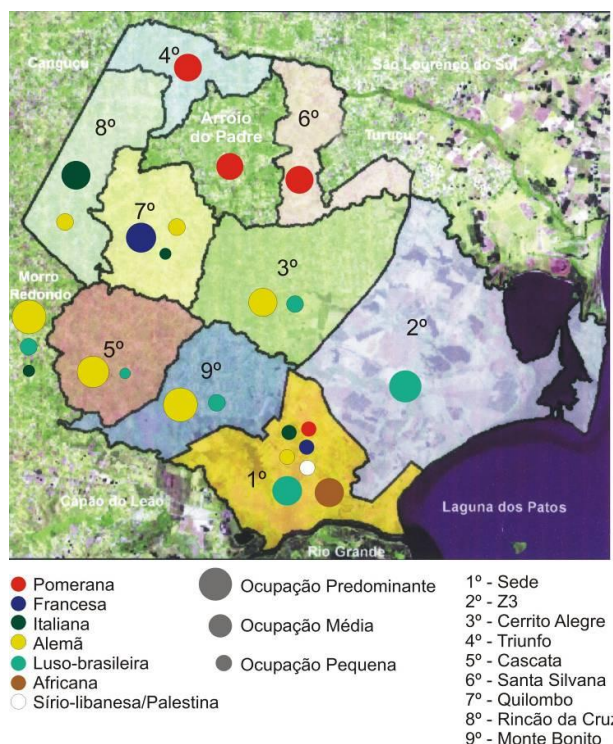


Figura 5 - Mapa indicando as presenças étnicas nos distritos de Pelotas

Fonte: Projeto INRC – Doces tradicionais de Pelotas

Segundo o mapa, no sétimo distrito, aparece a etnia francesa, a etnia alemã e a etnia italiana. o étnico como uma questão conceitual que me mostra uma diversidade de origens da população que trouxe para colônia uma forma de multiplicidade na sua formação

Considerando que a Vila Nova é uma localidade localizada dentro do Sétimo Distrito, buscou-se identificar, através de mapas, qual seria a sua dimensão territorial. Para isso, consultamos os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Segundo o Censo realizado em 2010, o Sétimo Distrito de Pelotas, Quilombo, está dividido em cinco setores censitários. Esses setores possuíam, nesse ano, o total de 2.654 pessoas residentes, não sendo possível identificar o número de moradores por setor, ou seja, de maneira individual. Por se tratar de uma localidade que não tem seus limites definidos em lei municipal, não temos como levantar dados específicos sobre essa vila. Ao que tudo indica, a maior parte da Vila Nova está no 5º setor, 431440745000005 (Figura 6), e um pequeno aglomerado de casas fica do outro lado da estrada, no 4º setor, 431440745000004 (Figura 7), junto com outras colônias.

Podemos analisar essas informações nos mapas abaixo:

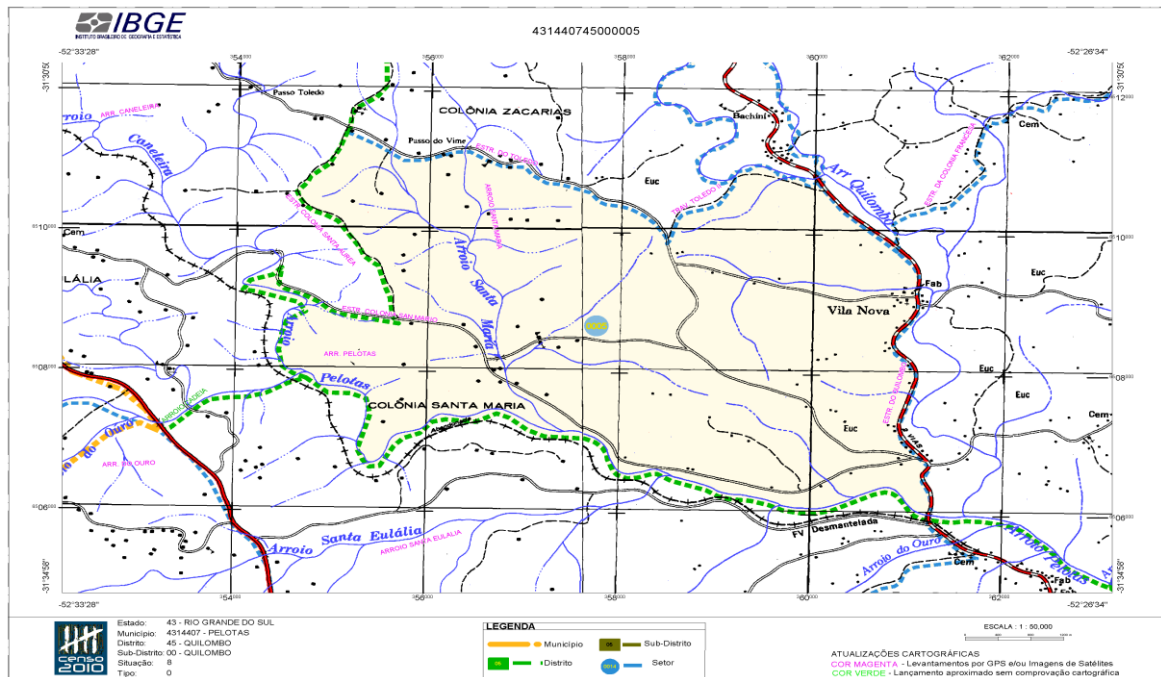


Figura 6 - Mapa do 5º setor censitário do 7º Distrito de Pelotas.

Fonte: IBGE.

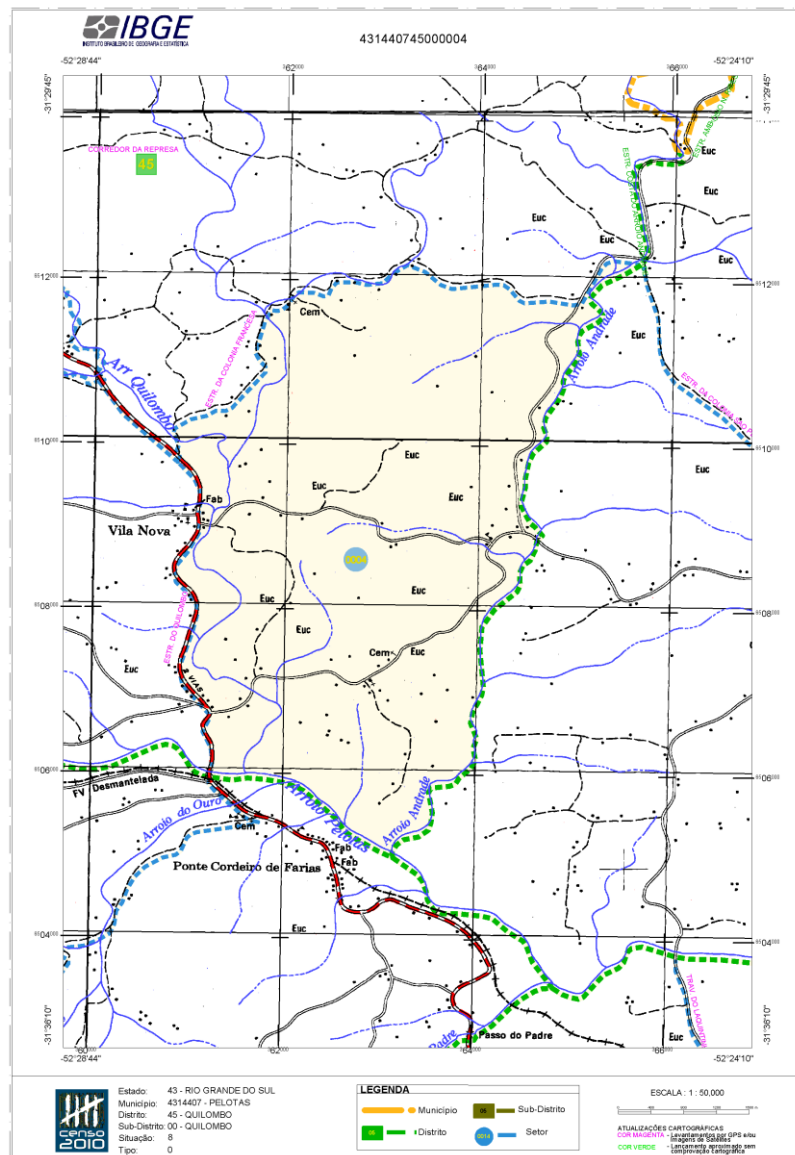


Figura 7 - Mapa do 4º setor censitário do 7º Distrito de Pelotas.
Fonte: IBGE.

Este capítulo trouxe as informações de como se deu a formação do sétimo distrito na Zona rural de Pelotas, bem como as etnias que fizeram parte desse desenvolvimento. A seguir, será exposto o processo de formação da Vila Nova nesse espaço territorial.

CAPITULO III

O CASO DA VILA NOVA

A Vila Nova é uma região rural, fazendo parte do distrito do Quilombo, juntamente com as seguintes localidades: Colônia Municipal, Alto do Caixão, Colônia Santa Coleta, Três Cerros, Colônia Santa Áurea, Colônia Zacarias, Bachini, Colônia Francesa, Vila Nova, Rincão do Andrade, Andrade e Colônia Dias (Figura 8).

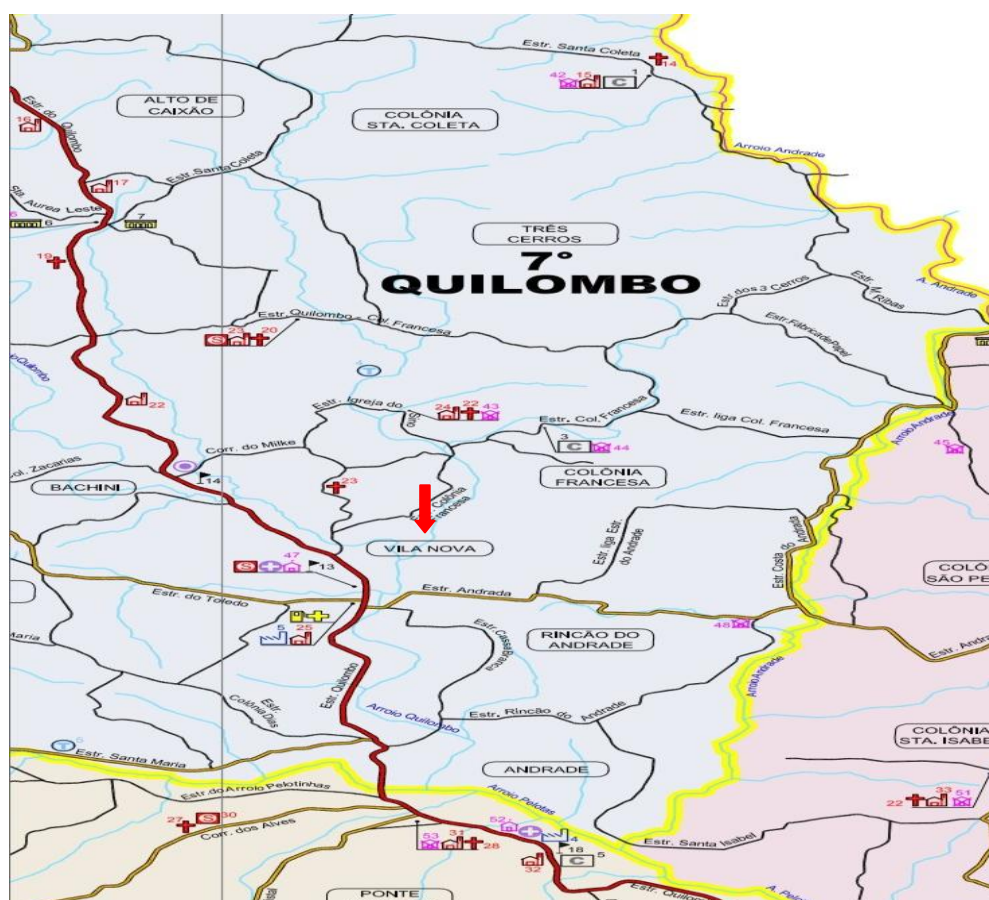


Figura 8 - Mapa do 7º Distrito de Pelotas

Fonte: Leandro Betemps (2015).

A maioria dessas localidades se formou no século XIX e início do século XX, a partir da colonização de imigrantes europeus, como a Colônia Municipal, em 1882; a Colônia Santa Coleta, em 1882; a Colônia Santa Áurea, em 1893; a Colônia Zacarias, em 1885; Bachini e a Colônia Francesa, em 1880; Rincão do Andrade, Andrade e Colônia Dias, em 1892, conforme demonstrado no capítulo anterior.

As migrações promovidas pouco antes e após a abolição da escravatura, que promoveu a chegada de novas etnias na zona rural de Pelotas, fizeram com que as essas etnias ocupassem o espaço em que já estavam moradores locais, dentre eles os descendentes indígenas e afrodescendentes.

O Alto do Caixão se constitui no período pós-abolição, na busca por terras e trabalho por parte de ex-escravizados e seus descendentes. Segundo Ávila (2014, p. 112),

ao que tudo indica a memória coletiva dos moradores da Comunidade Negra Rural do Alto do Caixão não atribui ao Quilombo de Manuel Padeiro sua origem, apesar de as fontes apontarem para a existência de remanescentes das charqueadas na região.

Possivelmente isso ocorra porque não exista uma relação de pertencimento de memória e sentimento entre os moradores daquela localidade. O Alto do Caixão se constitui no pós-abolicionismo, enquanto que o Quilombo Manuel Padeiro é anterior, portanto, a relação por parte dos descendentes é diferente.

A formação da localidade denominada Vila Nova se deu nos primeiros anos da década de 1930, a partir de famílias da região, que foram migrando e se instalando nesse espaço, como será apresentado a seguir.

3.1 A formação da Vila Nova

Partindo da premissa de que em 1930 ainda não havia casas de moradias na localidade onde se formou a Vila Nova, segundo as fontes documentais analisadas, afirma-se que um dos motivos, dentre outros, que despertou o interesse das primeiras famílias a se estabelecerem no local foi a existência da estrada principal que ligava a Pelotas e região, a Estrada Geral. Segundo Grando (1990), em 1884, quando foi inaugurada a linha férrea de Rio Grande a Bagé, na estação do Capão do Leão eram embarcados os produtos coloniais para Rio Grande e Pelotas, que chegavam por intermédio da Estrada Geral da colônia, como consta no relatório da Intendência Municipal de 1897. Isso demonstra a importância dessa estrada para o escoamento da produção agrícola da zona rural de Pelotas.

A primeira família a construir uma casa de moradia na Vila Nova foi a de Edmundo Bachini, descendente de italianos, como afirma em seu depoimento Clésis Crochemore (2016):

Aquela casa em frente à Marta e o Ricardo, foi a casa que meu tio esse, então quando casou, construiu. E ali ele deu o nome de Vila Nova, depois as pessoas foram construindo ali, o nome Vila Nova ficou a marca com a construção daquela casa ali. Depois os Bachini vieram embora pra cidade.

Clésis Crochemore conta que seus avós, Alfonso Crochemore e Julieta Crochemore, mudaram-se da Colônia Francesa para Vila Nova no começo de sua formação, em 1933, quando já residia no local o senhor Edmundo Bachini. Segundo ela, “ele foi o verdadeiro fundador da Vila Nova”. Ela conta que Edmundo Bachini morava, antes, na Colônia Bachini, também no distrito do Quilombo, bem próximo às terras onde se formou a Vila Nova. Edmundo era casado com Elda Arndt, irmã de Ilma Heidrich Arndt, tia de Clésis Crochemore.

Lucia Crochemore também afirma em seu depoimento que seu tio Edmundo Bachini foi o fundador da Vila Nova. Ele, descendente de italianos, casa-se com Elda Arndt, descendente alemã, em 19 de março de 1932, na igreja Sant’Ana da Colônia Maciel. Tendo em vista que o casal foi morar na Vila Nova depois de seu casamento, segundo relata Clésis Crochemore, pode-se afirmar que a primeira casa foi construída no início da década de 1930.

Segundo o 1º Registro de Imóveis de Pelotas (16/05/1938, p. 1), Edmundo Bachini comprou essa propriedade de Arno Arndt, descendente de alemães. Sendo assim, os alemães já se faziam presentes na Vila Nova na época de sua formação, não como moradores, mas sim como proprietários dessas terras. Aqui, percebe-se como a relação com a terra e o espaço muda com a chegada dos italianos na localidade: Surgiram o comércio, os bailes, a escola e o futebol.

Alfonso Elizeu Crochemore, descendente francês, casa-se em 26 de abril de 1918 com Julieta Geiger, de origem alemã, morando, inicialmente, na Colônia Francesa, indo residir na Vila Nova em 1933.

Sabe-se, então, que Edmundo Bachini casou-se em 1932 com Elda Heidrich Arndt e foi morar na Vila Nova, e que Alfonso Elizeu Crochemore mudou-se para a Vila Nova em 1933, assim, é possível entender que a Vila Nova começa sua formação nos primeiros anos da década de 1930, com a construção das primeiras casas de moradia na localidade.

Nestor Elizeu Crochemore, filho de Alfonso Elizeu Crochemore, casou-se com Ilma Heidrich Arndt, descendente alemã e irmã de Elda, esposa de Edmundo Bachini, em 15 de março de 1940, e moravam junto às terras de seu pai na Vila Nova.

Percebe-se, através dos relatos, que os casamentos de imigrantes de diferentes etnias eram comuns na localidade. Muitos dos depoentes salientaram essas relações interétnicas. Nas duas famílias citadas acima, verifica-se que as diferentes etnias se relacionavam a partir dos casamentos, porém, todos eram descendentes de imigrantes europeus.

Foi através dos depoimentos que obtive as primeiras informações a respeito da formação da Vila Nova. Isso mostra a relevância do uso da história oral nesta pesquisa, visto que foi desse modo que se identificou o nome de Edmundo Bachini como sendo o dono das terras onde foi construída a primeira casa de moradia na Vila Nova e, por conseguinte, a ele foi atribuída a origem do nome da localidade, que surgiu após o mesmo abrir um comércio em sua residência com o nome fantasia de “Armazém Vila Nova”. Após essa primeira denominação de seu estabelecimento comercial, Edmundo abriu um salão de bailes e, posteriormente, teria sido responsável pela fundação do Time de Futebol que levou o mesmo nome.

Essas atividades de comércio e lazer indicam que a família que chegou na localidade veio com a intenção de se estabelecer. A escolha por disponibilizar inicialmente o armazém na localidade demonstra que, certamente, existia uma demanda nos arredores por produtos que anteriormente as pessoas só tinham acesso se fossem até a cidade. Laidi Bachini Bosembecker conta que ali eles vendiam todo tipo de mercadoria, como: gêneros alimentícios, tecidos, material de ferragem, etc. Segundo ela, ali "tinha de tudo".

A casa apontada como sendo a primeira construção erguida na Vila Nova por Edmundo Bachini ainda existe atualmente e se localiza no cruzamento da Estrada Geral e da travessa que vai para o Rincão do Andrade, conforme a Figura 9. Foi nessa mesma casa que o proprietário abriu o Armazém Vila Nova.



Figura 9 - Casa de Edmundo Bachini – primeira casa construída na Vila Nova.

Fonte: Autora (2018).

Assim, vários depoentes atribuem a origem do nome da localidade ao nome do Armazém de Edmundo Bachini. Nelson Crochemore diz que "tinha um armazém aí, um time de futebol, e então inventaram esse nome Vila Nova, mas não sei se foi registrado isso, começaram a falar Vila Nova, Vila Nova e ficou". Ivone Rickes compartilha da opinião de Nelson quando diz que a origem do nome da localidade foi por conta do Armazém de Edmundo Bachini:

Aí o vovô [Emílio Ribes] falava aqui agora vai ficar uma Vila porque já tinha algumas casas, isso faz mais de 70 anos. E a casa verde da esquina que tem alpendro na volta era a venda do Edmundo Bachini, aí o vovô disse pra ele, aqui já se formou uma Vila. E ele botou o nome, foi aí que começou com o Armazém Vila Nova (RICKES, 2017).

Luiz Antônio Radmann também compartilha dessa mesma narrativa sobre a origem do nome da localidade. Segundo ele, "Edmundo veio para a região da Vila Nova e montou um armazém comercial chamado Vila Nova, daí a origem do nome Vila Nova". Da mesma forma salienta Laidi Bachini Bosembecker:

Então começaram a fazer casas e o meu pai disse isso aqui é a verdadeira Vila Nova, o salão de baile e o armazém tinham esse nome, daí criou o time de futebol que também levou esse nome. E lá no Bachini tinha o time do Cruzeiro, eles eram rivais, e assim foi se desenvolvendo a Vila Nova. (BOSEMBECKER, 2017).

As narrativas atribuem a origem do nome Vila Nova ao fato deste ter sido o nome fantasia do armazém de Edmundo Bachini no início da formação da localidade, nos primeiros anos da década de 1930. Posteriormente, Edmundo Bachini abriu um salão de bailes em sua propriedade e o chamou também de "Vila Nova". Já no final da década de 1930, Edmundo Bachini fundou um time de futebol e também atribuiu a ele o nome de "Vila Nova". Verifica-se que o nome Vila Nova estava presente no cotidiano da localidade, seja em estabelecimentos comerciais (armazém), seja em estabelecimentos recreativos e esportivos (salão de baile e time de futebol), o que pode ter favorecido a hábito de identificar a localidade com essa denominação. Assim, as narrativas foram importantes para saber da origem da denominação da localidade.

Em seu depoimento, Clésis Crochemore contou que em 1943 o senhor Edmundo Bachini deixou a Vila Nova, mudando-se para a cidade de Pelotas, vendeu sua propriedade para um senhor de origem alemã, cujo nome era Walter Carnal. O novo dono da propriedade deu continuidade aos bailes no salão, que passou a levar o nome da família Carnal. A propriedade hoje pertence à Lecy Carnal, filha de Walter Carnal.

Desde seu início, é possível perceber que havia uma diversidade étnica na formação da Vila Nova, pois a família Bachini era descendente de italianos, o senhor Walter Carnal descendente de alemães e a família Crochemore descendente de franceses. Ressalta-se, ainda, a família de Elda e Ilma Heidrich Arndt, descendentes de alemães. Essa diversidade étnica também está presente na formação de toda a zona rural de Pelotas, que contou com a colonização de alemães, italianos, franceses, negros e índios. No decorrer das entrevistas, outras etnias vão sendo citadas, como os Vergaras, descendentes de espanhóis, entre outras que se fazem presentes na localidade.

Na estrada da Vila Nova, indo em direção à entrada da estrada da Colônia Francesa, encontramos vestígios de uma antiga senzala na propriedade de Edith Jouglard, ao lado da casa onde ela mora, conforme a Figura 10.



Figura 10 - Vestígios de uma senzala

Fonte: Acervo do Museu da Colônia Francesa

Edith Jouglard conta que, quando casou, seu marido comprou essas terras e eles foram morar ali, sendo que a senzala já existia e, com o tempo, só restaram as ruínas. Essas terras pertenciam anteriormente a Pedro Jouglard. Segundo relatos orais obtidos durante a pesquisa, essa construção abrigava os negros que vieram para lutar na guerra. Os moradores não souberam dizer qual a guerra, ou na Revolução Farroupilha (1935-1945) ou na Guerra do Paraguai (1864-1870).

Segundo a proprietária da casa, foi encontrada uma algeia junto aos restos das paredes da antiga senzala. A algeia foi vendida ao senhor Lino Ribes e, logo após, doada ao Instituto Histórico e Geográfico de Porto Alegre.

Edith relata ainda que “dizem que aí, nessa senzala, tem três ou quatro escravos enterrados, mas eu não sei se é verdade” (JOUGLARD, , 2011). Ela conta que foi morar ali com o marido ainda jovem, e que, na época, a construção tinha o telhado feito de palha e, dentro, uns troncos de coqueiro cortados ao meio, no chão e cobertos com a folha da mesma árvore de forma trançada, o que dava um aspecto de cama e coberta. Nesse local, segundo ela também foi encontrado um sino, conforme a Figura 11 abaixo (ÁVILA, 2014, p. 129).



Figura 11 - Sino encontrado nas ruínas da senzala.

Fonte: Cristiane Ávila (2014).

Sônia Gouveia foi uma das depoentes que se declarou descendente de negros e índios, por parte de sua avó materna (Figura 12), que nasceu em 1919. Na época, sua família viera de Canguçu, precisamente do Rincão dos Maias para a Colônia Santo Antônio.



Figura 12 - Avó de Sônia

Fonte: Álbum da família.

Alguns depoentes fazem referências às bisavós por parte de mãe como sendo “bugra”⁷. É o caso da Laidi Bachini Bosembecker ,que diz: “minha bisavó materna era bugra”, conforme ela nos mostra por meio da Figura 13.

⁷ O indígena brasileiro já teve várias representações sociais durante toda a história brasileira. Primeiramente, foi considerado, pelos europeus que aqui aportaram, como “gentio”, “bárbaro”, “raça atrasada”, “bugre” e “selvagem”. No Dicionário Caldas Auleti (1881), o verbete apresenta diferentes acepções: como expressão genérica que, no Brasil, significa “índio Selvagem”, figura como sujeito



Figura 13 - Laidi, sua mãe e suas avós.

Fonte: Álbum particular de Ladi Bachini Bosenbecker.

A imagem acima traz as quatro gerações. A depoente explica a composição da fotografia: “eu sou a menininha, do meu lado está a minha mãe, na minha frente a minha avó materna e, ao lado dela, minha avó paterna”. Analisando a imagem, é possível identificar os traços étnicos que a depoente havia falado anteriormente, quando disse que sua bisavó materna era “bugra”, pois esta traz uma fisionomia com características diferenciadas da avó de origem alemã.

Paulo Gruppelli compartilha da mesma referência étnica de Laidi, uma vez que relata: “minha bisavó materna era bugra, bem pretinha”. Ele não tem imagens fotográficas da sua bisavó, somente lembranças na memória. Analisando esses depoimentos, percebe-se que os imigrantes (homens) que chegaram aqui foram casando e construindo suas famílias com as descendentes de índios e negros que habitavam a região anteriormente, conforme demonstrado por Milheira (2014) e Ávila (2014).

Essas informações comprovam que a formação da Vila Nova se deu a partir de diferentes etnias, como a italiana, a francesa, a alemã, a africana, a índia e que, provavelmente, os primeiros moradores da região foram os índios e negros. Estes

"selvagem, grosseiro e rude". No texto, o significado do termo bugre refere-se ao filho do índio com negro, como denominado pelos imigrantes europeus.

últimos, segundo relatos, foram retirados da região quando houve a colonização por imigrantes europeus, mas, ainda hoje, fazem-se presentes na localidade.

De acordo com Rubens Bachini, a colonização da região se deu em função de “uma negociação que foi feita para recolocar os franceses que estavam em São Feliciano, foi uma realocação”, porém, ele considera a Vila Nova como estando fora da Colônia Santo Antônio e da Colônia Francesa, local onde esses franceses se instalaram. Segundo Rubens, essas terras da Colônia Santo Antônio despertaram o interesse a partir do momento em que não deu certo a hidráulica do Arroio Moreira, quando os engenheiros fizeram o cálculo errado:

[...] eles imaginavam que de lá da barragem, da estação de tratamento a água viesse com gravidade para a caixa d'água da Santa Casa o que não aconteceu, ai eles tiveram que fazer uma usina pra levantar água e isto criou um problema enorme, ai os mesmos técnicos foram descobrir o Quilombo e nesta ocasião eles descobriram a Colônia Santo Antônio que era rica em água e boas terras (BACHINI, 2017).

Rubens Bachini aponta como um dos fatores da mudança da família Crochemore da Colônia Francesa para a Vila Nova a localização, pois a estrada principal passava por essa localidade, tornando mais acessível o transporte comercial tanto para Pelotas como para Canguçu, como mostra a Figura 14.



Figura 14 - Estrada Geral.

Fonte: Autora da pesquisa (2018).

Sobre a estrada, Betemps (2006, p. 109) relata que,

no início 1931, não havia estradas na colônia francesa, a produção era levada em *jacá*, uma armação feita nas carretas puxadas por burros para transportar até a Vila Nova, de onde os produtos chegavam à cidade para vender.

Marinez Grando (1990) conta que, em 1884, a Southern Brazilian Rio Grande do Sul Company inaugurou a linha férrea de Rio Grande a Bagé e, na estação de Capão do Leão (Pelotas), eram embarcados os produtos coloniais para as cidades de Rio Grande e Pelotas. Segundo a autora, as colônias estavam, em média, a 50 e 60 km dessa via férrea e as estradas de rodagem que faziam essa ligação eram de responsabilidade das comunidades (GRANDO, 1990).

Segundo a Intendência local, as principais estradas de rodagem da localidade eram:

[...] a estrada Santo Amor, a estrada do Retiro, e a estrada de Monte Bonito [...]. A estrada do Monte Bonito dividia-se em dois ramais, um atravessava a Colônia Santo Antônio e ia até a Colônia Municipal, e o outro atravessava a colônia Santa Helena e Maciel em direção à estrada de Canguçu. (INTENDÊNCIA MUNICIPAL, 1897, p. 8-9).

Além do escoamento da produção da localidade, a estrada possibilitou a aproximação do meio rural com o centro urbano de Pelotas a partir do transporte coletivo que passava pela estrada principal do Quilombo na Colônia, incluindo a Vila Nova, introduzido em 1948, como afirma Margareth Vieira citada por Maciel:

A introdução do transporte coletivo permitiu a localidade, além do deslocamento de pessoas e objetos, maior aproximação com o centro urbano. Assim, em 1948, a localidade Gruppelli passou a contar com os serviços de transporte coletivo dos irmãos Leitzke, da Colônia Santo Antonio, cujo trajeto era Pelotas, Monte Bonito, Vila Nova, Bachini, Gruppelli e, posteriormente, Colônia Maciel (VIEIRA, 2009 apud MACIEL, 2013, p. 45).

A estrada de Monte Bonito, em direção a Colônia Santo Antônio, aparece como uma das confrontações das terras de Edmundo Bachini, onde foi construída a sua residência, bem como o armazém, o salão de baile e o time de futebol que foram chamados de Vila Nova. Ela é a estrada geral que vai para Pelotas. Essa estrada é apontada em vários depoimentos como sendo um dos motivos pelos quais as pessoas foram se mudando para a Vila Nova, pois os que ali residiam estavam próximos à via de acesso à cidade de Pelotas.

Essa questão também foi apontada no depoimento de Angelita Gruppelli Crochemore como sendo um dos motivos pelos quais ali se deu a formação da Vila Nova. Por ser a estrada principal, ela acredita que a linha de ônibus, a escola e o comércio influenciaram na formação da Vila Nova:

Acredito que o pessoal tenha vindo pra Colônia Francesa e como começou a se usar essa estrada como principal, devia já existir outra vilinha aqui que se tornou Vila Nova. [...] e como tinha o colégio começou a criar moradores na volta. E como a estrada principal ficou sendo essa, para questão de Pelotas eu acho que foi o que começou a definir, daí já vem o professor, muito cedo já tinha linha de ônibus, aí o pessoal começou a vir mais para a beira da estrada. [...] o Nestor criou uma usina de energia elétrica, quer dizer, começou ofertar possibilidades, as pessoas começam a se aglomerar. (CROCHEMORE, 2017).

A questão da acessibilidade com certeza influenciou a vinda de novas famílias para a Vila Nova. Toda produção agrícola da Colônia Santo Antônio passava por ali, existia também o comércio, a educação (escola), o lazer (baile e futebol), a linha de ônibus. Todos esses fatores foram importantes para os colonos migrarem para a Vila Nova. Silva (2009, p. 149-150) aponta que:

O Quilombo, juntamente com Cascata e Monte Bonito, particularmente neste distrito, na Estrada da Vila Nova e imediações, do Bachini à Ponte Cordeiro de Farias, é uma área de intensas transformações. Esse parece um desafio particularmente complexo, pois não é somente a constante da recriação dos grupos ali estabelecidos, mas também uma transformação mais abrupta na forma de estruturação do espaço, com o estabelecimento de demandas até então não existentes ou não consideradas.

Lucia Crochemore, nascida em 1956, natural da Vila Nova, conta que, quando ela nasceu, a Vila Nova era “minúscula”. Ela se recorda da escola, da ferraria, da carpintaria, da venda e de algumas famílias que lá residiam:

[...] eu sei que do outro lado da estrada onde eu morava, tinha muito mais descendentes de alemães do que de franceses, tinha a família Jantsen, a família Carnal, no outro lado era tudo campo que pertencia à família dos Jougard. (CROCHEMORE, 2017).

Nas narrativas de Lucia Crochemore e dos demais interlocutores, aparece a questão étnica que possibilita afirmar que a Vila Nova foi formada por descendentes de diversas etnias, tendo sido essa a razão, apontada no meu trabalho de conclusão de curso, já citado, pela qual a comunidade não interage com o Museu da Colônia Francesa que está localizado na Vila Nova. Os moradores das diferentes etnias não

se veem representados dentro do Museu, que faz referência somente aos descendentes franceses da região. No entanto, neste estudo não será debatida a questão do Museu e sim como se deu a formação da localidade.

As famílias que aparecem nos depoimentos sobre a formação da Vila Nova são: Bachini, Crochemore, Carnal, Jouglard, Altenberg, seguidos pelos Geiger, Erbitch, Ney, “Silva português”, “Silva brasileiro” e Vergara.

Analisando uma das certidões do registro de imóveis de Edmundo Bachini, pode-se observar que ele comprou dezoito hectares de terras do senhor Arno Arndt no Sétimo Distrito na Colônia Santo Antônio, e parte delas localizam-se no Rincão do Andrade. Isso mostra que Arno era o proprietário daquelas terras, pelo menos de uma parte. Pelas divisas citadas no documento, é possível perceber que as terras denominadas como Rincão do Andrade tratam-se da propriedade em que ele morava e que, mais tarde, foi denominada pelo próprio como Vila Nova. A escritura foi lavrada em 1938, mas, segundo as narrativas, ele já residia nessa propriedade antes disso. Chama atenção o sobrenome do antigo proprietário das terras, Arndt, visto que sua esposa era Elda Arndt, o que mostra existir um possível parentesco entre as partes, justificando a sua residência nessas terras mesmo antes de lavrar a escritura em cartório. Em 1943, ele vende a propriedade para Walter Carnal e deixa a Vila Nova.

Outra questão que também chama atenção é o nome das famílias que faziam divisa, na época, com sua propriedade. Entre elas encontrava-se a família de Emílio Altenberg, ao lado norte da propriedade; no lado Sul, a família de Emílio Ribes, Hugo Heidrich e herdeiros de Bernardino da Silva; ao leste, fazia divisa com Ricardo Aldrighi; a oeste, a estrada principal (1º REGISTRO DE IMÓVEIS DE PELOTAS, 16/05/1938, p. 1). O 1º Registro de Imóveis de Pelotas (1938) demonstra parte da diversidade étnica existente na localidade no período de sua formação.

Nelson Crochemore nasceu em 1930. Morando ainda hoje na Vila Nova, emociona-se durante seu depoimento, ao falar a respeito da formação da Vila Nova: “Isso aqui começou em 1930 por aí, sempre morei aqui”. Ele diz que antes disso a localidade era conhecida como Colônia Santo Antônio Sétimo de Pelotas e que seu avô, Felício Alfonso Elizeu Crochemore, veio da França morar na Colônia de São Feliciano e, depois, veio para a Colônia Francesa. Já seu pai, Alfonso Elizeu Crochemore, nasceu na Colônia Francesa. Ele esclarece:

O meu avô comprou terras aqui, naquela época estavam dividindo tudo às colônias e ele comprou um terreno formou a família dele, moraram muitos anos no Brasil na Colônia Francesa era produtor de uva, fazia vinho parte na Colônia Francesa e depois meu pai veio aqui para a Vila Nova. Com a evolução do progresso foi mudando os nomes da localidade. (CROCHEMORE, 2017).

Sobre as primeiras famílias que vieram morar na Vila Nova, Nelson conta que foram as de “Edmundo Bachini, de origem italiana; Família Ney, de origem francesa; Heidrich, de origem alemã; Crochemore, de origem francesa; Geiger, Silva português e Silva brasileiro, Altenberg e os Vergara chegaram depois.” (CROCHEMORE, 2017).

Esse é mais um depoimento que enfatizada a questão étnica na formação da Vila Nova. O depoente relata que havia poucas casas no início da formação da Vila Nova, mas que, com o tempo, foi aumentando. Isso porque os filhos dos proprietários foram casando e as famílias ficando mais numerosas.

Ivone Ribes compartilha da opinião de Nelson, afirmando que:

Tinha algumas casas aqui, mas muito poucas, depois vieram os filhos dos proprietários e foram casando e foram fazendo casas ai aumentou uma das primeiras famílias aqui foram os Crochemore e os Altenberg que era alemão ele tinha a casa onde é o supermercado hoje [...]. (RICKES, 2017).

Segundo relato oral de Betemps (2018), a família Altenberg ou Altenbrug é de origem pomerana. Emílio Altenberg, nascido depois de 1882, provavelmente por volta de 1890, era filho de Carl Wilhelm Altenburg, nascido em 1850, na Pomerania, e falecido em 1894 em São Lourenço do Sul. Emílio Altenberg aparece como proprietário de terras no distrito do Quilombo em 1931. Essas terras eram divisas com a propriedade de Edmundo Bachini, conforme aparece no registro de terras, onde se formou a Vila Nova na década de 1930, vizinha da Colônia Dias.

Ivone Rickes diz que “a Colônia Dias fica mais adiante uns quatro quilômetros, não pertence aqui. Pega uma parte da Santa Maria e lá aonde era o Lindolfo Bachini, dali pra lá” (RICKES, 2017).

A Colônia Dias foi citada no trabalho de Betemps (2009) como estando situada onde se localiza a Vila Nova hoje, no entanto, pelas narrativas, essa hipótese não se concretiza.

A depoente diz que a localidade era chamada de Santo Antônio do Quilombo por causa dos escravizados que fugiam da cidade e vinham para a região costeando

o arroio que leva o mesmo nome do distrito. Muitos são os depoimentos que ressaltam a diversidade étnica da Vila Nova, Elaine Crochemore deixa claro que, para ela, a existência de famílias de origem alemã pode ser maior que a de descendentes franceses na localidade:

A formação dela é muito mais alemã do que francesa, tanto é que os meus avós maternos, o meu avô era alemão da Alemanha, enquanto que pelo lado dos franceses meu bisavô veio com quatro anos pra cá, então eu acho assim que essa ligação alemã e francesa é muito presente aqui, então é muito próximo, se fosse fazer uma pesquisa de casa em casa não sei se não se acharia mais descendentes de alemães do que de franceses aqui na Vila Nova (RIBES, 2017).

No depoimento de Elaine Crochemore, podemos perceber que não há motivos para ressaltar os franceses, pois, segundo ela, na Vila Nova existe a presença igualitária de outras etnias, ou mesmo um maior número de descendentes atualmente.

Luiz Antônio Radmann por sua vez, é de origem alemã, nasceu e se criou na Vila Nova. Ele fala sobre o início da localidade, da vinda de Edmundo Bachini e da influência política que a família Bachini tinha na localidade:

Edmundo veio para região da Vila Nova e montou um armazém comercial chamado Vila Nova, daí a origem do nome Vila Nova. Depois vendeu para o Valter Carnal, ali na primeira casa, depois vieram os Crochemore. Vieram os Altenberg pra cá, Carnal, Martin (RADMANN, 2018).

No depoimento de Luiz Antônio Radmann aparece, tanto como nos de outros depoentes, a questão étnica, ficando claro que esse é um ponto que está sendo abordado por todos eles. Todas as famílias são citadas com referências étnicas, demonstrando, assim, que foram diversas etnias que contribuíram com a formação da Vila Nova. Cada família deu, de certa forma, a sua contribuição para o desenvolvimento local, com atividades econômicas, sejam elas industriais, comerciais, agrícolas, sejam atividades recreativas e culturais, religiosas, educacionais e políticas.

Segundo Luiz Antônio Radmann, a família Radmann veio da Alemanha em 1834, eram 11 pessoas ao todo. Ele conta que seu avô nasceu no Brasil em 1900, e se casou em 1930, vindo, logo em seguida, morar na Vila Nova e trabalhar como agricultor. Esse é mais um depoimento que se refere ao período de formação da Vila Nova como sendo no início da década de 1930.

Um fato que chamou a atenção no depoimento de Luiz Antônio Radmann foi sobre a demarcação das terras na Vila Nova, que ele chama de “tomada de espaço pelos moradores”. Ele diz que havia as linhas de demarcação da fração de terras, uma delas passando atrás do campo do time de futebol Vila Nova, atrás da propriedade do seu pai, na sanga da maleta e vai em direção ao Andrade em linha reta, do Andrade vai para o Passo do Toledo. Nesse local, teria descendentes de uma família que ele considera como "bugres". Luiz Antônio relata:

A família que me refiro é do Falecido Dirceu e eu até mexo com uma das descendentes dele tu é filhote de bugre, porque seu Dirceu tinha características de ser amarelo, e índio era amarelado cruzando com negro mantinha as características, lábios grossos, e a propriedade deles ficava em cima da divisa, parece que foram empurrados pra lá, essa linha segue e vai até a estrada que sai na Gratidão, onde fica a Colônia Dias com o Arroio Pelotas, na Santa Maria ali no Potenza, ali era a propriedade dos Dias, se isso tá correto a Vila Nova fica entre a Colônia Dias e a Colônia Francesa, existe esse mapa em algum lugar. Essa propriedade era divisa, então dessa linha da propriedade dos Pinheiros até a divisa da Colônia Dias se formou a Vila Nova. (RADMANN, 2018).

Dirceu da Silva era filho de Venância Gouveia Teixeira, bisavó de Sônia Maria Gouveia Crochemore, que se declara descendente de índios e negros por parte materna.

Romilda Campos, descendente de negros, nasceu nas proximidades da Vila Nova, tem 67 anos. Em relato oral disse que sua avó morreu com 105 anos, trabalhava na roça e na fábrica. Segundo ela, quando começou a colonização na Colônia, eles, negros, foram “convidados” a se retirarem da localidade porque não tinham dinheiro para adquirir os lotes, por isso precisaram mudar para terras onde pudessem ser posseiros. Ela relata ainda que, quando criança, trabalhava de empregada doméstica para os colonos descendentes de imigrantes europeus em troca de comida, não recebendo salário.

Esse relato demonstra que os negros estavam presentes na região, mas, por não possuírem condições financeiras de adquirir as terras através da compra, foram “convidados” (relato de Romilda Campos) ou “empurrados” (relato de Luiz Antônio Radmann) para outros locais menos produtivos. Assim, restou, para os negros e seus descendentes, o trabalho de empregados nas residências (trabalhos domésticos e na lavoura) ou nas fábricas.

Não foi possível confirmar a existência do mapa citado por Luiz Antônio, visto que não há registros do mesmo nas secretarias da Prefeitura Municipal de Pelotas.

No entanto, a partir das narrativas, é possível demarcar o núcleo central da Vila Nova, sendo este o primeiro a ser ocupado pelos moradores, com moradias e estabelecimentos comerciais e fabris, conforme a Figura 15.

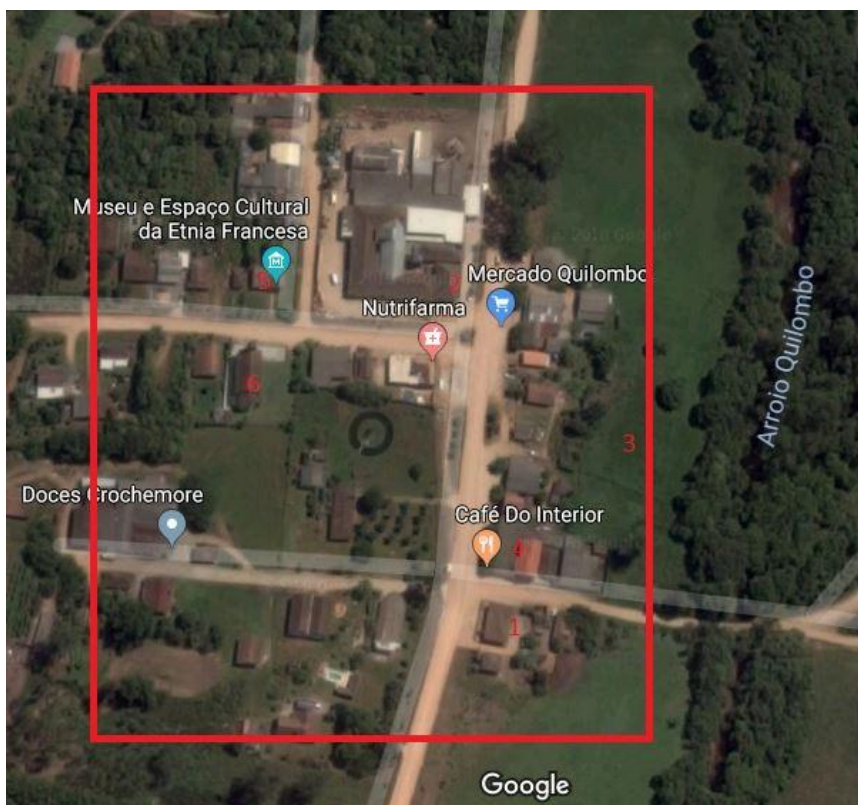


Figura 15 - Demarcação do Primeiro Núcleo da Vila Nova

Fonte: Organizado pela autora a partir do Googlemaps Legenda: 1: Casa de Edmundo Bachini; 2: Casa de Nestor Crochemore; 3: Antigo Campo de Futebol; 4: Antigo Salão de Baile e Grupo Escolar; 5: Antiga Escola Antônio Jose Domingues.

Luiz Antônio Radmann foi um dos depoentes que fala da existência de negros e índios na formação da Vila Nova. Até então todos se referiam aos descendentes de italianos, de alemães, de franceses, mas o negro não aparecia como morador da localidade. Segundo análise do próprio depoente, eles foram empurrados para fora das linhas que demarcaram esse território, demonstrando as disputas e os conflitos ocorridos na localidade. O que é confirmado no relato de Romilda Campos.

Sônia Maria Gouveia Crochemore, descendente de índio e de negro por parte de mãe, conta sua história:

Minha mãe se chamava Rosalina da Silva, meu pai era Wilmar Ney, mas não casou com a minha mãe, na época ele era noivo de outra e teve um caso com a minha mãe. Ela morava no Rincão do Andrade, nasci em 1953,

me criei com a minha avó materna, em 1965 eu vim pra Vila Nova. (CROCHEMORE, 2017).

No depoimento de Sônia Gouveia, ela conta que seu pai era descendente de franceses e sua mãe de índios e negros. Os dois não se casaram porque seu pai era noivo de outra moça, descendente de franceses, e a família não aceitava a relação do casal. Como ela relata, "o pai teve um caso com minha mãe", ou seja, sem compromisso, pois ela era uma "bugra". O pai não reconheceu Sônia como filha legítima e se casou com Romilda Romano.

Segundo Betemps (2006), "a família Ney inicialmente era proprietária de 40 hectares de terras em Santo Antônio, onde cultivavam parreiras", em 1933. Wilmar Ney mudou-se para Rio Grande antes do nascimento de Sônia, onde faleceu em 1996.

É possível perceber o preconceito da família e do próprio Wilmar em relação à Sônia, pois não se casou com sua mãe e não a reconheceu como sua filha, provavelmente por conta de sua etnia. Desse modo, percebe-se que as relações nem sempre eram pacíficas entre as diferentes etnias quando se tratava de negros e índios (bugres).

A depoente contou que sofreu muitos preconceitos por ser filha de "mãe solteira". Disse que não era permitida a sua entrada na igreja: "eu não podia entrar na igreja porque era filha de mãe solteira, a igreja não aceitava e nem batizava, eu fui batizada lá nos Quevedo, lá eles batizavam filhos de mãe solteira". Ela conta que, para entrar na igreja, o padre Reinaldo a colocou embaixo de sua Batina. "Pra mim poder entrar na igreja, eu entrava embaixo da batina do Padre Reinaldo, porque não aceitavam. Depois, com o passar do tempo, deixaram e eu fiz a primeira comunhão".

Sônia Gouveia conta que seus bisavós maternos vieram de Canguçu, do Rincão dos Maias. A família dos "Gouveia, eram descendentes de índios minha bisavó materna, meu bisavô materno era negro", conforme a Figura 16.



Figura 16 - Bisavós de Sônia Gouveia Crochemore.

Fonte: Álbum de Sônia

Ao lado de Sônia vestida de noiva está a bisavó de descendência indígena (Gouveia) e, ao lado do noivo, a bisavó de descendência negra (Silva). Ela conta que se casou aos 17 anos. Seu esposo é descendente de franceses e ela o conheceu na igreja São Pedro. A situação na colônia, segundo Sônia, não era nada fácil: “aqui não tinha médico, só uma parteira que fazia os partos, tinha muita doença, morria muita criança, e eu tinha que carregar pra enterrar”. Sônia Gouveia é a responsável pelo cemitério da Colônia Francesa.

A depoente diz que sempre foi uma sonhadora e que, apesar das dificuldades, estudou e conseguiu se formar, foi agente de saúde, conhece bem cada morador da Vila Nova, e cita o nome das primeiras famílias que ali se estabeleceram: “Escallier, Bachini, Ribes, Crochemore, Carnal, Arndt, Schiller, Radmann, Vergara são os primeiros moradores da Vila Nova”.

A pesquisa aponta que há um campo em disputa entre eles, onde as identidades e as memórias que buscam ser apresentadas como homogêneas, por parte dos narradores acima citados, vêm buscando ganhar e dar novos significados à história de sua formação. As narrativas se aproximam quando apontam as etnias que fizeram parte da formação da Vila Nova. Para eles, todas deveriam ser igualmente valorizadas, visto que todas contribuíram com a formação da Vila Nova.

As famílias que ali se estabeleceram adquiriram seus lotes através da compra de antigos colonizadores ou através de herança recebida em testamento por parte

de algum familiar como, por exemplo, a família Crochemore que, segundo Betemps(2006, p. 125),

[...] Depois de casar, Alfonso e Julieta vieram morar na Vila Nova em terras que herdou de seu padrinho Pedro Escalhier Filho, ali fazia o vinho e fabricava tijolos na olaria. Alfonso era proprietário de 40 hectares na colônia em 1933.

O que foi confirmado, após consulta ao inventário de Pedro Escalhier Filho no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, onde ele diz, entre outras coisas, que “[...] institui como seu herdeiro da terça de seus bens que ficarem após seu falecimento a seu sobrinho e afilhado Alfonso Elizeu Crochemore [...]” (INVENTÁRIO DE PEDRO ESCALHIER FILHO, 1906).

Na década de 1930, Edmundo Bachini comprou 18 hectares e 50 ares (18ha.50a.00) de terras de campo e lavoura na Colônia Santo Antônio e parte no Rincão do Andrade, no sétimo distrito de Pelotas. Sendo essas terras do Rincão do Andrade com divisas para a Estrada Geral, onde se formou a Vila Nova.

Após passar a residir na Vila Nova, em 1933, a família Crochemore se dedica à agricultura e, posteriormente, às atividades comerciais e industriais, contribuindo para a formação dessa localidade. De acordo com um folheto do candidato Nestor Crochemore para a administração do 7º distrito, em 1946 estabeleceu na Vila Nova uma indústria de conservas, uma carpintaria, uma ferraria e um posto de gasolina, todos estes empreendimentos localizados no mesmo terreno (Figura 17). Durante toda a década de 1950, a família investiu em indústrias de compotas e de doces.



Figura 17 - Casa comercial Crochemore.

Fonte: Acervo do Museu da Colônia francesa.

Os moradores que se estabeleceram inicialmente na Vila Nova foram a família Bachini, a família Crochemore, a família Carnal, a família Arndt, a família Altemberg, a família Heidrich, a família Jouglard, a família Geiger, a família Erbitch, a família Ney, a família Silva, entre outros. Pode-se dizer que todos eram proprietários de suas terras e trabalhavam com agricultura, comércio e indústria.

Neste capítulo, foi possível entender como se deu a formação da Vila Nova, as etnias que se fizeram presentes na localidade e como se concretizou a formação desse espaço, resultando das relações entre as diferentes etnias.

É importante destacar as atividades educacionais, econômicas e socioculturais que se desenvolveram na Vila Nova no período inicial da sua formação, visto que suas contribuições foram primordiais à construção desse território. Portanto, a seguir, será abordada a esfera das atividades educacionais no período da formação da Vila nova.

3.2 Atividades Educacionais

A Vila Nova, desde a década de 1940, pode contar com uma escola Estadual chamada de "Grupo Escolar Santo Antônio do Quilombo" (Figura 18).



Figura 18 - Grupo Escolar Santo Antônio do Quilombo Vila Nova 7º Distrito de Pelotas, 1942.

Fonte: Museu da Colônia Francesa.

A figura acima mostra o grande número de alunos que estudava no Grupo Escolar na década de 1940. Percebe-se que existe um número maior de meninos,

mas, nesse período, as meninas já se fazem presentes na escola. Alguns dos depoentes deste estudo estudaram nessa escola.

A escola funcionava na propriedade de Edmundo Bachini. No mesmo espaço que era usado para os bailes nos finais de semana, durante a semana era usado como sala de aula. Segundo as narrativas, Edmundo Bachini pediu ajuda ao engenheiro Coronel Cordeiro de Farias, que estava na colônia, para fazer a reconstrução de uma ponte na estrada principal que havia sido levada pela enchente em 1940, com a intenção de trazer uma escola para a localidade.

Edmundo Bachini cedeu ou alugou (as narrativas divergem quanto a este aspecto) o espaço para a Secretaria Estadual de Educação implantar o Grupo Escolar Santo Antônio do Quilombo, como se viu a sede na figura acima. A Escola começou a funcionar na década de 1940.

Essas informações demonstram que, após se instalar na localidade, os moradores buscavam melhorar as condições de vida da população. Também demonstram que Edmundo Bachini tomou para si a responsabilidade pela educação das crianças da Vila Nova. Ressalta-se que a escola mais próxima ficava na Colônia Francesa, distante da Vila Nova, o que dificultava o deslocamento das crianças.

Segundo Laidi Bachini, lecionaram nessa escola as professoras Eugenia e Neli, ambas eram de Porto Alegre e moravam na casa da família de Edmundo Bachini, junto à sede da escola. Elas tinham seus quartos separados e faziam as refeições com a família. As professoras, quando não estavam em sala de aula, ajudavam a cuidar de Ladi e de seus irmãos. A Figura 19, a seguir, mostra Eugenia e Neli.



Figura 19 - Primeiras Professoras do Grupo Escolar.

Fonte: Álbum particular de Laidi Bachini Bosenbecker.

Sobre a dinâmica dessa escola, Laidi Bachini Bosenbecker relata que as atividades eram bem variadas: “Tinha uma horta onde os alunos aprendiam a lidar com a terra (Figura 20), as meninas cuidavam das flores (Figura 21), tinha uma venda improvisada onde se aprendia a matemática prática, um time de futebol escolar para educação física (Figura 22), isso sem contar a parte teórica das disciplinas que se aplicava ali” (BOSEMBECKER, 2018).



Figura 20 - Horta.

Fonte: Álbum particular de Ladi Bachini Bosenbecker.



Figura 21 - Meninas e as flores.

Fonte: Álbum particular de Ladi Bachini Bosenbecker.



Figura 22 - Time de futebol da escola.

Fonte: Álbum particular de Ladi Bachini Bosenbecker.

Ivone Rickes, em seu depoimento, fala a respeito dessa primeira escola, dizendo que seu avô, Emílio Ribes, ajudou na construção da casa para a professora que lecionava ali, onde hoje é o supermercado do Schiller: “tinha um colégio ali que era do Estado, e tinha umas três professoras que trabalhavam ali e duas eram solteiras e paravam ali”.

Nelson estudou na Vila Nova quando criança, no Grupo Escolar Santo Antônio do Quilombo, e confirma que a escola era estadual e não tinha sede própria. As aulas eram ministradas no mesmo local onde eram realizados os bailes nos finais de semana, ou seja, na casa de Edmundo Bachini que foi alugada pela Secretaria Estadual de Educação. Ele relata:

Eu me formei no primário, fiz o curso primário na colônia estudei aqui, tinha um grupo escolar ai nessa esquina aqui, no tempo do Coronel Cordeiro de Farias, veio fazer a reforma da ponte, ai ele olhou muito pelo povo do interior, ai ele, daqui e dali, disse “isso é um vilarejo não tem escola, vou dar um jeito nisso”, ai fez um grupo escolar ai, alugou o salão de baile que tinha naquela época, botou professora de Porto Alegre, e tudo, foi até o 5° ano era estadual. (CROCHEMORE, 2017).

Antes disso, a escola mais próxima era na Colônia Francesa, Escola Joaquina Soares Pinheiro, assim denominada em homenagem à esposa de João Antônio Pinheiro, fundador da colônia Francesa, em 1930, junto ao obelisco.

Segundo Elaine Crochemore, o Grupo Escolar da Vila Nova passou a funcionar na Represa do Quilombo depois que Edmundo Bachini mudou-se da vila, em 1943. A depoente diz que, quando Edmundo Bachini vendeu suas terras, seu avô, Alfonso Elizeu Crochemore, fez uma doação do terreno para a Prefeitura construir a Escola Municipal Antônio José Domingues, em 1949, porque “[...] ele já tinha uma bateladinha de netos, ele teve seis filhos e os três filhos mais velhos já estavam sendo pais”. Entre 1943 e 1949 a Vila Nova ficou sem escola.

O terreno foi doado à Prefeitura Municipal de Pelotas por Alfonso Elizeu Crochemore, descendente de franceses, e sua esposa Julieta Geiger Crochemore, descendente de alemães, para que se executasse a construção do prédio onde se instalaria a escola.

O fato mostra uma preocupação com a institucionalização da educação na localidade. Inicialmente, as aulas eram ministradas no salão de bailes, com verba estadual para contratação das professoras. Quando Edmundo Bachini vendeu sua propriedade e deixou a Vila Nova, o Grupo Escolar mudou, segundo relatos, para a

Represa do Quilombo, ficando a localidade sem escola. Para suprir a necessidade de educação das crianças da localidade, Alfonso Crochemore doa o terreno (Figura 23) para a construção de uma nova escola, desta vez, municipal.

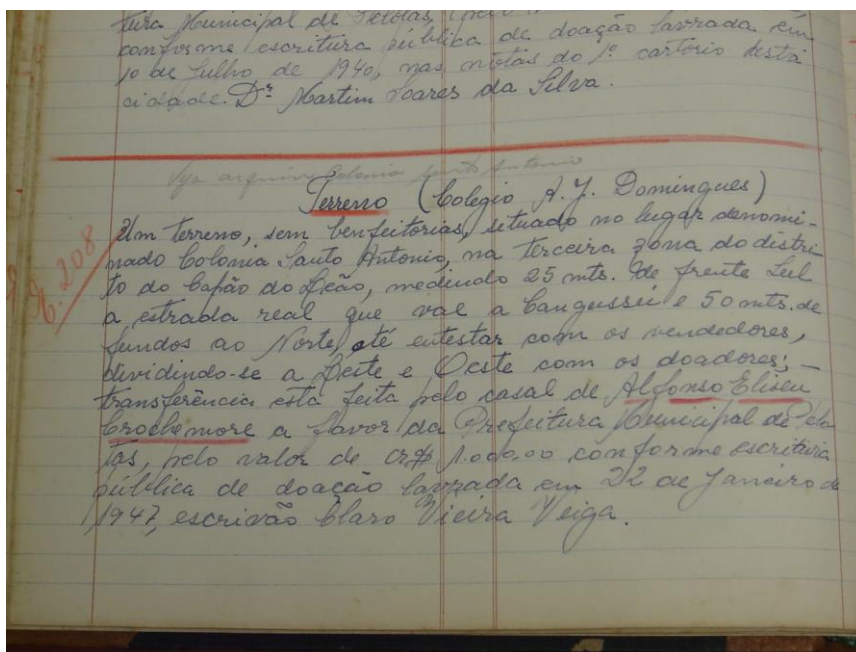


Figura 23 - Registro de doação do terreno onde foi construída a Escola Livro de registros de posses da Prefeitura Municipal de Pelotas, 1947.

Fonte: Museu do Saneamento de Pelotas.

A escola atendia 29 alunos matriculados do primeiro ao quarto ano primário, tendo como professora a Senhora Alzira de Oliveira Rodrigues. A “Escola Municipal Antônio José Domingues” foi inaugurada pelo então prefeito Joaquim Duval, no dia 28 de agosto de 1949, como mostra a Figura 24.



Figura 24 - Inauguração da Escola (1949).

Fonte: Museu da Colônia francesa.

No ato de inauguração estiveram presentes os alunos. Pela fotografia, nota-se que boa parte das crianças era meninas, entre elas alguns meninos. Da esquerda para a direita, estavam algumas autoridades e pessoas de destaque da localidade, tais como os Senhores Pedro Bachini Sobrinho, Claro Vieira Veiga, Lino Emílio Ribes, Hélio Crochemore, Alfonso Elizeu Crochemore, Nilo Augusto Crochemore, Nelson Antônio Crochemore, Senhora Alzira de Oliveira Rodrigues, primeira professora da escola, e Nestor Elizeu Crochemore, filho de Alfonso.

Segundo a narrativa do Padre, o senhor Nestor Elizeu Crochemore teve uma grande contribuição na formação da Vila Nova, ajudando na construção da igreja e também da escola, e “[...] ele também trabalhava na fábrica”, salienta Capone e continua: “[...] ele era um líder, não só líder de iniciativas, mas também em cultura. Ele trazia assim muitas iniciativas para a comunidade em geral”. Percebe-se que Nestor Crochemore foi importante para o desenvolvimento de atividades educacionais na Vila Nova, pois foi ele quem doou o terreno para a construção de um prédio específico para a escola na localidade.

Analisando os depoimentos, pode-se afirmar que existiram, na Vila Nova, duas escolas entre a década de 1930 e 1960, uma estadual e outra municipal. O que se pode perceber, analisando a parte educacional durante a formação da Vila Nova, é que os moradores contribuíram para que escolas fossem instaladas na localidade, pois Edmundo Bachini alugou ou cedeu o espaço em seu salão de baile para as atividades da Escola Estadual e Alfonso Elizeu Crochemore doou parte de sua propriedade para a construção da Escola Municipal, no final da mesma década.

A primeira escola era estadual, aberta no início da década de 1940. O modo de ensino, segundo aos entrevistados, era diferenciado, visto que as aulas eram teóricas e práticas, algo que as tornava mais atrativas e facilitava o aprendizado na época. A segunda escola era municipal e foi inaugurada no final da mesma década, em 1949, funcionando na localidade até o final da década de 1970. Uma nova escola foi construída em 1975, denominada “Escola Municipal de Ensino Fundamental Nestor Elizeu Crochemore”, demonstrando a importância de Nestor para a educação na localidade.

Havia um ponto em comum entre a primeira e a segunda escola: as professoras precisavam se alojar no local onde lecionavam. Laidi conta que casou em 1954 e voltou a morar na Vila Nova, lecionava na escola Antônio José Domingues e residia na sede da escola que hoje abriga o Museu. Eram duas salas,

uma de moradia para as professoras e a outra para dar as aulas. Nessa época, segundo ela, estavam construindo a Igreja São Pedro, na frente da Escola.

Nas fotografias analisadas, referentes à parte educacional, não se percebe a presença de afrodescendentes, o mesmo pode ser notado nas fotografias referente ao lazer, o que se aproxima das narrativas que destacam que o negro se inseria na localidade apenas como mão de obra.

Como foi colocado anteriormente, a parte educacional esteve presente na Vila Nova, visto que o ensino sempre foi tratado com devida importância pelos moradores da localidade.

A seguir será abordada a esfera das atividades religiosas na Vila Nova desde o período da sua formação.

3.3 Atividades Religiosas

Os moradores da Vila Nova, ou boa parte deles, segundo as narrativas, eram católicos, mas não havia igreja na comunidade. Assim, as missas eram realizadas nas casas ou salão/escola. Como aponta dona Laidi: “não tinha igreja, o padre ia periodicamente ao salão ou no colégio, a criação da igreja eu já era casada, eu me casei em 1954”.

Padre Capone também fala a respeito das missas no início da formação da Vila Nova. Segundo ele, não importava o lugar e sim a celebração da missa, porque o padre celebrava até mesmo em um galpão. Posteriormente é que a igreja foi construída, como relata o padre: “primeiro foi feita de tijolo. Antes eles tinham uma venda lá, e na venda que eles celebravam a santa missa”.

Essas informações demonstram a importância que tinha a religião e as missas para os moradores da Vila Nova que, mesmo a igreja não estando construída, o Padre vinha até a localidade para rezar as missas, independentemente de onde elas ocorriam.

É importante destacar que o "centro" da vila era a casa do Edmundo Bachini, ali tinha o armazém, a escola, os bailes, o time de futebol. E também as missas eram realizadas nessa casa.

Padre Capone nos mostra o documento (Figura 22) com o histórico de criação da Igreja São Pedro na Vila Nova, onde consta que foi por iniciativa de Daniel

Capdeboscq que surgiu a intenção de construir uma capela, por volta de 1940, junto ao cemitério dos franceses, próximo à Vila Nova. Mas com sua morte, em 1947, isso não se concretizou. Daniel Capdeboscq morava na Colônia Francesa e seu desejo era que a capela fosse construída na referida colônia junto ao cemitério. No entanto, isso não ocorreu, visto que a capela foi então construída na Vila Nova.

Segundo o documento, em 1952, Nestor Elizeu Crochemore retoma a ideia de construção da capela e doa o terreno para que a ela seja construída na Vila Nova, ficando acertado que São Pedro seria o padroeiro da capela. Isso porque, segundo Betemps (2010, p. 127), “[...] era por evocação o santo protetor de Pedro Escallier filho, antigo proprietário do terreno”, herdado por Alfonso Crochemore, pai de Elizeu Crochemore. Da mesma forma que, como destacado anteriormente, na parte educacional, Nestor Elizeu Crochemore doou o terreno para a construção da Escola Antônio José Domingues, ele o fez para a construção da Capela São Pedro.

Em 29 de junho de 1952, foi festejado o lançamento da pedra fundamental com a presença do Bispo D. Antônio Zattera. Passados quatro anos, em 13 de maio de 1956, foi realizada a primeira missa pelo monsenhor Jacob Lorenzette. Em 24 de maio de 1958, foi realizado o primeiro casamento, sendo os noivos Ernesto Rickes e Ivone Ribes, tendo como celebrante o Padre Reinaldo Wiest.

Desse modo, observa-se que a construção da igreja se deu somente na década de 1950, porém, antes disso, o padre da igreja da Colônia Maciel era responsável pela realização de missas, que ocorriam na escola, no salão de bailes, dentre outros locais.

A comunidade religiosa só se organizou posteriormente. A primeira diretoria da comunidade São Pedro foi empossada em cinco de outubro de 1969, sendo Nestor Elizeu Crochemore presidente, Silvino Bettin vice, Lindolfo Bachini secretário e Pedro Ney, tesoureiro.

Segundo Betemps (2006), os sepultamentos, até 1888, eram feitos em um campo, onde hoje está o salão de festas da comunidade da Vila Nova. Segundo o autor, em entrevista com o senhor Lino Ribes, constatou-se que este primeiro cemitério teve origem de uma escolta policial que veio de Pelotas para dar combate aos quilombos, isso em agosto de 1835. O antigo cemitério começou a desaparecer depois que a família Loy proibiu novos sepultamentos no local (BETEMPS, 2006).

O cemitério da Vila Nova ficava próximo à capela onde hoje está a Escola Nestor Elizeu Crochemore, também próximo a um córrego, que servia de caminho

para os negros que fugiam das fazendas dos charqueadores para dentro dos cerros. Segundo Ávila (2014), ali teria acontecido um confronto, sendo os mortos enterrados no campo onde hoje é a horta, atrás da escola Nestor Elizeu Crochemore. Não existe nada que identifique a existência do antigo cemitério naquele local, mas ele aparece nas narrativas e é citado por Ávila (2014) e Betemps (2009).

Sônia Gouveia afirma que na foto (Figura 25) é possível ver, atrás da construção do salão da Comunidade São Pedro, a imagem de cruz de madeira indicando sepulturas no local.



Figura 25 - Construção do Salão da Comunidade São Pedro.
Fonte: Álbum de Sônia.

Segundo Betemps (2017), o Cemitério da Colônia Francesa de Santo Antônio do Quilombo teve sua origem em 1888, em terras de Pedro Escallier. O primeiro sepultamento foi o de Jean Jacques Jouglard, cujo corpo foi impedido de ser sepultado no cemitério antigo devido a uma cheia no arroio Quilombo. Assim, pediram para Pedro Escallier, que deu permissão, para, no alto da colina, criar um novo cemitério. O cemitério está a dois quilômetros da Vila Nova, sede do Sétimo Distrito do Município de Pelotas.

Sônia Gouveia é administradora do cemitério e diz que "no cemitério existe as alas, é dividido por alas, e tem famílias de descendentes franceses, italianos, alemães, negros e índios". Ela conta que, no começo, os negros eram enterrados no chão, porque não tinham dinheiro para fazer os túmulos. Ela afirma, ainda, que antes de se formar o cemitério, já estava enterrada uma negra no local. Segundo Sônia, tem um marco de madeira (toco) para indicar a sepultura. Ela viu muitos serem sepultados nas covas cheias de água, quando chovia. Isso fez com que ela, aos

poucos, fosse sensibilizando as pessoas para adotarem essas sepulturas e fazer de tijolos.

A Figura 26 mostra a pedra com a denominação do cemitério.



Figura 26 - Lápide do cemitério.

Fonte: Betemps.

Segundo Betemps (2017), esta é a relação das famílias enterradas no cemitério da Colônia Francesa: Borges, Brum, Capdeboscq, Carré, Charnaud, Chollet, Colomby, Conceição, Costa, Crochemore, Cuoco, Daunis, Doro, Escallier, Ferreira da Silva, Fouchy, Fuseri, Geiger, Gerber, Girou, Gomes, Guiot, Heimberg, Herrmann, Hirschmann, Holz, Jansen, Jouglard, Kezinski, Laroque, Longchamp, Machado, Magallon, Martin, Mendes, Molina, Ney, Paap, Pastorello, Peverada, Potenza, Radmann, Raffi, Ribes, Robe, Rodrigues, Rosso, Schafer, Schiller, Schubert, Silveira, Staith, Sturbelle, Tietz, van Gysel, Weirich, Zandona.

O cemitério leva o nome de "Sociedade do Cemitério Santo Antônio dos Franceses", porque a doação do terreno foi feita por Pierre Escallier, descendente de franceses, porém, isso não impede que todos os sócios, independentemente de descendência étnica, enterrem ali seus entes queridos.

No decorrer deste capítulo, foram apresentadas as atividades religiosas nas primeiras décadas de formação da Vila Nova, destacando a realização das missas, a criação da capela e dos cemitérios onde eram feitos os sepultamentos dos mortos. Para dar continuidade a este estudo, na sequência, será abordada a esfera das atividades econômicas na Vila Nova desde o período da sua formação.

3.4 Atividades econômicas (agricultura, comércio, indústria).

De acordo com Grando (1990), João Antônio Pinheiro organizou, inicialmente, um núcleo colonial com imigrantes franceses que estavam na colônia de São Feliciano. A colônia, oficialmente, foi denominada Colônia Santo Antônio, mas, como os primeiros moradores foram os imigrantes franceses, acabou conhecida em grande parte como colônia Francesa de Santo Antônio. A autora diz que, segundo os depoimentos dos descendentes, as primeiras plantações foram feijão e milho e, enquanto esperavam a colheita, juntavam plantas nativas de goiabeira e aroeira com o propósito de vender nos curtumes de Pelotas, para tingir o couro (GRANDO, 1990). No entanto, foi com a alfafa e a uva que Santo Antônio adquiriu notoriedade. Segundo a mesma autora, a produção da viticultura era de grande intensidade.

Como demonstrado anteriormente, a Vila Nova se constituiu a partir de diversos moradores que vieram para a localidade. As atividades produtivas do local se desenvolviam de acordo com suas experiências anteriores. As famílias de descendentes de pomeranos (alemães) trabalhavam na lavoura, como afirma seu Luiz Antônio Radmann, morador da Vila Nova:

O Colono de origem alemã, nunca teve muito destaque assim, porque era extremamente tímido, trabalhava na agricultura, não era da área comercial e nem da área industrial. (RADMANN, 2018).

No depoimento acima, percebe-se que os descendentes alemães e pomeranos se dedicavam basicamente à agricultura.

Radmann salienta que os descendentes alemães que se estabeleceram na Vila Nova logo se adaptaram à agricultura, sendo, na maioria das vezes, a única alternativa possível, pois a agricultura era o trabalho que eles sabiam fazer.

Ivone Rickes também destaca a agricultura como atividade presente na Vila Nova:

Antes das fábricas todos trabalhavam na agricultura, depois parreiras, faziam vinho, meu avô era dono da Quinta Pastorelo, o Emílio Ribes. Depois veio o pêssego. (RICKES, 2017).

Ivone Rickes se refere à Colônia Francesa, onde a atividade principal no início era a agricultura. Sobre as atividades da Quinta Pastorelo, que se localizava na Colônia Francesa, a ficha catalográfica exposta por Bach (2009) discorre o seguinte:

A Quinta Pastorelo foi fundada por Augusto Pastorello, italiano, casado com uma francesa, que veio para o Brasil com uma leva de imigrantes franceses para fundar uma colônia em São Feliciano no RS. Como esse empreendimento não deu certo, adquiriu lotes, em 1880, na Colônia Santo Antônio em Pelotas. Estabeleceu-se e começou produzindo vinho em seu estabelecimento. Mais tarde, em 1900, juntamente com um filho, passou a produzir compotas de pêssego na propriedade. Em 1930, ampliaram a fábrica para melhor atender a produção que nessa época era bastante artesanal. Até mesmo os rótulos eram confeccionados na fábrica. A mão-de-obra utilizada nas atividades fabris era das redondezas, composta por poucos homens e, na grande maioria, mulheres e meninas. Em 1951, chegou a ter em torno de duzentos e cinquenta funcionários safristas e dez permanentes. Além do pêssego produziam compotas de figo, conservas de ervilha e pessegada. Grande parte da produção de compotas era comprada pela empresa Joaquim Oliveira, de Pelotas, que remetia os produtos, através do porto do município de Rio Grande, para o Rio de Janeiro e São Paulo, para representantes que comercializavam para o resto do país. O restante da produção era comercializada em Pelotas e Rio Grande. No começo da década de 1960, a empresa passou a trabalhar “por comissão” para empresas maiores. Em 1972, encerraram as atividades. (BACH, 2009, p.94).

Na década de quarenta, começaram a surgir mais opções de comércio e trabalho na Vila Nova. Além do armazém de Edmundo Bachini, que era administrado por ele próprio, teve a chegada dos Crochemore que, antes da instalação das fábricas, tiveram uma olaria, uma ferraria, uma marcenaria, uma oficina mecânica e uma bomba de gasolina, segundo a depoente Clésis Crochemore:

Tinha a olaria do tio Nilo Crochemore, que meu pai também foi sócio dele, uma oficina mecânica também começou com ele, e nos meus primeiros anos de vida ele construiu a venda, numa casa de madeira. Ai ele construiu uma casa em frente onde é a fábrica do Nilo e da Angelita, aquela casa de material, tem até a data ali 1940, colocou a bomba de gasolina, chamada na época, não era elétrica era manual, a gente bombeava, enchia tipo copão lá em cima de quantos litros a pessoa queria e depois despejava ali. Ai enquanto isso, concomitante a minha mãe e nós cuidávamos da venda e ele começou a construir a fábrica que hoje é do Lino, da Angelita. (CROCHEMORE, Clésis Niara, 2016).

A partir de então, a localidade foi se expandindo com a criação do comércio varejista de produtos coloniais de Elizeu Crochemore, onde era possível encontrar, além de gêneros alimentícios, material de ferragem, bazar, gasolina, entre outros. Em 1946, a família ainda dispunha de uma ferraria, uma carpintaria e uma fábrica de

doces artesanais que, na década de 1950, tornou-se uma indústria de conservas, em funcionamento até hoje na Vila Nova.

Sobre as atividades econômicas, Angelita Crochemore afirma:

[...] Antes de 1950 já existia a carpintaria, já faziam estruturas de madeira, depois teve um posto de leite, trabalhavam com vinho, distribuição de lenha, a princípio essa era a base da economia (CROCHEMORE, 2017).

Quando Edmundo Bachini mudou-se da Vila Nova, o comércio se manteve, então, com a família Crochemore que, além da venda, prestava outros serviços na localidade, visto que tinha uma bomba de gasolina manual para abastecer os veículos, facilitando a vida dos moradores da localidade. No mesmo espaço, tinha a oficina mecânica para fazer o conserto dos veículos quando necessário, sem precisar ir à cidade. Ali também havia uma olaria, que fornecia os tijolos para as novas construções na Vila Nova.

Em 1949, a família Crochemore construiu uma indústria para produção, engarrafamento e comercialização de vinhos, bebida de uva e de laranja na localidade.

Os franceses trouxeram consigo o modo de fazer o vinho, os doces, as conservas artesanais. Parte dessa história está representada na expografia do Museu da Colônia Francesa, que está situado na Vila Nova. Luiz Antônio Radmann comenta sobre o desenvolvimento econômico da região:

Desenvolveu-se a indústria de compotas nessa região em função da influência francesa, então se tinha muita pequena indústria, aqui era um polo, hoje com a emancipação do Arroio do Padre, com a perda de território do município de Pelotas não é mais, isso aqui sempre foi considerado o centro geofísico (RADMANN, 2018).

Alcir Bach (2009) em sua dissertação, que versa sobre o Patrimônio Industrial Rural, remete-se à Vila Nova quando fala do registro das fábricas no 7º distrito. Segundo ele, a primeira fábrica registrada e localizada na Vila Nova foi em 1952, de propriedade de Néelson Crochemore, descendente francês, com o nome fantasia de Indústrias Reunidas Crochemore. Essa fábrica encerrou as atividades em 1971. No entanto, anterior a 1952 essa fábrica já estava em funcionamento, mas de maneira informal, desde o ano de 1946, com a denominação de Indústria de Conservas de Nestor Elizeu Crochemore.

Em sua narrativa Sônia Gouveia, assim como Romilda Campos, conta que as mulheres trabalhavam na roça e na fábrica de conservas. Sônia e suas primas aparecem na Figura 27, abaixo, no pátio da fábrica dos Crochemore. Ao fundo da imagem também se verifica a Escola Antônio José Domingues.



Figura 27 - Mulheres na Fábrica da Família Crochemore (S/d).

Fonte: Álbum de Sônia Gouveia.

Segundo Bach (2009), em 1950, Nelson Crochemore começou a trabalhar com pêssego em uma antiga cantina de vinho. O mesmo autor conta que, em 1952, Nilo Crochemore faz sociedade com o irmão, Nelson Crochemore, e Fuad Abdala, da Cidade de Rio Grande, e começam a fabricação de compotas de pêssego de forma artesanal, utilizando um equipamento bastante simples com o apoio técnico de Reinaldo Maia, da cidade de Rio Grande. A fábrica era denominada Indústrias Reunidas Crochemore e estava localizada na propriedade de Nelson Crochemore, sendo que o prédio foi construído por Nilo Crochemore. A fábrica chegou a produzir cerca de 30 mil latas por safra.

Os proprietários, Nilo e Nelson, visitavam sempre as fábricas Quinta Pastorello e de Daniel Capdeboscq, na Colônia Francesa, para aprenderem um pouco mais. O trabalho de processamento, rotulação e colocação em caixas era todo feito na fábrica, após, seguia para Rio Grande, onde começava o trabalho do sócio Fuad Abdala Nader, que era a comercialização. Desfizeram a sociedade em 1954 e Nilo ficou com o prédio, pois estava fazendo sociedade com outro irmão, Nestor Crochemore, conforme Figura 28, permanecendo com a fábrica até 1964. (BACH, 2009).


FABRICAS		
Identificação	Fantasia:	
	Proprietário: Nilo Crochemore	
	Razão Social:	
Registrada	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Grupo étnico: Francês
Localização:	Colônia: Vila Nova	Distrito: 7ª
Atividade	Início: 1952	Término: 1964
		
Entrevistado: Eva Crochemore		Nasc.: 1952 Data: 25/03/1978

Figura 28 - Ficha de catalogação da fábrica.

Fonte: Alcir Bach, 2009.

Pela ficha catalográfica, é possível ver que essa fábrica funcionou de 1952 a 1964.

Fizeram um segundo pavilhão pequeno, constituindo-se outra fábrica, a primeira a usar motor a vapor e a primeira na colônia a “pelar” os pêssegos com soda cáustica. Tudo era manual, a “recravadeira” era tocada a mão. Essa fábrica funcionou de 1952 a 1971.

Após desfazer a sociedade com o irmão Nilo, Nelson foi trabalhar sozinho “por comissão”, produzindo cerca de 10 mil latas/safra para a fábrica *Red Indian*. Em 1968, começou novamente a enlatar, trabalhando com Lino Bauer, Ernesto Ney e Paulo Mülling, como mostra a Figura 29. Essa fábrica se localizava na propriedade de Nelson Crochemore na Vila Nova, próximo à outra fábrica. Nelson terminou com as atividades na última fábrica em que atuou por estar endividado, em 1971.

FABRICAS		
Identificação	Fantasia: Indústrias Reunidas Crochemore	
	Proprietário: Nelson Crochemore	
	Razão Social:	
Registrada	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não	Grupo étnico: Francês
Localização:	Colônia: Vila Nova	Distrito: 7ª
Atividade	Início: 1952	Término: 1971
		

Figura 29 - Ficha de catalogação da fábrica.

Fonte: Alcir Bach.

Padre Capone conta que teve um problema sério com as fábricas Crochemore, que chegaram, segundo ele, a ir a leilão. Ele interferiu para evitar que elas fossem leiloadas. Observa-se um sentimento de pertencimento àquela localidade por parte dele e de que se orgulha disso:

Então o juiz, a turma toda, antes de abrir o júri ele perguntou se era pra vender todo, um conjunto todo, ou partes. Eu percebi naquela época, que o pessoal de Pelotas queria leiloar particular. A fábrica e o terreno dos Crochemore. E eu, pedi que fosse junto, que era mais difícil. E ninguém aceitou. Depois deram um valor, não sei quanto. Deram um valor e o juiz não aceitou, e, deu mais valor, o juiz também não aceitou, então, aí o Banco do Brasil assumiu aquilo. O Banco do Brasil ficou, e Crochemore pagou a dívida pelo trabalho, vendendo frutas, vendendo doces em Pelotas. E nessa época começou a feira em Pelotas! Eles começaram a trabalhar e aí com isso, ele pagou a dívida do Banco do Brasil. (CAPONE, 2016).

Esse episódio narrado pelo Padre mostra o envolvimento dele com o fator econômico do grupo daquela localidade e a importância que teve a sua participação nessa ação coletiva.

Para Capone, a coletividade é muito importante nos grupos, de tal forma que é através dela que eles se reconhecem e permanecem unidos. O resultado dessa ação manteve o funcionamento da fábrica, que continua funcionando na Vila Nova até hoje. A fábrica se localizava ao lado da casa do proprietário, por vezes, até se confundindo com a própria residência. A Figura 30 retrata o trabalho que era feito no dia a dia por Néelson Crochemore.



Figura 30 - Nelson Crochemore, s/d.

Fonte: Museu da Colônia Francesa.

Bach informa sobre a fábrica de Conservas Sulmar, de propriedade de Nestor Elizeu Crochemore, que começou as atividades em 1954 e encerrou em 1976.

Nestor Elizeu Crochemore era sócio do irmão Nilo Crochemore e trabalhava “por comissão” para as indústrias maiores. Essa sociedade terminou em 1964. Paralelamente, Nestor construiu o seu prédio e criou, em 1959, a “Conservas Sulmar”, processando pêssegos e outros produtos.

O prédio da Figura 31 abriga a Indústria de Conservas Crochemore, atualmente em atividade na Vila Nova.

FABRICAS		
Identificação	Fantasia: Conservas Sulmar	
	Proprietário: Nestor Elizeu Crochemore	
	Razão Social:	
Registrada	(X) Sim () Não	Grupo étnico: Francês
Localização	Colônia: Vila Nova	Distrito: 7ª
Atividade	Início: 1954	Término: 1976
		

Figura 31 - Ficha de catalogação da fábrica.

Fonte: Alcir Bach.

Devido à importância de Nestor Elizeu Crochemore para a Vila Nova, principalmente pela sua participação nas atividades econômicas, destaca-se, a seguir, algumas de suas principais contribuições para a localidade.

Em 1955, Elizeu Crochemore adquiriu um dos primeiros caminhões brasileiros MWM com capacidade para 10 toneladas. Assim, poderia transportar as cargas de produtos que eram produzidos na Vila Nova para venda.

Foi em 1958 que a Vila Nova teve seu primeiro posto de serviços de revenda de produtos derivados do petróleo. Em 1959, Elizeu Crochemore construiu a fábrica de conservas alimentícias “Sulmar” na localidade.

Na década de 1960, a Vila Nova estava em pleno desenvolvimento econômico. Nela foi implantada uma usina hidrelétrica com capacidade de 75HP para eletrificar a localidade sem ônus para os moradores (localizada na Cachoeira Paraíso). Nesse período, teve início o transporte da primeira produção leiteira,

quando foi criado um posto de resfriamento de leite, prestando serviços para a COLATI (atual COSULATI), com recepção e resfriamento do leite produzido no Quilombo – 7º Distrito de Pelotas.

A fábrica Crochemore também começou a fazer o enlatamento de legumes produzidos pelos moradores da localidade para as grandes indústrias da cidade de Pelotas, gerando renda e contribuindo para o desenvolvimento local.

Segundo Bach (2009), além das fábricas da família Crochemore, existia outras fábricas na Vila Nova, como a indústria de Conservas Lorena (nome fantasia), propriedade de Otto Osvaldo Bauer, descendente de alemães, que funcionou de 1952 a 1957.

De 1958 a 1960, funcionou a fábrica de Carlito Saalfeld, descendente de alemães. Posteriormente, na década de 1960, foram abertas as fábricas de José Luiz Rodrigheiro, descendente de italianos (1962/1971), e de Otávio Beskow, descendente de alemães (1968/1972). Isso demonstra que, a partir do desenvolvimento das fábricas da família Crochemore, outros estabelecimentos começaram a industrializar o pêssego, principalmente na localidade de Vila Nova.

Como exposto anteriormente, a maioria das fábricas na Vila Nova operavam no mesmo espaço onde residiam seus proprietários. Na década de 1950, havia pomares de pêssegos e oliveiras nas terras desses proprietários de indústria.

Ademais, ainda que os negros sejam parte dos grupos étnicos desse lugar, eles aparecem sempre como subalternos na Vila Nova. Segundo as narrativas, trabalhavam nas fábricas, nas lavouras e nas residências dos colonos europeus.

Na Figura 32, pode-se perceber a presença de trabalhador negro nas atividades agrícolas. Supõe-se, assim, que os negros eram contratados para o trabalho rural, auxiliando a mão de obra familiar, algo comum naquela época.



Figura 32: Trabalhadores Rurais.

Fonte: Museu da Colônia Francesa.

A população negra não podia participar das mesmas atividades de lazer e religiosas que os “brancos”. Segundo Padre Capone, na localidade, tinha o baile de “brancos” e o de “negros”. A missa também não era frequentada por eles, e, quando iam, não podiam se sentar junto com os “brancos”, ficando de pé ao fundo da igreja. Nas imagens fotográficas analisadas, como as das escolas, por exemplo, não aparecem alunos negros. Já nos álbuns de famílias aparecem raramente imagens de algum familiar negro, geralmente mulher, e as narrativas justificam o fato: “minha bisavó era bugra”, ou seja, negra ou descendente de negro e índio.

Com relação ao trabalho na Vila Nova, é cabível dizer que, no início, a agricultura era exercida tanto pelos descendentes alemães, como pelos franceses e italianos. No entanto, os descendentes de alemães (pomeranos) se destacaram por manter sempre esse ramo de trabalho, visto que os descendentes de italianos eram mais do comércio e os descendentes franceses da área industrial.

E essa atividade caracterizou o crescimento da economia na Zona Rural de Pelotas por várias décadas, mesmo com pequenas indústrias artesanais. A década de 1950 representou o crescimento, o apogeu dessas indústrias, o que gerou mais empregos e maior renda à Vila Nova. Quando a família Bachini deixa o local, a família Crochemore aparece como dominante no setor industrial e como fonte de geração de empregos na localidade.

3.5 Atividades socioculturais (bailes, futebol, festas)

Este subcapítulo abordará as atividades socioculturais existentes na Vila Nova no início de sua formação. Para tanto, pode-se pontuar essas atividades como formas de lazer, tendo como objetivo a ocupação do tempo vago com o repouso, com o divertimento ou com o entretenimento dos moradores da localidade.

Considerando a diversidade conceitual de lazer, o objetivo aqui é entender como os moradores da Vila Nova usufruíam o tempo quando não estavam trabalhando.

Devido à importância do tema, é possível referenciar Dumazedier, visto que, ele criou um dos conceitos mais adotados em trabalhos sobre lazer (FERREIRA, 2010, p. 17). Assim, lazer é:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou a sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (DUMAZEDIER, 1973, p. 34).

Percebe-se, por essa definição, que o lazer é uma forma de aproveitamento do tempo ocioso para descansar do trabalho e se divertir da forma que lhe é conveniente e prazerosa.

Assim, embora a vida na colônia tivesse associada ao trabalho, algumas formas de lazer eram promovidas na Vila Nova, como, por exemplo, os bailes, os jogos de futebol, as festas da igreja, os aniversários e os casamentos.

Neste trabalho, vou tratar das formas de lazeres públicos e não privados como aniversários, casamentos e batizados. Alguns desses tipos de lazer são relatados pelo Padre Capone:

Olha o lazer propriamente eram; faziam festas, faziam festas nas famílias e como não tinha muita cerveja era o vinho. O vinho eles tinham, cerveja não tinham, porque a marca dos franceses era um vinho especial, que faziam. Ribes, por exemplo, chegou a exportar vinho. O futebol veio mais tarde. Acredito que eles faziam bailes, só que havia o baile dos negros e o baile dos brancos (CAPONE, 2016).

Analisando a fala do padre, percebe-se que na época havia preconceito étnico na realização dos bailes na Vila Nova. Na localidade, existia somente o Salão

de Edmundo Bachini, assim, conclui-se que só era permitida a entrada de brancos nos bailes.

Em razão disso, os negros realizam seus próprios bailes. Edith também destaca que “os negros não podiam dançar nem entrar no salão [do baile dos “brancos”], tinham direito de tomar o café, mas separados. Junto ao salão de baile tinha um quarto pras crianças dormirem e uma sala pra servir o café” (JOUGLARD, 2011).

Esse depoimento mostra a forma de exclusão dos negros nos bailes. Eles podiam ficar na cozinha, onde serviam o café, poderiam ajudar a servir aos presentes no baile, mas não poderiam se inserir junto a eles no salão. Os negros se constituíam como mão de obra na economia, pois eram os empregados das lavouras e das fábricas, na igreja não podiam entrar e nos bailes não era permitido dançar.

Clésis Crochemore descreve sobre os bailes em seu livro de poesias "Era uma vez lá fora". Ela conta que os convidados chegavam cedo ao salão, antes mesmos dos músicos afinarem os instrumentos. A dona do salão jogava talco no assoalho para facilitar o deslizar da dança. Os pares se formavam pelo olhar, pois não era permitido rejeitar o convite para dançar. Se o moço não era o pretendido, dançava a primeira música e agradecia a próxima dança. Os namorados não podiam dar as mãos, pois recebiam advertência do proprietário do salão que supervisionava os namoros. À meia-noite, descia uma bonequinha do teto, era o "Traval", composto por três músicas onde as moças podiam convidar os rapazes para dançar. No intervalo, os rapazes tomavam um ar e as moças se dirigiam a um quarto que possuía espelho e cama para as crianças. No início da madrugada, eram servidos cafés com cucas, pães, galinha assada e broinhas. Se a moça aceitasse o convite do rapaz para a mesa do café, era sinal de prenúncio de namoro ou compromisso de par certo para o próximo baile.

A descrição do baile mostra que este era um espaço importante de lazer e de sociabilidade dos jovens da Vila Nova. Era um espaço para ver e ser visto, para arrumar um namorado, um futuro esposo. Pode-se dizer que esse foi um espaço importante para as relações interétnicas entre os descendentes de imigrantes europeus em específico, uma vez que aos afrodescendentes não era permitido dançar.

Maciel (2013), quando analisa os bailes na zona rural de Pelotas, também entrevista Clésis Crochemore, frequentadora do salão de Valter Carnal. Segundo a

entrevistada, nos bailes havia as paqueras, a troca de olhares, e o interesse do rapaz pela moça ficava claro quando ele a convidava muitas vezes para dançar: “Se acabava dançando três, quatro músicas, tá, então já estava ficando ‘de par’... ‘De par’ era ficar junto, um próximo do outro, sem se tocar! Parava a música e ficava parado, assim... E aí conversava um pouco e tal. E loucos que começasse a música, porque aí a gente se distraía [...]” (CROCHEMORE apud MACIEL, 2013, p. 88).

A filha de Edmundo Bachini, em seu depoimento, aponta os locais das atividades de lazer que existia na época da formação da Vila Nova, promovidas pelo seu pai, como sendo o salão de baile e o time de futebol.

Quando Edmundo Bachini deixou a Vila Nova, “o seu Valter fazia os bailes. Ele comprou o salão de baile que antes era do seu Edmundo também” (RADMANN, 2018). Não encontramos relatos de quando foi fechado definitivamente o salão de baile na Vila Nova.

Em relação aos bailes na colônia, Bach (2009) afirma que os principais deles faziam parte de um calendário “oficial” – Baile de Natal, Baile de Ano Novo, Baile de Páscoa e Baile da escolha da rainha da colônia que, segundo ele, era um dos mais expressivos.

Os moradores da Vila Nova também relacionavam a fé ao lazer. Além da missa que era frequentada por eles, também faziam festas para celebrar datas importantes, mesmo antes da construção da igreja.

O Padre relata que esse convívio social se manteve como tradição, com a celebração das festas anuais da comunidade São Pedro. O local também reúne a comunidade da Vila Nova para celebrar datas importantes dos moradores e sócios da igreja:

Fizemos festas grandes ali, do padroeiro, tem também aniversários, tudo, qualquer aniversário pessoal, aniversário da família, toda a infraestrutura, tem o salão, tem mesa, tem talheres, tem louça, sanitários, tudo pronto. Então a pessoa que é sócia lá, chamada dizimista, ela quase não paga nada, só uma parte lá parece que meio salário, quem é dizimista, o chamado dizimista que participa da comunidade ou outros que vem, eles têm que pagar um salário mínimo (CAPONE, 2016).

No entendimento de Elaine Crochemore, o futebol é um dos meios de lazer e de encontro da comunidade, assim como a festa anual da igreja que foi citada pelo Padre. Segundo ela, a festa acontece no mês de março, reunindo os moradores da

zona rural. No início, havia os bailes, que era uma das formas de entretenimentos que existia na colônia, a depoente salienta que, “fora isso, não tinha mais nada”.

Segundo Oliveira (2017, p. 24):

O primeiro registro que temos sobre jogos na zona rural de Pelotas foi da partida realizada em 1912, entre o Monte Bonito e o Arranca Toco. Como nesse período o futebol estava se disseminando por todos os lados do país, era de se esperar que ele chegasse à zona colonial pelotense. Infelizmente não é possível precisar o início dessa prática, acredito que anteriormente a essa data os imigrantes que residiam na região já praticavam o futebol.

O time Vila Nova se formou em 1938, tendo um caráter amador⁸. O clube se reorganizou em 1960 e obteve um estatuto, também redefiniu suas cores para azul, branco e preto, que, antigamente, eram verde e branco, segundo as narrativas. Cristiano Gerhke (2013, p. 194) pontua:

Os jogos de bola realizados na zona rural do município geralmente eram jogos amistosos, realizados entre as equipes vizinhas. Eram organizados campeonatos coloniais, onde apenas equipes oriundas do interior do município poderiam participar. O futebol amador teve grande representatividade em meados do século XX.

Percebe-se que o futebol estava presente dentro do contexto social da colônia, como uma forma de encontro e lazer. Oliveira (2017, p. 31) afirma que

a prática do futebol como forma de lazer para as equipes da colônia de Pelotas é algo corriqueiro. O lazer sempre esteve presente na vida dos indivíduos, desde a antiguidade, até os dias atuais. Sofreu algumas reformulações de significados. O lazer que nos propomos a falar é o do século XIX e XX, aquele que faz o contraponto entre o trabalho e o não trabalho.

A partir das narrativas, percebe-se que o tempo de lazer dos moradores da Vila Nova era nos finais de semana, com os bailes, nos sábados ou nos domingos, e com os jogos de futebol e festas na igreja aos domingos. Isso porque, provavelmente, os dias da semana eram dedicados ao trabalho na terra ou na indústria.

O senhor Luiz Antônio Radmann fala sobre formação do time de futebol da Vila Nova e salienta que o futebol era uma das poucas opções de lazer da colônia,

⁸ Entendemos como futebol amador aquele que difere do profissional, praticado não como forma de sustento, mas como algo associado ao seu lazer, não tendo a rigorosidade de treinamentos nem de aspectos que envolvem o futebol enquanto profissão.

assim como a festa anual da comunidade religiosa, como apontou Elaine Crochemore e o Padre Capone, anteriormente.

O time de futebol foi criado nos fundos do comercio, nos anos 30, 38, parece que foi. Depois eu não sei como parou, a história da reorganização se deu no início dos anos 60, 62. O time de futebol Vila Nova era Verde e branco, eu não sei se era Boa Esperança da Vila Nova ou Vila Nova da Boa Esperança, ai mudou de cor quando se deu a reorganização e todos eram gremistas, então se colocou as cores do grêmio. (RADMANN, 2018).

Sabe-se que o time de futebol Vila Nova foi criado em 1938 pelo senhor Edmundo Bachini. Analisando as falas dos depoentes, percebe-se que o time ficou desativado por alguns anos. O motivo pelo qual isso aconteceu não foi revelado por nenhum dos entrevistados, parece que tal episódio faz parte de uma memória bloqueada que deve ser esquecida. Já a reorganização e o retorno do clube é motivo de orgulho para os depoentes. “É um time marcante, desde 65 vem participando de campeonatos, nunca deixou de disputar um certame, sempre teve o seu público fiel”, diz Luiz Antônio Radmann.

No início de suas atividades, o campo do time de futebol Vila Nova era nos fundos da propriedade do senhor Edmundo Bachini. Com o passar dos anos, o time ganhou um novo espaço, mudando-se para os fundos da Escola Nestor Elizeu Crochemore:

O campo mudou lá pra cima em 91, 92, na forma de comodato, enquanto existir o Vila Nova o campo vai ser ali, se acabar o terreno volta pra sociedade de ensino do Quilombo. O Vila Nova preserva seu convívio, é a opção de lazer assim como a festa da comunidade, antigamente tinha outras como carreiras hoje não. O futebol é apontado como uma das principais formas de lazer da zona rural, juntamente com as festas religiosas (RADMANN, 2018).

Percebe-se que a religiosidade está presente no cotidiano do lazer e do trabalho desta comunidade. Analisando as falas dos entrevistados, é possível afirmar que as festas da igreja, os bailes e os jogos no campo do time de futebol Vila Nova são apontados como as principais formas de lazer dos moradores.

Padre Capone sempre foi uma figura muito respeitada pelos moradores da comunidade, além da orientação religiosa, ele se fazia presente para auxiliar na solução dos problemas que surgiam, como agir em defesa da fábrica de Nelson Crochemore evitando que ela fosse leiloada. Essas relações mostram uma forte união entre a igreja e a comunidade, que se estende ao campo do lazer, nas festas

religiosas e também fora do âmbito direto da igreja, como os jogos esportivos e os bailes que ali eram realizados. Segundo Maciel(2013, p.48-49),

as missas, que eram geralmente realizadas nos finais de semana e eventualmente durante a semana (no caso de alguma missa de 7º dia, por exemplo) constituíam um lugar de sociabilidade na colônia. No entanto, a participação da igreja na vida cotidiana que envolve o lazer e a sociabilidade não se resume à celebração de missa, mas também à organização de festas comemorativas.

A religiosidade aproximava os moradores da comunidade através de festividades, assim como o time de futebol criado por Edmundo Bachini, que tinha a capacidade de reunir os moradores em eventos e possibilitava atividades paralelas, como bailes e festas.

O time de futebol amador se consolidou na Vila Nova, estando em atividade até hoje. Segundo o diário de Lino Ribes, a data de criação e de estreia do time de futebol Vila Nova no Bachini foi “23 de outubro de 1938”, conforme a Figura 33.

A secretária do time Camile Rosso Schiller nos diz que a data oficial de inauguração é outra: “[...] o Vila Nova ele teve a data dele de criação na verdade 20 de novembro 1938”. Embora já tivessem jogado uma partida em 23 de outubro de 1938, conforme mostra a Figura 33.

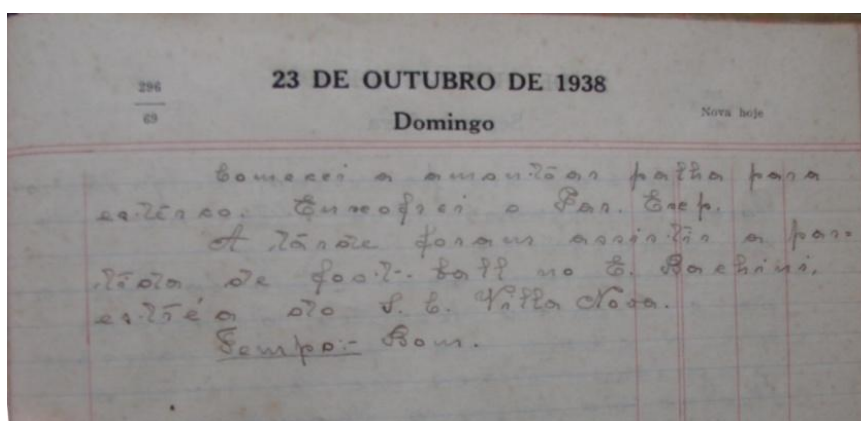


Figura 33 - Diário de Lino Ribes.

Fonte: Diário de Lino Ribes: autora (2017).

O futebol colonial era uma forma de ampliar o relacionamento e interagir com pessoas de diversos lugares da colônia. Havia vários clubes de futebol na região:

(...) na localidade de Morro Redondo que, em 1942, construiu[-se] o Estádio do Índio; na localidade de Bachini, surgiu o estádio Claudemiro Bachini; em

Ponte Cordeiro de Farias, o Campo do Centenário; e na localidade de Grupelli, o Campo do Grêmio Esportivo Boa Esperança que, conforme Paulo Ricardo Grupelli, foi fundado por Hermógenes Grupelli, em 21/01/1924, estando até hoje em atividade. (BACH, 2009, p.158).

O futebol e os bailes eram eventos sociais que movimentavam a colônia, além de diversão, geravam renda também, assim como os armazéns ou "vendas", como eram chamados por alguns moradores. Maciel (2013, p. 54) afirma que "além da comercialização de produtos, os armazéns tornam-se pontos de encontro entre os moradores, homens na maioria das vezes, para beber e jogar cartas". Esses locais passam a ganhar uma nova dimensão no imaginário da Vila Nova, não mais vista como um lugar de venda e compra, mas também de relações afetivas, de memórias e lazer. Sobre isso, Vieira (, 2009, p. 58) afirma que,

Como os armazéns sempre foram pontos de referência para a comunidade colonial, alguns acabaram congregando em suas proximidades certa concentração de casas e serviços, como aconteceu com o Gruppelli que acabou se tornando uma localidade.

Entendo que, da mesma forma, isso aconteceu também na Vila Nova, com o Armazém de Edmundo Bachini, dando início à formação daquela localidade. Além disso, o armazém era um ponto de referência para a comunidade, visto que ali era o "centro da Vila".

Através da análise das entrevistas, foi possível compreender a importância do armazém à origem da Vila Nova. Isso porque, por meio das entrevistas, é possível afirmar que o armazém originou o nome da Vila Nova, e não o time de futebol mencionado por alguns depoentes, pois o estabelecimento foi a primeira atividade exercida por Edmundo Bachini depois da construção da casa na localidade. Logo após ele abriu o Salão de Baile e o time de futebol, fazendo uso do mesmo nome, Vila Nova.

A Vila Nova agregou diversas etnias, peculiaridades culturais, hábitos e diferentes olhares entre si, mas cada um respeitando o espaço do outro, mostrando que é possível interagir dentre os grupos e conviver em harmonia, mesmo que não se defina uma identidade étnica para o local. Cada grupo traz consigo traços de sua cultura que são partilhados por eles, atribuindo novos significados de representação ao longo do tempo naquele espaço.

No caso da Vila Nova, a etnicidade é um fator muito forte, cada grupo busca de certa forma manter o domínio de representação das particularidades de sua cultura e identidade social, mas, ao mesmo tempo, buscam a integração da memória social selecionando traços comuns entre eles, como a escola, a igreja, as festas, os bailes, os jogos de futebol, entre outras maneiras de convivência mútua. Os grupos não perdem por isso sua identidade, mas dão a ela um novo significado de representação junto à diversidade que unifica os grupos, valorizando as características individuais e coletivas ao longo do tempo.

Essas relações interétnicas envolvem tanto boas relações de amizade quanto disputas identitárias, bem como semelhanças e diferenças. Na Vila Nova, isso não é diferente, seus moradores têm um diferencial que apontam os laços familiares como um traço forte de convivência entre eles, já que o descendente francês casou com o descendente alemão, que casou com o descendente italiano.

Os franceses que vieram para a Colônia Santo Antônio, em Pelotas, trouxeram consigo o modo de cultivar vinhedos e pomares, a prática de conservas de frutas também sempre esteve presente na alimentação desses imigrantes, que produziam compotas, doces em pasta, passas cristalizadas. Esse conhecimento não só incentivou o consumo de frutas como mostrou outras formas de consumi-las. A família Crochemore, que em 1940 passa a morar na Vila Nova, instalando as fábricas artesanais de doces e conservas, contribuiu para o desenvolvimento econômico da localidade.

Segundo Radmann, os pomeranos (alemães), por sua vez, trabalhavam na agricultura. Eles sempre foram muito religiosos, o sentimento de pertencimento estava ligado à religião, assim como o lazer. E também se preocupavam com a educação de seus filhos.

Os italianos eram voltados mais para o comércio, como o caso do Senhor Edmundo Bachini, apontado pelos entrevistados como um dos primeiros moradores da Vila Nova, que foi por ele denominada. A análise das entrevistas também apontou que a família Bachini exercia o domínio político no sétimo distrito. Em 1948, Artur Bachini foi eleito vereador da cidade de Pelotas. Em 1952, Pedro Bachini Sobrinho também foi eleito vereador da cidade de Pelotas, reelegendo-se em 1956 e 1960, e sucessivamente por mais dois mandatos.

Paulo Gruppelli, que foi subprefeito da localidade, conta que ganhou a eleição do então candidato Nestor Elizeu Crochemore, que pela primeira vez disputava um cargo público na década de 1980.

Sobre a política na Vila Nova, Radmann afirma:

A influência política do Bachini era muito forte, mesmo que a influência econômica da Vila Nova fosse mais ousada, o centro político era o Bachini, dali saiu vereador, deputado estadual do PSD, oposição ao PTB, tinha bastante influencia. (RADMANN, 2018).

Dessa forma, pode-se compreender como ocorreu a formação da localidade e as atividades desenvolvidas por seus moradores. Se por um lado os espaços de sociabilidade compartilhados entre as pessoas eram os espaços que os uniam quando ali se estabeleceram, por outro esses espaços também demarcavam as diferenças sociais existentes entre os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como finalidade identificar as etnias presentes na formação da Vila Nova no 7º distrito de Pelotas – RS. A repetição de discursos nas narrativas sobre questões relacionadas à etnicidade ligadas ao passado é muito forte. Os sobrenomes de parte das primeiras famílias descendentes de imigrantes que se estabeleceram naquele espaço são mencionados com frequência. Isso possibilita averiguar que esse lugar se construiu a partir dos encontros de vários grupos distintos. É um local onde viveu famílias descendentes de diversas etnias, sendo que algumas permanecem lá até hoje.

Uma das primeiras famílias a se estabelecerem naquela localidade foi a de Edmundo Bachini, descendente de italianos, na década de 1930. É dessa família a primeira casa construída na Vila Nova, onde foi aberto um armazém, um salão de baile, um time de futebol. A família também disponibilizou o local para a abertura do Grupo Escolar, ou seja, os descendentes italianos participaram das atividades econômicas, sociais e educacionais da localidade. Segundo as narrativas, esse conjunto de fatos deu origem ao nome da localidade Vila Nova.

A segunda família que ali se estabeleceu, de acordo com as narrativas, foi a de Alfonso Crochemore, em 1933. Essa família também contribuiu para o desenvolvimento do local.

Na mesma época, a família Carnal, descendente de alemães, chegou à região. Ela trabalhava na produção agrícola e, dessa forma, contribuíram para o desenvolvimento econômico daquela localidade.

Os negros, índios e bugres também participaram da formação da Vila Nova e contribuíram em conjunto com todos os outros grupos que originaram aquele espaço. Mesmo não tendo direito à terra, foram mão de obra e trabalhavam como empregados dos imigrantes europeus.

Os descendentes de italianos eram mais ligados ao comércio, os descendentes franceses a parte industrial, os descendentes alemães a agricultura e os negros (bugres) como prestadores de serviço aos demais.

Um ponto em comum entre os descendentes italianos e franceses moradores da Vila Nova foi a preocupação com a educação desde a sua formação. Exemplo disso são as ações de Edmundo Bachini que, inicialmente, cedeu ou alugou o salão

de baile para que durante a semana funcionasse a escola, e de Elizeu Crochemore, que doou o terreno para a construção da primeira escola municipal quando Edmundo deixou de ser morador da Vila Nova.

As fotos analisadas nesta pesquisa evidenciam aspectos de uma realidade vivida no passado, lembrada pelos entrevistados e revivida diariamente. Vale salientar que nas fotografias relacionadas às escolas da Vila Nova não aparecem alunos negros.

O lazer já era promovido pelos descendentes italianos e a religiosidade era praticada pelos franceses, italianos, alemães. Em contrapartida, os negros eram excluídos tanto da igreja quanto do lazer e da educação.

No caso da Vila Nova, a representação das diferentes etnias divide as características dos grupos, ao mesmo tempo que encontram símbolos identitários que os unem pela convivência diária.

Apesar da localidade ser formada pela mistura dessas diversas etnias, a única que vem sendo preservada e representada dentro da comunidade através do espaço museal é a francesa, visto que o Museu faz referência em sua denominação a esses imigrantes. Com base nas minhas análises, os descendentes franceses não abrem espaço para que as outras etnias presentes na formação da Vila Nova tenham igual valorização de sua história, ainda que todas tenham contribuído igualmente na formação desse espaço.

Esta pesquisa procurou trazer as diferentes etnias que formaram a Vila Nova e suas contribuições, para que elas possam ser lembradas de forma igualitária por todos da comunidade, visto que isso é o desejo da maioria dos moradores.

Os descendentes franceses justificam a importância do Museu que representa a etnia francesa: a troca do nome da instituição, sugerida pelos moradores da Vila Nova, acarretaria em uma grande perda para a história em nível nacional, pois é o único Museu brasileiro da Etnia francesa e internacional, visto que é conhecido na França e visitado, periodicamente, por franceses em visita ao Brasil. Nota-se, portanto, que Esse é um impasse que precisa ser resolvido com cuidado, analisando-se o contexto da Vila Nova estabelecendo o diálogo e interagindo com os grupos sobre as interpretações, que por eles são consideradas importantes, sobre a diversidade das origens étnicas da comunidade.

REFERÊNCIAS

RIBES, Lino. Diário Pessoal. 1930.

Acervo Fotográfico do Museu da Colônia Francesa.

Álbuns de família, CROCHEMORE, Clesis; BOSEMBECKER, Laidi, GOUVEIA, Sônia.

SCALLIER, Pedro. Inventário.

Registros fotográficos

BACHINI, Edmundo. Registros de imóveis.

Fontes Orais

Entrevista realizada pela autora, com Padre CAPONE, Luiz, 2016.

Entrevista realizada pela autora, com BACHINI, Rubens,

Entrevista realizada pela autora, com a SCHILER, Camile Rosso,

Entrevista realizada pela autora, com a CROCHEMORE, Clésis Niara, 2016.

Entrevista realizada pela autora, com a CROCHEMORE, Maria Lucia, 2017.

Entrevista realizada pela autora, com CROCHEMORE, Nelson Antônio, 2017.

Entrevista realizada pela autora, com RIBES, Maria Elaine Crochemore, 2017.

Entrevista realizada pela autora, com GRUPPELI, Paulo, 2018.

Entrevista realizada pela autora, com RADMANN, Luiz Antônio, 2018.

Entrevista realizada pela autora, com GRUPPELI, Angelita, 2017.

Entrevista realizada pela autora, com CROCHEMORE, Sônia Maria, 2017.

Entrevista realizada pela autora, com JOUGLARD, Edith, 2011.

Entrevista realizada pela autora, com RICKES, Ivone Julieta Ribes, 2017.

Entrevista realizada pela autora, com BOSEMBEKER, Laidi Bachini, 2017.

Disponíveis no Banco de dados de história oral do Museu da Colônia Francesa.

(http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil)

(<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/historico>)

(<http://escolacrochemore.blogspot.com.br/p/objetivos.html>)

(<https://www.google.com.br/search?q=leandro+ramos+betemps&oq=betemps+leandr&ags=chrome.2.69i57j0l2.32080j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>)

(<http://pelotascultural.blogspot.com/2010/11/manuel-padeiro-lider-quilombola.html>)

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ÁVILA, Cristiane Bartz de. **Entre esquecimentos e silêncios: Manuel Padeiro e a memória da escravidão no distrito de Quilombo**. 2014. 183f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Curso de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

BACH, Alcir Nei. **O Patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em Pelotas – 1950 a 1970**. 2009. Dissertação (Mestrado em memória Social e Patrimônio Cultural) – ICH/UFPEL, 2009.

BARTH, Fredrik (Ed.). **Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference. (Results of a symposium held at the University of Bergen, 23rd to 26th February 1967.)**. Universitetsforlaget, 1969.

BETEMPS, L.R. **A Colônia Francesa de Pelotas e seus Acervos Culturais: Memória, História e Etnia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2009.

BETEMPS, L.R. Relato sobre a criação do museu da colônia francesa de pelotas. **Cadernos do LEPAARQ**, v. XII, n. 24, 2015.

BETEMPS, Leandro Ramos. **Vinhos e Doces ao som da Marselles: um estudo sobre os 120 anos da tradição francesa na colônia de Santo Antônio em Pelotas**. Pelotas: Educat, 2006.

BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BURKE, Peter. **O que é história Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e Cultura Popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

ELLIS JR., Alfredo. **Populações paulistas.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

FERREIRA, Verônica da Silveira. **As práticas de lazer dos moradores de Cerrito Alegre, 3º distrito de Pelotas/RS.** 2010. Monografia. Curso de Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas, 2010.

FETTER, Leila Maria Wulff. **A colonização ocorrida na área rural de Pelotas na segunda metade do século XIX.** 2002. 1300 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). UNISC: Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul [RS], 2002.

FLEMING, Sheila Bárbara Padilha. **Relações entre museu e comunidade: o estudo de caso do Museu da Colônia Francesa.** 2014. Monografia. Curso de Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

FONSECA, Marlene Matos da. **O MUSEU DA COLÔNIA FRANCESA: um estudo de caso a cerca de suas ações educativas.** Monografia (Graduação). Instituto de Ciências Humanas, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

FUNARI, Pedro Paulo A.; PELEGRINI, Sandra C. A.; RAMBELLI, Gilson (Orgs.). **Patrimônio Cultural e Ambiental: questões legais e conceituais.** São Paulo: Annablume, Fapesp, 2009.

GARCIA, Ticiane Pinheiro. Um museu étnico: preservando a memória da imigração italiana na Colônia Maciel, Pelotas/RS. **Anais do VII Seminário de História do Rio Grande do Sul: imigração e Cultura.** Pelotas: NPHR/UFPEL, 2015, p. 83 - 89.

GEHRKE, Cristiano. **Imigrantes italianos e seus descendentes na zona rural de Pelotas/RS: representações do cotidiano nas fotografias e depoimentos orais do Museu Etnográfico da colônia Maciel.** 2013. 405 f. Dissertação (Mestrado em

Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

GRANDO, Marines Zandavalli. **Pequena agricultura em crise: o caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul**. 1990. Tese. Porto Alegre: Fundação de Economia Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1990.

_____. A colonização Europeia não Portuguesa no Município de Pelotas. **Ensaio FEE**. Porto Alegre: 5(2): 47-55, 1984.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Como trabalhar com "raça" em sociologia. Educação e pesquisa, Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 93-107, jan./jun. 2003.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton; BECKER, Bertha K. et al. **Território, 143 territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006, p. 43-71.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ICOM. Mesa-Redonda de Santiago do Chile – 1972. In: **A memória do pensamento museológico contemporâneo – documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995.

IOTTI, Luiza Horn (org.). **Imigração e colonização: legislação de 1747-1918**. Porto Alegre: Assembleia Legislativa do Estado do RS; Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 6, mai./ago. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v3n6/v3n6a06>. Pdf. Acesso em: 28 fev. 2017.

LEMOS, Maria Teresa Brittes Moraes; ALVES, Nilson. **Memória e Construção de Identidade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

LIMA, Maria Imaculada da Fonseca. **Paisagem, território e sistemas agrários: um estudo em São Lourenço do Sul**. 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado em

Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

LOZANO, J.E.A. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006, p.15-25.

MACIEL, Luisa Lacerda. **Os bailes da colônia**: memória, sociabilidade e patrimônio cultural da zona rural colonial de pelotas (RS). 2013. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

MARCONDES, Marli. A importância da conservação fotográfica na reconstrução da memória. **Revista de Educação do Cogeime**, ano 11, n. 20, jun. 2002.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, p.73-98, 1996.

MEIHY, J. C.; HOLANDA, F. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto: 2007.

MILHEIRA, Rafael Guedes. Um Modelo de Ocupação Regional Guarani no Sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, n. 18, p. 19-46, 2008a.

_____, Rafael Guedes. **Arqueologia Guarani no litoral sul do Brasil 1º**. 2014.

_____, Rafael Guedes. **Território e estratégia de Assentamento Guarani na Planície Sudeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste - RS**. 2008b. 224 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-graduação do Museu de Etnologia e Arqueologia, Universidade de São Paulo, 2008b.

MILHEIRA, Rafael Guedes; ULGUIM, Priscilla Ferreira. Uma contribuição para a zooarqueologia em sítios guarani no litoral sul do Brasil, Laguna dos Patos, Pelotas – RS: estratégias de assentamento, aspectos alimentares e função de sítio. **Clio Arqueológica**, Recife, UFPE, v. 23, n. 1, p. 84-107, 2008.

NORA, Pierre. Professora de história. In: **Entre História e memória: a problemática dos lugares**. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, L. H. P. **Futebol Colonial Pelotense: O Lazer e a Sociabilidade**. 2017. Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharelado em História. Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

OLIVEIRA, Valeska Fortes. Educação, memória e história de vida: usos da história oral. **História oral**, Recife, v. 8, n. 1, p. 92-106. Jan./jun. 2005.

PANOFISKY, Erwin. **O significado nas artes visuais**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PEIXOTO, Luciana da Silva. Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisas. 2003. Monografia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

PELOTAS. Livro de Atas da Associação Auxiliadora da Colonização em Pelotas. **Museu da Biblioteca Pública Pelotense**, vls. 10 e 476, p. 1849-55.

PEÑAFIEL, Adriana Paola Paredes. **Modos de vida e heterogeneidades das estratégias de produtores familiares de pêssego da região de Pelotas**. 2006. 157 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PESTANA, Marlon Borges. A tradição ceramista Tupiguarani na planície costeira central do Rio Grande do Sul, Brasil. **Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio**, Pelotas, v. VIII, n. 15/16, p. 83-111, 2011.

ROCHA, Tatiana Caetano. **Estudo de público do Museu da Colônia Francesa: os que visitam e os que não visitam e suas razões**. 2013. Monografia (Graduação em Bacharelado em Museologia). Curso de Graduação em Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de Fronteira: Um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul**. 2004. 241 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 2004.

SALAMONI, Giancarla. **Produção Familiar Integrada ao C.A.I. Brasileiro: a produção de pêssego no município de Pelotas - RS**. 1992. 458 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 1992.

_____. A imigração alemã no Rio Grande do Sul: o caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, Pelotas, v. 7, p. 25-42.

SANTOS, S.M; ARAUJO, O, R; História Oral: vozes, narrativas e textos. **Cadernos de História da Educação**, n. 6, jan./dez. 2007.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. In SCHMITZ, Pedro Ignácio (ed.). **Documento 5. Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS**. São Leopoldo, RS, Brasil, 2006. p. 31-64. 125

_____. O Sítio Lagoa dos Índios e o Povoamento Garani da Planície Costeira do Rio Grande do Sul. In. _____. **Documentos 11. Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil**. Instituto Anchieta de Pesquisas – UNISINOS. São Leopoldo, RS, Brasil, 2009. p. 89-133.

SEYFERTH, G. As identidades dos imigrante e o Melting Pot Nacional. **Revista Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, n. 14, p. 143-176, nov. 2000.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a Nação: Hierarquias Raciais e o Papel do Racismo na Política de Imigração e Colonização. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. Santo (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

SILVA, Karen Melo da. **Patrimônio cultural, ruralidade e identidade territorial: diversidade na Colônia de Pelotas – RS**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

SOUZA, Eliana Menezes de. **Inclusão e exclusão comunitária no Museu da Colônia francesa: um estudo de caso**. 2015. 78 f. Monografia (Graduação). Instituto de Ciências Humanas, Bacharelado em Museologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. Rios da Bacia do Prata: fronteiras do Mercosul, eixos do Horizonte Cultural Guarani. In: GT 05 Povos Indígenas e Fronteiras Internacionais: uma perspectiva antropológica - 26ª Reunião Brasileira de Antropologia ABA, 2008, Porto Seguro - Bahia. **Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia ABA**, 2008.

TEIXEIRA, Paulo Fabres. **A presença Guarani na região de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil**: apontamentos para uma revisão a partir do diálogo intercultural. 2014. 126 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação

em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VALÉRY, Paul. Del'histoire. In: **Regards sur lê monde actuel**. Ouvres II. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1960.

ULLRICH, Carl Otto. As colônias alemãs no Sul do Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 57-74, 1984. Curso de Pós-graduação da Universidade Católica de Pelotas. 2002.

ULLRICH, Carl Otto. As Colônias Alemãs no Sul do Rio Grande do Sul. In: **História em Revista**. Pelotas. Núcleo de Documentação Histórica: Ed. Universitária / UFPel, 1999.

VIEIRA, Margareth Acosta. **Uma rua chamada Gruppelli: memórias reveladas pela fotografia**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

WEBER, R. Estudos Étnicos e historiografia. In: **Simpósio Nacional de História – ANPUH**, 22, João Pessoa: UFP, 2003.

WILLEMS, Emilio. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro, Globo, 1950.

ANEXO

Roteiro

Objeto: Entrevista Temática gravada para dissertação de mestrado acadêmico de História da UFPel

Cedente:

Cessionária: A acadêmica Eliana Menezes de Souza

Data: Horário: Contato: Local:

O senhor(a) permite que esta entrevista seja gravada, utilizada na minha dissertação de mestrado sobre a formação da Vila Nova e depois disso passe a pertencer ao Banco de Dados de História Oral do Museu Da Colônia Francesa?

Nome:

Idade:

Profissão:

Naturalidade:

Etnia:

1. Qual o nome de seus bisavós?
2. De onde eles eram?
3. Qual o nome dos seus avós?
4. Qual o nome de seus pais?
5. A quantos anos o senhor(a) mora aqui na Vila Nova?
6. O senhor (a) poderia falar um pouco sobre a localidade da Vila Nova?
7. Porque Vila Nova?
8. Como surgiu?
9. Em que ano?
10. Como era chamada essa localidade antes de ser denominada como Vila Nova?
11. Quais foram as primeiras famílias que vieram morar aqui?

12. O senhor(a) conhece a família de Edmundo Bachini? Eles foram os primeiros moradores da Vila Nova?
13. No que os moradores da Vila Nova trabalhavam na época?
14. Como se dava a participação dessas famílias na comunidade religiosa?
15. Como funcionava a parte educacional?
16. Qual era a atividade de lazer?
17. Tinha atividades culturais?
18. Como o senhor vê a Vila Nova hoje?
19. O senhor tem ideia de onde começava e onde terminava a Vila Nova?
20. Se fossemos fazer um mapeamento o que poderíamos considerar como Vila Nova?
21. O que mudou nessa comunidade com o passar dos anos?
22. Quais os aspectos considerados importantes pelo senhor para o desenvolvimento da Vila Nova?
23. O senhor poderia indicar algumas pessoas que contribuíram pra formação da Vila Nova para futuras entrevistas?
24. O senhor teria algum material, fotografias, algo que possa ser útil a essa pesquisa, que a gente possa escanear?
25. Tem algo que o senhor deseja acrescentar?

Muito obrigado!